

EDITORIAL

Neste número, completamos vinte edições da nova fase da revista da **ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA**.

Contamos, mais uma vez, com a ajuda prestimosa de nossos confrades, além da colaboração de professores da Universidade Federal do Acre: **LUISA GALVÃO LESSA KARLBERG e MARIA JOSÉ SOARES (LENDAS ACREANAS); JOÃO CARLOS DE CARVALHO (AS INVENÇÕES DO CARÁTER: O BRASIL DE TANTOS ROSTOS A PARTIR DE UMA FENOMENOLOGIA DO DOMÍNIO PSICOLÓGICO DA MATÉRIA. e**

Esses artigos trazem uma relevância extraordinária, pois apresentam um excelente panorama linguístico de tão importante região brasileira:

O PROF. **AMÓS COÊLHO DA SILVA** escreveu o artigo **CELSO CUNHA E O ENSINO DO PORTUGUÊS**, em homenagem ao centenário de nascimento do grande gramático. Também o Prof. **ANTONIO MARTINS DE ARAÚJO**, e a MESTRA **CILENE DA CUNHA** homenagearam Celso Cunha.

De **ANTONIO NUNES MALVEIRA** temos **CÂNDIDO JUCÁ, O ALTRUISTA**.

. **O ALIENISTA” DE MACHADO DE ASSIS: UM ESTUDO DE CRÍTICA TEXTUAL EM TEMPOS DE AUTORITARISMO** é contribuição da Mestra **CEILA MARTINS**.

.....**CLAUDIO CEZAR HENRIQUES** nos trouxe o artigo **FORMAÇÃO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS: vale a pena ler de novo**

O Mestre **EVANILDO BECHARA** escreveu **MACHADO DE ASSIS E O SEU IDEÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA**.

OS CÓRNICOS é de **JOÃO BITTENCOURT DE OLIVEIRA**.
REMEMORANDO O MEU ANTECESSOR – CÂNDIDO JUCÁ FILHO é trabalho da Prof.^a **MARIA ANTONIA DA COSTA LOBO** – (ABRAFIL E UERJ), já falecida.

Finalmente, a Prof.^a **TEREZINHA MARIA DA FONSECA PASSOS BITTENCOURT** contribuiu com **A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Para o segundo semestre de 2017, planejamos editar a revista de número XXI.

.....**MANOEL P. RIBEIRO**
.....**EDITOR**

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	7
MANOEL. P. RIBEIRO	

ENSAIOS

CELSO CUNHA E O USO DO PORTUGUÊS	8
AMÓS COELHO DA SILVA	

CELSO CUNHA, FILÓLOGO PLURAL.....	16
ANTÔNIO MARTINS DE ARAÚJO	

CÂNDIDO JUCÁ. O ALTRUÍSTA.....	18
ANTÔNIO NUNES MALVEIRA	

O ALIENISTA DE MACHADO DE ASSIS: UM ESTUDO DA CRÍTICA TEXTUAL EM TEMPOS DE AUTORITARISMO.....	21
CEILA MARIA FERREIRA BATISTA	

O CENTENÁRIO DE CELSO CUNHA,.....	34
CILENE DA CUNHA PEREIRA	

FORMAÇÃO DO LÉXICO: vale a pena ver de novo.....	40
CLAUDIO CEZAR HENRIQUES	

MACHADO DE ASSIS E SEU IDEÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA. EVANILDO BECHARA.....	63
O CÔR.NICO.....	69
JOÃO BITTENCOURT DE OLIVEIRA	

AS INVENÇÕES DO CARÁTER: O BRASIL DE TANTOS ROSTOS, A PÁTRIA DE UMA FENOMENOLGIA DO DOMÍNIO PSICOLÓGICO DA MATÉRIA.....	71
JOÃO CARLOS DE CARVALHO	

LENDAS ACREANAS.....	95
LUÍSA GALVÃO LESSA KALBERG E MARIA JOSÉ SOARES	

A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS (EJA).....	118
TEREZINHA MARIA DA FONSECA PASSOS BITTENCOURT	
ENTREVISTA.....	125
RESENHA.....	133
HOMENAGEM PÓSTUMA.....	135
MEMÓRIA.....	138
NOTICIÁRIO.....	141

ENSAIOS

CELSO CUNHA E O ENSINO DO PORTUGUÊS - AMÓS COÊLHO DA SILVA – ABRAFIL E UERJ

RESUMO

A atuação do Professor Celso Cunha na comunidade acadêmica é uma superação dos atos falhos da política educacional no Brasil. Os órgãos governamentais estão preocupados com gastos e não com investimento para formar cidadania. Alguns professores responsáveis pela formação de estudantes também não colaboram, quando não levam para as aulas assuntos convenientes à cidadania, além de tornarem as aulas um motivo de afastamento dos estudantes, pois ficam presos a anacronismos, como fórmulas estereotipadas e apresentação falaciosa sob a capa aparente de bom gosto. Mas como poderiam ensinar os funcionamentos de mecanismos linguísticos, se os próprios professores não os dominam, dada uma orientação assimilada por herança? Este professores apresentam uma imensa lista de regras para que seus alunos decorem, mas estes mesmos não saberão qual a finalidade disso. Tendo em vista o abstrato da relação paradigmática, prefira-se a parte para o todo.

Palavras-chave: metodologia de ensino; relação sintagmática; didática com uso da parte para o todo.

Abstract:

CELSO CUNHA AND THE TEACHING OF PORTUGUESE

The performance of the Teacher Celso Cunha in the academic community is an overcoming of the flawed acts of educational policy in Brazil. Government agencies are concerned about spending rather than investment to form citizenship. Some teachers responsible for the training of students also do not collaborate, when they do not take to class subjects that are convenient to the citizenship, besides making the classes a reason for students' withdrawal, because they are bound to anachronisms, like stereotyped formulas and fallacious presentation under the apparent cover of tasty. But how could they teach the working of linguistic mechanisms, if the teachers themselves do not dominate them, given an orientation assimilated by inheritance? These teachers present a huge list of rules for their students to memorize, but they will not know the purpose of this. In view of the abstract paradigmatic relation, one prefers the part to the whole.

KEYWORDS: Teaching methodology; Syntagmatic relationship; With the use of part for the whole

O Professor Celso Ferreira da Cunha nos deixou em 1989 e completou cem anos no dia 10 de maio, próximo passado, de sua data de nascimento. A Academia Carioca de Letras fez uma homenagem a ele.

Fruto de suas múltiplas linhas de pesquisa, editou em 1964 “Uma Política do Idioma”, obra que suscitou do convite do Conselho Federal de Educação para proferir “uma palestra sobre o tema ‘O Ensino da Língua Nacional’”. Além de despertar o interesse daqueles que realmente se preocupam com a educação, ganhou o apoio de escritores importantes e, dentre eles, as considerações de Carlos Drummond de Andrade no *Correio da Manhã*, de 08 de abril de 1964, onde ressaltou “posição corajosa (...) contra a sua uniformização arbitrária (...)” Nesta obra em foco, Drummond destaca o elenco de escritores selecionados, possibilitando jovens, ainda tenros, poderem ler “Cecília Meireles, Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, Rubem Braga e outros desse naipe: estarei sonhando? Não.”

Recordo aqui um episódio sobre uma leitura importantíssima que realizava em aulas quando lecionei em turmas de iniciação ao Latim; insisto, inclusive, numa frase que usava nessas aulas para os que cursavam o Latim I: “O Latim I é mais difícil do que o II!”. O que superava esta prova iniciática daqueles que desejavam ultrapassar tal percalço, causado pelo planejamento político dos órgãos governamentais, porém, responsáveis pela educação, era o fato de, na sua Gramática de Língua Portuguesa, editada pelo antigo MEC, logo após a leitura da conceituação do substantivo, o estudo das flexões: do gênero, número etc., seguir o item “Funções sintáticas do substantivo”, e, com semelhante roteiro, se dispunha da leitura sobre o adjetivo, e demais classes de palavras. Isto é, embora seguisse a orientação da Nomenclatura Gramatical Brasileira, não deixava o leitor neófito na simplificada memorização de termos essenciais, integrantes e acessórios com o vocativo à parte. Adotamos o proveitoso roteiro.

Antes de continuarmos, contextualizemos que a meta do Professor Celso Cunha é um caminho metodológico contra a política pública implantada no Brasil. Lembremos que a geração de 1980 de universitários de Letras não tivera oportunidade, no primário e secundário, de contato com uma pletora de disciplinas. Mediante tal política implementada pelos dirigentes superiores da educação, como os órgãos dos Ministérios sob a tutela simplista de economizar em concursos públicos e na própria preparação profissional do professorado, inclusive, limitando o número de professores por turmas, como sói acontecer.

Forçavam eles as Direções de unidades escolares públicas (e o ensino público sempre fora outrora padrão num Brasil da década de 1950, como o foi o Colégio Pedro II) a restringir, como eu mesmo experimentara, em escolas públicas de currículos dos anos 80 e 90, na 5ª e 6ª. séries com quatro ou cinco aulas de Português, enquanto as 7ª. e 8ª. teriam três ou quatro, para que todas as turmas pudessem ter professor.

Para que se consiga retirar o iniciante do “saber de cor”, portanto, dos termos ditos essenciais, integrantes, acessórios e vocativo à parte - e que eles, os alunos, nunca sabem o porquê de “à parte”, o “quid”, o busílis, no entanto, repetem claramente - e o Professor Celso Cunha lança-os, analiticamente, na leitura do substantivo, porém, nas relações sintagmáticas, criadas com maestria no capítulo intitulado “Funções do substantivo dentro da frase”, fazendo-os ligar, de modo imediato, à concordância nominal, regência nominal e pontuação; mais adiante, se se aponta o “verbo”, logo haveria uma urgente relação com os capítulos gramaticais “concordância verbal”, “regência verbal” e “pontuação”, e assim por diante. Esta linha de orientação, era oportuna para que um professor lecionando Latim, pudesse compara as características sintéticas do Latim em relação ao analitismo português. Acentua-se, quando nos estudos dos termos da oração, na página 134, ele apresenta a “Variabilidade de Predicação Verbal”, onde observa “A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente.” Então arrola os exemplos, de base bem didática, conforme a transcrição abaixo:

“Perdoai sempre. (= intransitivo)
Perdoai as ofensas. (= transitivo direto)
Perdoai aos inimigos. (= transitivo indireto)
Perdoai as ofensas aos inimigos. (= transitivo direto e indireto)
Por que sonha, ó juventude? (= intransitivo)
Sonhei um sonho guinholesco. (transitivo direto)”

E com o uso de expressão dos modernos avanços nos estudos linguísticos, tais como “sintagma nominal, sintagma verbal” evidencia sua intenção em total interação com o leitor de sua Gramática. Ensina a se ler uma gramática. Dito de outro modo: desvanece a leitura de mera memorização e introduz o leitor na constituição dos sintagmas com raciocínios concretos ou objetivos.

No estudo das preposições, sua metodologia continua econômica. Vai da “Função das Preposições” a “Significação das Preposições”. Assinala de pronto duas significações básicas, a sua ligação ao espaço e tempo, e para todas as preposições o sentido de movimento, situação e noção. Assim:

A preposição *de*, por exemplo, estabelece uma relação quanto ao “movimento” em *a* e *b* e noção em *c*:

a) espacial em:

Todos saíram **de** casa.

b)temporal em:

Trabalha **de** 8 às 8 todos os dias.

c) nocional em:

Chorava **de** dor

Livro **de** Pedro.

Nos três casos a preposição *de* relaciona palavras à base de uma ideia central: ‘movimento de afastamento de um limite’, ‘procedência’. Em outros casos, mais raros, predomina a noção, daí derivada, de ‘situação longe de’ Os matizes significativos que esta preposição pode adquirir em contextos diversos derivarão sempre desse conteúdo significativo fundamental e das suas possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional, com a presença ou a ausência de movimento.” (p.544)

Vale a pena ampliarmos a citação com o esquema e comentário posposto:

“Esquematizando:

Conteúdo significativo fundamental					
Movimento			Situação		
Espaço	Tempo	Noção	Espaço	Tempo	Noção

Esta subdivisão possibilita a análise do sistema funcional das preposições em português, sem que precisemos levar em conta os variados matizes significativos que podem adquirir em decorrência do contexto em que vêm inseridas.” (p.545)

No rodapé, lê-se a bibliografia fonte: Bernard Pottier, com considerações linguísticas sobre categorias como “caso” (*scilicet*, trata-se de línguas flexionais, como latim, grego etc.) e a “preposição” (*scilicet*, em línguas analíticas, como a tendência do inglês, do próprio francês etc.). Era aí um convite para uma iniciação ao latim aproveitar no brevíssimo encontro com Latim “universitário” e, além de tudo, aprender o português pelo menos. Nunca perdi esta oportunidade, porque me sentia menos frustrado diante do escasso, como se chama nas Secretarias universitárias de Letras: Latim I e Latim II.

Com isso, podia avançar-se na comparação do papel das preposições,

cuja origem remonta a antigas expressões no latim, então sem classificação linguística clara, mas assumindo valor evolutivo de advérbios que auxiliavam o papel semântico dos casos e que os poetas, como Vergílio na *Eneida*, e em outras oportunidades, ocultava, pois que a métrica seria prejudicada pela presença fonética se o verso se fizesse dentro da recomendação vigente na língua padrão da épica: o hexâmetro datílico. Ele escreveu, portanto,

:ARMA virumque cano, Troiae qui primus ab oris
Italiam, fato profugus, Laviniaque venit
litora, multum ille et terris iactatus et alto
vi superum saevae memorem Iunonis ob iram;
Canto as armas e o varão, que, como pioneiro, veio
Das praias de Tróia, afugentado pelo destino, à Itália e
Aos litorais lavínios, muito ele foi agitado nas terras no alto
mar
Pela força dos deuses superiores, pela ira lembrada da cruel
Juno;

Ora, o Poeta deixou de empregar a preposição “in”, que rege o caso acusativo singular em *Italiam* (= *in Italiam*), à *Itália* e ainda o acusativo plural na expressão *Lavinia litora* (= *in Lavinia litora*, *aos litorais lavínios*, para conservação do hexâmetro datílico, pois o elemento desinencial *-am* e *-a*, este um neutro plural em acusativo já contém a noção de “direção para” no espaço... Oportuna se faz mostrar o sintetismo latino, pois o determinante *Lavinia* está numa linha de verso e *litora* no verso de baixo; além disso, o uso de maiúscula em adjetivos pátrios, aliás como se imita na ortografia inglesa. Além disso, o que a tradição denomina questão de licença poética no fato de ocultar a preposição *in*.

Como sempre, imitando a metodologia do Professor Celso Cunha, aproveitei a oportunidade para citar textos poéticos emblemáticos - Vergílio, Ovídio, Catulo etc., como é comum naquelas suas abordagens metodológicas - o que lhe custou admiração de Carlos Drummond, fazer da iniciação ao Latim, um caminho para a Linguística. Citemos o caso de Ovídio, junto com outros poetas, deste momento áureo da Língua Latina, criou a significação nocional de negação para o uso da prefixação com “in-”. Eis um sentido inédito de negação: *L’usage de in- privatif s’est particulièrement développé dans la latinité imperial (dans Ovide seul, on compt comme neologismes ‘incommendatus’ (desrespeitado, ultrajado), ‘inconsumptus’ (não consumido, eterno), ‘incustoditus’ (desprovido de guarda) (etc.) (ERNOUT, A. & MEILLET, A., 1985: 311)*

Citamos a gestão política da Educação e também, no saudoso Celso Cunha, aquilo que André Martinet observou sobre a língua: sua característica econômica, ou seja, com o alfabeto de vinte e seis letras a compor 100 mil ou trezentas mil palavras ou mais com o mesmíssimo alfabeto. Dito de outro modo, como se lê também em outras gramáticas excelentes de português da mesma geração do Celso Cunha, a dele tinha, até determinado ano do milênio passado, sido vendida em postos ou caminhões do MEC. Porém, o Governo achou que isso era muito caro, suprimiu. Basta lembrar que um posto do Méier teve o restante recolhido e abandonado num canto de vão de escadaria até que se esgotasse inteiramente na venda: ainda que não dava tempo do cupim devorá-las.

Um outro livro, escrito em parceria com Wilton Cardoso, “Estilística e Gramática Histórica”, propõe estudos diacrônicos e sincrônicos, mas pelo viés da categoria linguística: a economia da linguagem. Por isso mesmo, se tornou um manual no nível universitário, apesar da proposta inicial: “Este livro, escrito com vista à execução de um programa do ensino médio ou secundário, apareceu em 1970 e chegou a ter, nesse mesmo ano, três impressões, que perfizeram uma tiragem total de sessenta mil exemplares.” (Advertência, pag. 7)

Após o “Sumário” e a “Advertência”, há uma “Orientação Bibliográfica” que pode ser lida com duplo sentido: “Esta bibliografia é seletiva e compreende apenas as obras de caráter mais geral sobre os temas indicados.” O que instiga ao leitor, se de têmpera um pesquisador, de ler cada obra indicada nesta página. O problema é adquiri-las, aqui, no nosso país.

Entretanto, ainda na “Advertência”, observamos uma repetição viciosa de nossa política educacional que não fornece subsídios suficientes para a educação, promovendo lacunas na aprendizagem escolar, pois que, dada a busca ávida da juventude, que se aproximou dos seus textos e promoveu três impressões do livro. Fica bem claro o descompromisso de algumas autoridades do governo com a educação, mas a superação disso, dada a estratégia didática de um grande mestre. Neste passo político da História do Brasil, as autoridades empreenderam uma reforma e transformaram os antigos ginásios e colégios, que detinham uma grade curricular bastante ampla com disciplinas, como Latim, Desenho, Música etc. “em escolas de 1º. e 2º. graus, se bem não o declarasse expressamente, acabou por suprimir, com sua filosofia imediatista e consequente orientação metodológica, o estudo da chamada Gramática Histórica da formação escolar da mocidade brasileira.” (Idem, ibidem)

É preciso muito talento dos professores, que se sobre-excedem, mas apresentam contribuição acadêmica ainda mais elevada e encontram formas de se empenharem em corrigir tais falhas disseminadas por gestões tão só interessadas em manutenção de poder político. É por isso que os autores em foco “não escondem um travo de decepção diante de fato tão expressivo dos rumos que vem tomando a educação do país.” (Idem, ibidem). Assim, ocorreu:

com as Gramáticas de M. Said Ali, com as *Lições de português*, de Sousa da Silveira, e com a Gramática histórica, de Ismael de Lima Coutinho (esta última modestamente intitulada - *Pontos de gramática histórica*), obras que, destinadas às classes dos cursos ginasiais e normais, acabaram igualmente por servir a estudos de nível superior.” (Idem, ibidem)

Neste breve espaço, ainda se pretende assinalar um pouco mais a abrangência da posição pedagógica do Professor Celso Cunha. Trata-se de sua obra *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*, onde, dado o equívoco de conceito entre língua e fala, podemos ler os embates políticos sobre língua brasileira e língua portuguesa, desferidos de posições apaixonadas, como as de José de Alencar, as interferências de Machado de Assis, quando, de fato, se queria debater problemas estilísticos... Tais problemas não ficam congelados em episódios históricos. Por exemplo, um deles, o do Dr. Castro Lopes, mencionado na página 34 e sequência. Desejava criações de formação latina para evitar estrangeirismos, como “*choribel* por *carpet*, *concião* por *meeting*, *focale* por *cache-nez*, *ludâmbulo* por *turista*, *nasóculos* por *pincenez* (...)” - e o grave disso tudo é que alguns professores descontavam nas redações escolares, alegando erro grave de galicismo. Se não fôssemos dotados de finitude, ele mesmo, o Professor Celso, se insurgiria contra um certo deputado que, recentemente, conquistou mandato e poder político, fazendo palestras contra o uso de anglicismos e não ficaria sem reação também o uso do título “presidenta” para um governante feminino.

Em 2004, a Professora Cilene Cunha organizou, com o apoio da Academia Brasileira de Letras e a Nova Fronteira, com introdução e notas, a publicação de seus dispersos em “Sob a pele das palavras”, “título idealizado por Celso Cunha”, inspirado no verso drummondiano “Sob a pele das palavras há cifras e códigos.”, de “A Rosa do Povo”.

Concluo essa breve lembrança, misturando aspectos de gestão política do tipo “será que o Brasil tem jeito?” com a eficiência de uma geração, aqui representada pelo Professor Celso Cunha, que soube debater questões da linguagem com competência, oferecendo caminhos de superação a nós outros, ora um tanto desolados, dada a situação promovida pelos políticos brasileiros: haja vista a situação da UERJ.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Celso. *Uma Política do Idioma*. Rio de Janeiro: São José, 1964.

_____. e CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. CARDOSO, Wilton. *Português através de textos: estilística e gramática histórica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

_____. *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

_____. *Sob a pele das palavras: Dispersos*. Organização, Introdução e notas de Cilene Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire Ethymologique de la Langue Latine: Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1985.

Todos os textos latinos estão no «site»

<http://www.thelatinlibrary.com/index.html>

CELSE CUNHA, FILÓLOGO PLURAL ANTONIO MARTINS DE ARAÚJO (ABRAFIL, UFRJ)“

FORTUNA CRÍTICA

Não poderíamos encerrar estas reflexões sobre o legado linguístico-filológico deixado pela saudoso mestre mineiro da cidadezinha de Teófilo Otoni, que elegeu esta Cidade Maravilhosa como sua terra adotiva, o Prof. Dr. Celso Ferreira da Cunha, sem trazermos à baila os juízos críticos de alguns renomados linguistas estrangeiros, a saber: a) Rip Cohen, em seu ensaio intitulado *Reymond Gonçalves: Talking Hem Bach* inseridas em seu *Repertório métrico della lírica galego-portoghese* (Roma, edizioni dell'Ateneo, 1967), em que destaca a contribuição de Celso Cunha na análise de dezessete termos e expressões inseridas no célebre Pergaminho Vindel, em sua obra intitulada *O Cancioneiro de Martin Codax* (RJ, 1956). Em seu ensaio intitulado *A métrica acentual da Cantiga de Amigo*, lembra esta recomendação do mestre Celso Cunha? “*Desde tempos antigos, metricistas, retóricos e gramáticos têm compreendido a importância que reveste a solução do problema dos encontros vocálicos*” (pág. 3), aplicando-a na análise de uma Cantiga de Amigo. Na bibliografia desse ensaio, Domingos Pietro Alonso inclui os Estudos de versificação portuguesa (século XIII a XIV) in Paris Fundação Calouste Gulbenkian. Em suas pesquisas sobre o português seiscentista, Celso Cunha esteve em companhia de ilustres filólogo-linguistas, como Isaac Salomon Révah, Paul Teyssier, Arthur Lee Francis-Askins, J. G. Herculano de Carvalho e Luciana Stegagno Picchio, esta minha saudosa confreira da Academia Maranhense de Letras, da qual era sócia-correspondente na Itália.

No ensaio “*Valor das grafias –eo e –eu do século XIII ao XVI*”, mestre Celso distingue quatro períodos nessa evolução, a saber: 1.º) Do século XIII até fins da metade do séc. XIV; 2.º) De 1450 a 1516 (vd. o *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende); 3.º) De 1516 a 1601 (de Gil Vicente a Bento Teixeira); e 4.º) De meados do séc. XVII até o séc. XX. Esse ensaio foi por ele apresentado ao XVII^{ème}. Congrès International de Linguistique et Philologie Romane em 1983. Finalmente desejo lembrar meu ensaio apresentado, a convite, em novembro de 1989, na Universidade Católica de Nanzan, na cidade japonesa de Nagóia, intitulado *Breve notícia da ortografia portuguesa: dos labirintos da*

scriptologia medieval aos prognósticos do séc. XXI, no qual prognostiquei que, à maneira do que já acontecera com a França, a Inglaterra e a Espanha, que consertaram uma só ortografia com suas antigas colônias, haveria de chegar a hora de representantes de Portugal e Brasil se sentarem em torno de uma mesa redonda e aprovarem uma só ortografia. Há cerca de dois anos, Evanildo Cavalcante Bechara, representando a Academia Brasileira de Letras; e eu, a Academia Brasileira de Filologia participamos de uma sessão promovida no Senado Federal, em Brasília, os acadêmicos, junto com o português João Malaca Casteleiro, a fim de acordarmos uma só ortografia entre Brasil e Portugal, este com suas ex-colônias africanas, o que foi feito. Finalmente, apraz-me lembrar que, na Universidade Católica de Nanzan, na cidade japonesa de Nagóia, encerrando um evento sobre a contribuição dos jesuítas portugueses que foram ao Japão no final do século XVI para difundirem o catolicismo por lá, apresentei com o Prof. Toru Maruyama, titular de história da língua japonesa naquela universidade, o ensaio sobre A acentuação do [então] novíssimo Acordo Ortográfico luso-brasileiro à luz dos antigos tratados portugueses. De sua autoria é o tópico de cerca de duas páginas sobre a *Arte da lingoa de Iapam (1604-1608)*; e os demais, de minha autoria, a saber: a) A acentuação dos tratados ortográficos quinhentistas, como os das seguintes obras: a *Ortografia*, de Álvaro Ferreira de Vera; as *Regras* do padre Bento Pereira; a *Ortografia*, de João Franco Barreto; as *Reflexões* do padre teatino Rafael Bluteau, nos dez volumes do seu precioso *Vocabulário português e latino*; a *Ortografia* de Dom Luís Caetano de Lima; o *Sistema* de João de Moraes Madureyra Feijó; a acentuação da obra *Verdadeiro método de estudar*, de Luis Antônio de Verney; e minha análise daquele Acordo Ortográfico de 1945, renegociadas em 1975/ e consolidadas em 1986. Com esse material, a convite, em novembro de 1989, encerrei na Universidade Católica de Nanzan na cidade japonesa de Nagóia, um evento com o meu ensaio intitulado *Breve notícia da ortografia portuguesa: Dos labirintos da scriptologia medieval aos prognósticos do século XXI*. Em quase todos eles, senão em todos, citei a vasta contribuição do meu saudoso e querido mestre Celso Ferreira da Cunha, com cuja imprescindível co-orientação pude doutorar-me em Letras Vernáculas, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com louvor e recomendação de imediata editoração da obra **Arthur Azevedo: a palavra e o riso**, Como não poderia deixar de ser, a ilustre banca examinadora constituiu-se dos saudosos mestres mineiros Celso Ferreira da Cunha e seu amigo Wilton Cardoso, do príncipe dos poetas goianos Gilberto Mendonça Teles e do titular de Latim da UFF meu amigo Rosalvo do Vale.

•

CÂNDIDO JUCÁ, O ALTRUISTA ANTÔNIO NUNES MALVEIRA (PEDRO II E ABRAFIL)

Cândido Jucá, o altruísta, nasceu em Maranguape em 11 de março de 1865, sendo seus pais, Antônio Bernardo da Silva Jucá, falecido em 12/08/1909, e D.^a Francisca Jovina de Castro Jucá, falecida em 02/01/1892.

Embora Maranguape, na época, tivesse boas escolas, a família Jucá mudou-se para Guaiúba, um lugarejo simples, nas circunvizinhanças, de Pacatuba, onde o ensino era deficiente. Ele aprendeu em casa sob a orientação de sua querida mãe, Dona Francisca Jovina, e, também do caixeiro-viajante, conhecido por Batistão, que visitava, de quando em vez, a localidade através da estrada de ferro Fortaleza-Baturité.

Logo muito cedo mostrou brilhante inteligência e capacidade de assimilação, tanto que aos 14 anos recebeu daqueles que o conheciam o apelido de Professor. Contra a vontade do pai, porém com a aprovação de sua genitora, ele se matriculou no Atheneu Cearense, “fundado pelos irmãos João de Araújo costa Mendes e Manuel Teófilo Costa Mendes. Ele foi para Fortaleza, estimulado e auxiliado pelo Padre Bruno Figueiredo.” O jovem dedicou-se aos estudos, era sua vocação, apesar de ter vindo à luz no interior do Ceará. No Atheneu concluiu os estudos de Humanidade, em 1883.

O Atheneu Cearense, onde estudava Cândido Jucá, transformou-se num reduto exaltado de abolicionistas e seus diretores demonstravam o sentimento de gratidão com relação aos resgates de escravos. “E Cândido Jucá participou fervorosamente do movimento em defesa dos pretos, com arrebatamento de ânimo e coragem, tanto que em Aracape foi escolhido orador, quando, ali, se encontrava o convidado especial, o grande, José do Patrocínio.”

Dedicou-se aos estudos da História, e Geografia, adquirindo com sacrifício o *Dictionnaire Universal Di Histoire et Geographie* de M. M. Bouillet, de mais de 2000 páginas, revista pelo célebre helenista A. Chassang, publicado, em 1874, pela “Librairie Hachette.” Conhecia bem o Francês, mas, com o correr do tempo, sua segunda língua passou a ser o Alemão. Foi examinador de alemão no Colégio Pedro II. Ele amava a língua de Goethe, e, segundo, seu filho, professor, Cândido Jucá Filho, quando encontrava uma palavra em alemão fora de seu conhecimento, só se tranquilizava, ao verificar seu significado, afirmação feita a mim e ao Professor Rogério Bessa por seu ilustre filho, em sua própria residência.

Cândido Jucá terminou o curso secundário aos 19 anos, e, logo, em seguida, veio para o Rio de Janeiro com o objetivo de estudar Medicina, onde aportou com 14 mil réis. Aqui, ele não tinha nem parentes nem amigos. Como não dispunha de emprego se tornou em explicador de candidatos à Faculdade de Medicina. À custa de seu trabalho e como possuía profundo amor aos livros, mesmo com dificuldade, passou a comprar livros de acordo com suas posses: M. M. Bouillet, o *Dictionnaire Universal des Sciences, de Lettres et des Arts*.

Atendendo à sua vocação, à sua vontade, prestou os exames para a Faculdade de Medicina e abandonou o curso no 3.º ano, pois não suportava os hospitais cheios de feridos, e o sangue muito o impressionava. Sentiu que sua vocação seria outra, o magistério, por isso, em 1885, prestou concurso para o Instituto de Surdos e Mudos, conquistando o primeiro lugar. Com sua brilhante inteligência, logo penetrou nos segredos da linguagem articulada; aprimorou-se no assunto, lendo os técnicos alemães, língua que estudou com assiduidade, e, aos vinte e poucos anos, conseguiu dominá-la. Em 1890, ele tornou-se Professor de Português, Francês, Latim e Alemão.

Segundo o Padre Marcelo Mota Carneiro, cearense, reivindica-se para Cândido Jucá o título de haver sido cronologicamente o primeiro foneticista brasileiro, visto que o “Tratado de Ortofonia” de Felipe Francisco de Sá, introdução gloriosa de seu livro *A Língua Portuguesa* só foi publicado no Maranhão em 1915. Familiarizou-se de tal maneira com o alfabeto da Association Internationale de Phonétique que anotou minuciosamente, em 1904, a importante obra de Guilherme Victor, autor alemão, *Deutsches Lesebuchin Lautschrift* (Manual para aquisição de uma pronúncia modelar e perfeita). O êxito de Cândido Jucá foi sensacional, tanto que ao criar-se a Cátedra da Linguagem Articulada, ele como candidato, conhecedor profundo do assunto, foi aprovado com distinção. E, de tanto dedicar-se ao Instituto Nacional de Surdos e Mudos, teve velhice precoce, e, em virtude de sua sensibilidade, estava esgotado. Jubilou-se em 1915, transmitindo suas funções ao seu discípulo Saul Borges Carneiro.

Cândido Jucá não apenas foi um notável Educador, mas destacou-se também na Imprensa, escrevendo sobre o Nordeste, pois acreditava no poder sócio-cultural daquele sofrido povo, dizimado pelas terríveis secas, principalmente pela de 1877 que forçou a ida de famílias para o Amazonas, onde muitas desapareceram sem assistência, desprezadas pelo Estado e sobre este fenômeno, ele escreveu no *Correio da Manhã*, tecendo análise da situação, sobressaindo-se com o artigo – Futuro do Nordeste em 13/09/1920. Em 1907 no mesmo jornal em artigo História Triste, em dois de junho; o escritor, amante

de sua terra, lamentava a calamidade da ausência de chuva que afetava a fauna e flora. Era comum, verem-se pássaros mortos entre os galhos secos das árvores, e cacimbas secas. O escritor, como bom nordestino, nunca se esqueceu daqueles melancólicos fatos. No *Correio da Manhã* ele deixou um vasto material que, se os dirigentes do Estado, fossem mais patriotas, transformariam aquela produção intelectual em livros, porém para isto, o Estado jamais disporá de verba suficiente.

O Culto dos Heróis, 1903, Espírito das Revoluções, em 1905, o Espetáculo da Miséria, A Luta dos dois Mestres, comentário, onde ele analisa a polêmica filológica entre Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro optando pela superioridade de Carneiro Ribeiro sobre o assunto. Escreveu bons trabalhos, abordando as questões de Ensino e o Ensino da Língua Portuguesa no *Correio da Manhã*, entre os anos de 1897 e 1911.

Cândido Jucá estudou alemão com persistência, aprofundando-se na fonologia da língua de Goethe, tornando-se, assim, um grande professor do ensino da linguagem articulada. E seu trabalho teve um êxito tão grande que o Jornal do Commercio no dia 05 de dezembro de 1898, publicou uma intensa matéria sobre o sucesso de seu trabalho. Faleceu no Rio de Janeiro, em 25 de maio de 1929. O féretro saiu da residência da família, na Rua Padre Roma, em Engenho Novo, para o Cemitério de Inhaúma, tinha 64 anos. Foi um cearense ilustre, revestido de uma alma verdadeiramente cristã. E no próximo artigo traremos mais informações sobre este homem culto e humano que, infelizmente, muitos intelectuais nossos desconhecem, por incrível que pareça.

REFERÊNCIAS

FONTES, Pe. Marcelo Motta Carneiro, conferência publicada no Anuário da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro – 1994.
Correio da Manhã, exemplares guardados na biblioteca do Professor Cândido Jucá Filho, atualmente, no Pedro II.
Dicionário Biobibliográfico Cearense do Dr. Guilherme Studart, Fortaleza, Tipografia a Vapor, Rua Barão do Rio Branco, 52 – 1910.

O ALIENISTA DE MACHADO DE ASSIS: UM ESTUDO DE CRÍTICA TEXTUAL EM TEMPOS DE AUTORITARISMO CEILA MARIA FERREIRA (LABEC-UFF/GCL-IL-UFF/ABRAFIL)

RESUMO

Texto, com modificações, da Palestra que realizei no evento que a Academia Brasileira de Filologia, a ABRAFIL, promoveu na UERJ, em julho deste ano de 2017.

Palavras-chave: Crítica Textual, Filologia, Machado de Assis, Literatura, Autoritarismo, Resistência.

Não está normal! Há meses, uma parte do funcionalismo público do nosso estado não recebe e, quando recebe, é depositada apenas uma parte, uma pequena parte, de seus salários. Tal descalabro está sendo imposto às servidoras e aos servidores que trabalham na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a UERJ. Já trabalhei na UERJ como professora substituta de Literatura Portuguesa, no Instituto de Letras em que agora tenho o prazer de conversar com vocês. Foi no primeiro semestre de 2001. Tive a oportunidade de dar aulas em uma sala do 11º andar neste prédio situado no bairro do Maracanã, na zona norte do Rio, sobre Camões e **Os Lusíadas**. Mas a UERJ, desde sempre, como dizem portuguesas e portugueses, fez e faz parte da minha vida. É que desde pequena, ouço falar bem dessa grande e prestigiosa universidade, porque meu pai - que nasceu e passou a infância e o início da adolescência no sertão da Paraíba - já, nestas terras cariocas, foi aluno e se formou, em Letras Neolatinas, em 1960, na que, àquela altura, se chamava URJ, Universidade do Rio de Janeiro, mas que depois recebeu o nome de UEG, Universidade do Estado da Guanabara, para em 1975, com a fusão do estado da Guanabara com o antigo estado do Rio, receber o nome de Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A UERJ é uma das maiores e melhores universidades públicas do país e seus docentes, discentes e técnicos vêm resistindo com bravura aos ataques

deste governo que autoritária e irresponsavelmente desenvolve uma política que podemos chamar de genocida. Mas a UERJ resiste.

Tenho praticamente certeza de que entre os motivos que levaram a Academia Brasileira de Filologia a promover este evento na UERJ foi a necessidade de resistirmos e de lutarmos contra esses duros ataques à Universidade pública e à integridade e dignidade humanas. Esses propósitos também fizeram com que nós intitulássemos a nossa fala de hoje com o nome de “O Alienista” de Machado de Assis: um estudo de Crítica Textual em tempos de autoritarismo.

“O Alienista” é um conto - se podemos chamá-lo assim – que além de ser um dos mais famosos de Machado de Assis, dialoga e muito com os dias de hoje e nos faz pensar, repensar e mesmo questionar o que entendemos por normalidade, sem esquecermos do constante e sorrateiro autoritarismo presente, desde muito, nesta terra de vera e pesada cruz. Outro motivo é que estamos preparando, no Laboratório de Ecdótica da Universidade Federal Fluminense, o Labec-UFF, uma edição crítica e comentada de **Papéis Avulsos**, coletânea formada por doze contos de Machado de Assis e publicada pela primeira vez em novembro de 1882, ano do 60º aniversário da chamada “independência” do Brasil. São eles, os contos que integram tal coletânea, na ordem em que aparecem na referida publicação: “O Alienista”, “Teoria do Medalhão”, “A Chinela Turca”, “Na Arca”, “D. Benedicta”, “O Segredo do Bonzo”, “O Anel de Polícrates”, “O Empréstimo”, “A Sereníssima República”, “O Espelho”, “Uma Visita de Alcibíades” e “Verba Testamentária”.

Vale lembrar que todos os 12 contos já haviam sido publicados antes de aparecerem nas páginas de **Papéis Avulsos**. No caso de “O Alienista”, ele foi publicado pela primeira vez em **A Estação: Jornal Ilustrado Para a Família**, periódico quinzenal, nas seguintes datas: 15 de outubro de 1881, 31 de outubro de 1881, 15 de novembro de 1881, 15

de dezembro de 1881, 31 de dezembro de 1881, 31 de janeiro de 1882, 15 de fevereiro de 1882 e 15 de março de 1882. Curiosamente, a mesma tipografia que publicou **A Estação**, a Lombaerts & C, foi a mesma que publicou **Papéis Avulsos** e, como é de costume acontecer aos textos, o de “O Alienista”, publicado em **Papéis Avulsos**, apresenta diferenças em relação ao texto de “O Alienista” publicado em **A Estação**, apesar de ambos terem recebido o mesmo título. Sim, os textos sofrem modificações à medida que são transmitidos, publicados ao longo do tempo. Algumas vezes, são modificados por seus autores, como muito provavelmente deve ter sido o caso de “O Alienista”, publicado em vida de Machado de Assis; outras vezes, são modificados por terceiros. A Crítica Textual estuda tais modificações. Ela, a Crítica Textual, pesquisa a transmissão de textos e como aproximá-los da última redação autoral ou de testemunhos que se aproximam dessa última redação autoral. Além disso, estuda vários aspectos da materialidade dos textos, as etapas do processo de sua construção e de sua gênese e os aproxima, por meio de interpretações e de comentários, aos leitores e às leitoras do presente histórico.

..... **Papéis Avulsos**, assim como “O Alienista” de **A Estação**, foram publicados originalmente na segunda metade do século XIX. Portanto, para que os leitores e as leitoras de hoje em dia os conheça, é preciso que aquelas edições, vindas à luz enquanto Machado vivia, sejam novamente lidas e estudadas para que, a partir delas, sejam feitas novas edições que tenham, preferencialmente, a última edição que foi acompanhada pelo autor como base ou modelo para publicação.

Uma edição crítica também apresenta as marcas ou parte das marcas do processo de transmissão da obra que se encontra editada criticamente em suas páginas, possibilitando assim que seus leitores tomem ciência de mudanças sofridas por textos que ficaram conhecidos como aqueles que representaram e que representam aquela obra ou que a materializaram ao longo do tempo.

É curioso e mesmo espantoso que, em pleno século XXI, até mesmo em muitos círculos acadêmicos, somente um grupo diminuto de pessoas saiba o que é uma edição crítica. A maioria desconhece ou se esquece que as obras do passado, que chegaram e que chegam até nós, tiveram seu texto e grande parte dos textos que formam a sua tradição mediados por processos de edição, processos que, muitas vezes, não são explicitados aos leitores pelos editores e editoras. O leitor muitas vezes naturaliza a presença dos textos do passado em nosso dia a dia. Esquecem-se de que as obras são transmitidas por editores e editoras obedecendo muitas vezes um projeto editorial que não leva em conta as especificidades do texto editado.

Para que “O Alienista”, de Machado de Assis, chegue até nós, é preciso que seja feita uma pesquisa, com base no que podemos chamar de Crítica Textual Moderna, aquela que, conforme Ivo Castro, trabalha com originais presentes. Em

tal pesquisa serão examinados os textos que compõem o conjunto dos textos que transmitiram tal conto, preferencialmente as edições saídas em vida do autor, ou seja, as publicadas até o ano de 1908, ano da morte de Machado de Assis, para que, a partir desse estudo, possa ser escolhido o texto que irá servir de modelo para a edição, no caso, a edição de **Papéis Avulsos**, saída em 1882, portanto publicada há quase 140 anos.

. Segundo Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro, ambos da prestigiosa Equipe de Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, coordenada por Carlos Reis:

..... De certo modo, o responsável científico (que é, para este efeito, o *editor*), substitui-se a um escritor que não pode já tomar decisões, reclamando para si uma autoridade que, sem ser propriamente a do autor, é a única legítima na sua falta; legítima, desde que um tal editor possua a gama de conhecimentos suficientes para apresentar, ler, transcrever, comentar e relacionar com a obra conhecida os materiais que edita. [...] (REIS/MILHEIRO, 1989, 24).

. Embora saibamos que tais palavras se referem a obras que não foram publicadas em vida de seus autores ou de suas autoras, mas que foram publicadas postumamente, podemos também utilizá-las para falarmos de obras de escritores já falecidos, mas que, quando viviam acompanharam a publicação de suas obras, como é o caso de “O Alienista”, publicado em **A Estação** e de **Papéis Avulsos**, livro de 1882, publicado com a chancela de Machado de Assis que assina a Advertência que abre aquela obra. Inclusive na Advertência que abre **Papéis Avulsos**, numa edição saída após a morte de Machado de Assis, publicada pela renomada Garnier, provavelmente no ano de 1920, conforme Galante de Sousa, na **Bibliografia de Machado de Assis**, entre outras modificações, podemos ver a substituição da palavra pae pela palavra pão. Tal modificação foi incorporada pela edição da Jackson de 1937.

ADVERTENCIA

Este titulo de *Papeis avulsos* parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor còllegiu varios escriptos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são elles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só familia, que a obrigação do pae fez sentar á mesma mesa.

Quanto ao genero delles, não sei que diga que não seja inutil. O livro está nas mãos do leitor. Direi sómente, que se ha aqui paginas que parecem meros contos, e outras que o não são, defendendo-me das segundas com dizer que os leitores das outras podem achar nellas algum interesse, e das primeiras defendendo-me com S. João e Diderot. O evangelista, descrevendo a famosa besta apocalyptica, acrescentava (xviii, 9): " E aqui ha sentido, que tem sabedoria." Menos a sabedoria, cubro-me com aquella palavra. Quanto a Diderot, ninguem ignora que elle, não só escrevia contos, e alguns deliciosos, mas até aconselhava a um amigo que os escrevesse tambem. E eis a razão do encyclopedista: é que quando se faz um conto, o espirite

PREFACIO

Este titulo de Papeis avulsos parece negar ao livro uma certa unidade; faz crêr que o autor colligiu varios escriptos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa sem ser bem essa. Avulsos são elles mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só familia que a obrigação do pão fez sentar á mesma mesa.

Quanto ao genero delles não sei que diga que não seja inutil. O livro está nas mãos do leitor. Direi simplesmente que se ha aqui paginas que parecem meros contos e outras que não são defendo-me das segundas com dizer que os leitores das outras podem achar nellas algum interesse, e das primeiras defendo-me com S. João e Diderot. O evangelista, descrevendo a famosa besta apocalyptica, accrescentava (xvii, 9) : « E aqui ha sentido, que tem sabedoria. » Menos a sabedoria, cubro-me com aquella palavra. Quanto a Diderot ninguem ignora que elle não só escrevia contos, e alguns

A edição crítica o que faz? Vai até o texto de **Papéis Avulsos** de 1882 e o recupera, repassando aos leitores uma representação do texto do autor. Representação por quê? Porque ele será mediado pelo trabalho do editor crítico que, a partir de suas opções editoriais, como, por exemplo, a realização de uma

transcrição crítica atualizada do texto publicado em livro, em 1882, e seu trabalho irá também depender de seu conhecimento acerca da teoria e da metodologia da Crítica Textual vigentes na época em que realizou tal edição.

Como podemos perceber, para editar obras do passado, temos que responder a uma pergunta presente em **A lição do texto**, da filóloga italiana Luciana Stegagno Picchio, que indaga: “como vencer o ruído do tempo” (PICCHIO, 1979, 214). Sim, há uma distância temporal e cultural entre nós e as obras do passado até mesmo em relação a obras com originais presentes precisamos da teoria e da metodologia da Crítica Textual e da Ecdótica. A Ecdótica pode ser entendida como a edição de textos com base na teoria e na metodologia da Crítica Textual, mas também como sinônimo de Crítica Textual e como uma disciplina que estuda e que trabalha com a apresentação de textos em edições ou como uma disciplina que extrapola a Crítica Textual e que trabalha com a edição de textos de modo geral.

.....Tais disciplinas que trabalham com a preservação, divulgação e transmissão do patrimônio material em forma de texto escrito não fazem parte do currículo da maioria dos cursos de Letras do Brasil. A ausência delas, nesses currículos, pode parecer estranha e mesmo anormal, pois esses cursos trabalham com crítica literária, história e teoria da literatura, além de estudo de línguas, mas é o que vem acontecendo, embora a Crítica Textual venha ganhando espaço em nosso país à medida que os estudos que dialogam com a historicidade vêm crescendo em importância e divulgação nas universidades brasileiras. Além disso, com a publicação de obras que têm como escopo a Crítica Textual, a formação de grupos de estudo acerca de tal disciplina, a realização de evento sobre edição, transmissão e gênese textuais e a institucionalização dessa disciplina em universidades como a Federal Fluminense, em Niterói, no Rio de Janeiro, por exemplo, esse estado de coisas tende, depois de termos passado pelo que Ivo Castro chamou, em “O Retorno à Filologia”, de “defeso estruturalista”, ou, podemos dizer, os efeitos do estruturalismo, do estruturalismo que teve como época de grande expansão em nosso país, a época da ditadura militar-civil-empresarial dos anos 60, 70 e parte dos 80 do século XX, época inegavelmente de grande autoritarismo. Hoje, nestes tempos temerosos, ataques a disciplinas como história, filosofia voltam a ocorrer. Lembremos da reforma do ensino médio realizada por meio de medida provisória. Não. Não é normal. Mas o que a maior parte das pessoas que fala e sonha em português do Brasil entende por normal? Possivelmente, entende como usual, como corriqueiro, como sinônimo de normalidade, assim como conforme as normas, as leis, mas se esquece que as normas, fora as leis da física, por exemplo, são feitas por seres humanos e que, com relativa frequência, infelizmente, são construídas e/ou interpretadas a partir de interesses ou de pontos de vista que legitimam determinados grupos ou corporações que estão no poder.

Sobre a palavra normal, se consultarmos um *site* da Internet e mais alguns dicionários impressos, - para este trabalho consultamos três - podemos verificar que tais significados também estão presentes em cada um deles, apesar de existir, entre a maior parte das publicações que consultamos, relativa distância temporal.

Vejam os:

No *site* que tem o sugestivo nome de Significados, quanto à palavra normal, podemos, entre outras informações, ler: [...] é um adjetivo que qualifica **algo como comum, regular e usual**, significando que não foge aos padrões ou a norma.

Normal também pode representar a natureza sadia e natural de algo, que não apresenta defeitos ou particularidades, como problemas físicos ou mentais, por exemplo.

Quando se diz que determinada pessoa é normal, quer dizer que apresenta um comportamento e aparência que é socialmente aceitável e comum.

Agir com **normalidade** é o mesmo que seguir os comportamentos que são esperados de acordo com determinada situação, por exemplo.

Um indivíduo normal não costuma se destacar dos demais ao seu redor, pois apresenta características que lhe fazem comum ao seu grupo.

O oposto de algo ou alguém normal é **anormal**, estranho ou inusitado. [...] (In: <https://www.significados.com.br/normal/>. Acesso em 1/07/2017)

...Já no **Houaiss** (1ª. reimpressão da edição saída em 2001, com alterações, publicada em 2004), encontramos, entre outras, as seguintes acepções, no verbete referente à palavra normal presente em suas páginas: “[...] conforme a norma, a regra; regular [...] que é usual, comum, natural [...] sem defeitos ou problemas físicos ou mentais [...] cujo comportamento é considerado aceitável [...]”.

No volume IV da 3ª. edição do **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**, de Laudelino Freire, publicado em 1957, podemos ler, entre outros significados, alguns deles também presentes no **Houaiss**, da palavra normal: “exemplar; que serve de modelo. [...]”.

No **Moraes Silva** e no **Bluteau**, presentes de forma digitalizada no *site* da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da USP, não encontramos a palavra normal nem a palavra normalidade, mas sim norma. (site: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/3/normal> Acesso em 2/07/2017).

Em **Moraes e Silva**, também encontramos, entre outros, os sentidos, de regra, além do de “direção”. E, no **Bluteau**, podemos ter acesso, entre outras explicações, que norma: He palavra Latina, que significa Elquaria de Carpinteiro, Pedreiro, ou outro oficial. No sentido moral toma-se em Portuguez por *Regra*, pela qual se governa, & dirige alguma coisa. [...]

Fizemos esta retrospectiva até o **Bluteau**, um dicionário/vocabulário, saído no século XVIII, para nos aproximarmos da época em que “O Alienista” foi publicado pela primeira e pela última vez em vida de seu autor, ou seja, a segunda metade do século XIX. Contudo, voltamos ao **Houaiss** para verificar a data em que as palavras normal e normalidade foram registradas pela primeira vez em dicionários de língua portuguesa. A palavra normal, 1836, em Francisco Solano Constâncio, **Novo Dicionario critico e etymologico da língua portuguesa**, e normalidade, 1873, em Frei Domingos Vieira, no **Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa**, portanto posteriores às edições do **Bluteau** e do **Moraes Silva** aqui citadas. Contudo, apesar de terem tido a sua abonação relativamente próxima à época das duas publicações de “O Alienista” saídas em vida de Machado de Assis, essas duas palavras, normal e normalidade, estarão entre os eixos de sentidos deste famoso conto machadiano.

.....Para quem não leu “O Alienista”, nele é contada por um narrador que alude como base da história, que ele vai contar, relatos de cronistas da época, possivelmente o século XVIII, uma parte da história do dr Simão Bacamarte e da construção e funcionamento de uma casa destinada ao abrigo dos chamados loucos, como também ao estudo da loucura, a Casa Verde, que recebeu esse nome por ter várias janelas verdes, possivelmente em alusão à famosa casa das janelas verdes do Marquês de Pombal, casa essa que hoje abriga o Museu de Arte Antiga, em Lisboa. Mas, voltando à história, desde o seu início e à medida que ela avança, vão sendo semeadas, num crescendo, dúvidas e mais dúvidas acerca da sanidade mental do respeitável médico de Itaguaí que chega a trancafiar quase toda a população daquela vila na chamada Bastilha da razão humana, expressão usada por uma das personagens da história para denominar a Casa Verde. Mas, depois de testar sua teoria e de tentar outra praticamente oposta àquela que havia utilizado, o alienista liberta todas as pessoas que havia trancafiado. No final da história, o dr Simão Bacamarte se tranca na Casa Verde para estudar o seu próprio caso e lá vem a falecer.

Logo no início da história, tanto na versão publicada em **A Estação** como na saída em **Papéis Avulsos**, podemos ler:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em
tempos remotos vivera ali um certo médico, o

Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo. (ASSIS, 1882, p. 1)

Ora, não é esperado ou mesmo corriqueiro que o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas, venha a exercer sua profissão na Itaguaí daquele tempo e ainda dizer a el-rei: “Itaguaí é o meu universo”. O leitor começa a ter dúvidas acerca da saúde mental do alienista. Dúvida esta que é reforçada também por uma fala do padre Lopes à esposa do alienista, D. Evarista: “- Olhe, D. Evarista, disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre não é bom, vira o juízo.” (ASSIS, 2017, p. 4).

Reforçando a ideia presente no comentário do padre Lopes (quem estuda muito enlouquece), assim como a ambiguidade, no texto machadiano, entre razão/loucura e a dúvida crescente acerca da sanidade mental de Simão Bacamarte, muitas vezes não literalmente formulada, mas, por meio de índices, sutilmente plantada ao longo da história, há tanto no texto de **A Estação** como no texto publicado em livro, em 1882, o emprego da forma doudo na maior parte das vezes em que há referência aos chamados loucos. O uso da forma doudo possibilita maior aproximação inclusive gráfica e sonora com a palavra doutor que, em sua forma abreviada, dr, antecede em muitas partes do texto o nome de Simão Bacamarte, como também se aproxima de um adjetivo com que facilmente podemos caracterizar o famoso médico de Itaguaí: douto. Na escolha materializada em uso da forma doudo nos textos de “O Alienista” publicados em **A Estação** e em livro em 1882, os dois publicados em vida de Machado de Assis, há a materialização e o reforço da ambiguidade entre razão e loucura, o reforço da dúvida a respeito da sanidade mental do dr Simão Bacamarte. Portanto, a forma doudo deve ser mantida e não alterada para doido, alteração essa que podemos verificar com frequência em edições recentes da obra machadiana.

A Comissão Machado de Assis já havia recomendado nas introduções crítico-filológicas publicadas no início das edições por ela realizadas, a manutenção das chamadas formas sincréticas, reforçando, no texto machadiano, a coerência entre forma e conteúdo, valorizando assim o apuro formal alcançado pelo autor.

Já dissemos que, em vida de Machado, “O Alienista” foi publicado pela primeira vez em **A Estação** e, pela última vez, em **Papéis Avulsos** e que tais publicações apresentam diferenças ou variantes entre si.

Podemos perceber que algumas das alterações em relação ao texto de “O Alienista” publicado em **A Estação**, consubstanciadas no texto publicado na edição em livro de 1882, contribuíram para que o texto ganhasse maior espaço para dúvidas, incertezas e mesmo ambiguidades, que não colocam em causa a maestria do escritor e, sim, reforçam a interseção e mesmo o enfraquecimento das fronteiras entre razão/loucura e, acompanhando, a loucura, o autoritarismo, não como exceção, mas como norma em nosso país, já nos tempos de Machado. Como muito bem lembrou, Uédipo Ferreira, um dos alunos do Instituto de Letras da UFF que estão colaborando na edição crítica que estamos preparando no Labec-UFF, há, em “O Alienista” até mesmo um golpe, o dado pelo barbeiro Porfírio. Não é mera coincidência. Nossa história mudou, mas não tanto, apesar dos anos que nos separam da segunda metade do século XIX. Nossos inimigos ainda estão no poder e há quem diga, como o famoso estudioso da obra machadiana, John Gledson, que: “o assunto meio escondido da coletânea é o Brasil – porém, um Brasil visto indiretamente, às avessas, com ironia, através de excursões no tempo e no espaço” (GLEADSON, 2011, p.10).

São também curiosas as constantes referências aos árabes em “O Alienista”, tanto da primeira quanto da última edição em vida do autor. Inclusive, na edição de **A Estação**, no último capítulo do conto lá publicado, há gravuras referentes à Tunísia. O leitor de hoje as estranha. Não é normal, para o leitor de hoje, que elas estejam lá, pois parecem estar descontextualizadas. Porém, teriam elas alguma ligação com o conto machadiano? Machado teria podido opinar acerca da publicação de tais gravuras? Não sabemos. O ruído da tempo ainda não nos permite responder.

Para Friedrich Froch, em “O tenebroso problema da patologia cerebral. Algumas considerações acerca d’*Alienista* machadiano, um dos capítulos de **A obra de Machado de Assis**, Ensaio Premiados, entre as importantes considerações que tece sobre tais referências, diz que elas estariam ligadas ao Quixote de Cervantes e ajudariam a compor uma ideia de anacronismo em relação à formação do dr Bacamarte. Contudo, não podemos deixar de pensar que também podem fazer referência à religião e à cultura de muitas das pessoas que aqui chegaram escravizadas. Muitas eram muçulmanas. Será que a presença de referência aos árabes e ao Corão em “O Alienista” seria também um exercício de resistência? Talvez sim, porque tal exercício está presente no conto como, por exemplo, na passagem em que apenas um menino em situação de escravidão está com a razão em relação ao que acontece na rua, como podemos ler nas páginas 45 e 46 do conto publicado na edição de 1882 de **Papéis Avulsos**, aqui com a grafia atualizada conforme o último acordo ortográfico:

D. Evarista teve notícia da rebelião antes que ela chegasse; veio dar-lha uma de suas crias. Ela provava nessa ocasião um vestido de seda, — um dos trinta e sete que trouxera do Rio de Janeiro, — e não quis crer.
— Há de ser alguma patuscada, dizia ela mudando a posição de um alfinete. Benedicta, vê se a barra está boa.
— Está, sinhá, respondia a mucama de cócaras no chão, está boa. Sinhá vira um bocadinho. Assim. Está muito boa.
— Não é patuscada, não, senhora; eles estão gritando: — Morra o Dr. Bacamarte! o tirano!

dizia o moleque assustado.

— Cala a boca, tolo! Benedicta, olha aí do lado esquerdo; não parece que a costura está um pouco enviesada? A risca azul não segue até abaixo; está muito feio assim; é preciso descoser para ficar igualzinho e...

— Morra o Dr. Bacamarte! morra o tirano! uivaram fora trezentas vozes. Era a rebelião que desembocava na rua Nova.

D. Evarista ficou sem pinga de sangue. No primeiro instante não deu um passo, não fez um gesto; o terror petrificou-a. A mucama correu ins-

tintivamente para a porta do fundo. Quanto ao moleque, a quem D. Evarista não dera crédito, teve um instante de triunfo, um certo movimento súbito, imperceptível, entranhado, de satisfação moral, ao ver que a realidade vinha jurar por ele.

E podemos afirmar: Sim. Virá. Depende de todas e de todos nós e “O Alienista”, uma das chaves para a iniciação de novas leitoras e novos leitores no universo das obras de Machado de Assis e na complexidade de sua leitura, nos confirma cada vez mais um escritor, crítico de seu tempo, um autor que não se calou e que nos ajuda ainda hoje a conhecer, a transformar e a dizer: não está normal! É preciso resistir! A Uerj resiste! Muito Obrigada!

REFERÊNCIAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. O Alienista. In: **A Estação**. Jornal Ilustrado Para A Família. Rio de Janeiro, Xº Anno, n.19, p. 231-232, 15 out 1881.

-----. O Alienista. In: **A Estação**. Jornal Ilustrado Para A Família. Rio de Janeiro, Xº Anno, n. 20, p. 241-242, 31 out 1881.

-----. O Alienista. In: **A Estação**. Jornal Ilustrado Para A Família. Rio de Janeiro, Xº Anno, n. 21, p. 255 e p. 265, 15 nov 1881.

-----. O Alienista In: **A Estação**. Jornal Ilustrado Para A Família. Rio de Janeiro, Xº Anno, n.23, p. 277-278, 15 dez 1881.

-----. O Alienista. In: **A Estação**. Jornal Ilustrado Para A Família. Rio de Janeiro, Xº Anno, n.24, p.289-290, 31 dez 1881.

-----. O Alienista. In: **A Estação**. Jornal Ilustrado Para A Família. Rio de Janeiro, XIº Anno, n.2, p.13, 31 jan 1882.

-----. O Alienista. In: **A Estação**. Jornal Ilustrado Para A Família. Rio de Janeiro, XIº Anno, n.3, p. 25 e p. 28, 15 fev 1882.

-----. O Alienista. In: **A Estação**. Jornal Ilustrado Para A Família. Rio de Janeiro, XIº Anno, n.5, p. 49-50, 15 mar 1882.

-----. **Papéis Avulsos**. Rio de Janeiro: Lombaerts & C. 1882.

-----. **Papéis Avulsos**. Edição Crítica e Comentada (ainda inédita, mas deve ser entregue a publicação em 2017).

BIBLIOTECA Brasileira Guita e José Mindlin. Dicionários Bluteau e Moraes Silva. In: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/3/normal>> Acesso em 2/07/2017.

CASTRO, Ivo. O retorno à Filologia. In:<
http://www.clul.ulisboa.pt/files/ivo_castro/1995_Retorno_Filologia.pdf> Acesso em: 13 jan 2017.

COMISSÃO Machado de Assis. Introdução crítico-filológica. In: ASSIS, Joaquim

Maria Machado de Assis. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1977.

FREIRE, Laudelino. **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, v. IV.

GLEDSON, John. Prefácio. *Papéis avulsos*: um livro brasileiro? In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Papéis avulsos**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HOUAISS, Antonio/: HOUAISS, VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PICCHIO, Luciana Stegano. **A lição do texto**. Filologia e Literatura. I-Idade Média. Lisboa: Edições 70, 1979.

SIGNIFICADOS. In:<<https://www.significados.com.br/normal/>>. Acesso em 1/07/2017.

SOUSA, J. Galante de. **Bibliografia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: INL, 1955.

2017: O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE CELSO CUNHA

**CILENE DA CUNHA PEREIRA*
(UFRJ E ABRAFIL)**

Celso Cunha nasceu em 10 de maio de 1917, em Teófilo Otoni (Minas Gerais), filho mais velho do professor e político Tristão da Cunha e de Júlia Versiani, duas tradicionais famílias do Norte e Nordeste de Minas.

Seu projeto de vida foi definido desde cedo: formar-se em Direito, para eventual carreira política, seguindo os passos do pai e em Letras, para ser professor do Colégio Pedro II e da Faculdade Nacional de Filosofia, seguindo outra faceta paterna.

Enquanto seu pai se dedicou à política, ele preferiu ser professor, mas herdou do pai o tato político e o gosto pelos estudos.

Bacharel em Direito e Doutor em Letras pela Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, Celso Cunha pertenceu a uma geração marcada pelo nascimento do curso superior de Letras no Rio de Janeiro e pela competência e dedicação de alguns excepcionais professores brasileiros, como Antenor Nascentes e Sousa da Silveira, e pela onda de modernidade trazida por professores franceses e italianos, emigrados da Europa em consequência da II Guerra.

Pelos olhos de Nascentes, seu professor de Filologia Românica, Celso Cunha vislumbrou os caminhos da Dialectologia e o estudo da variante brasileira da Língua Portuguesa. A Sousa da Silveira, seu professor de Filologia Portuguesa e orientador acadêmico em nível de doutorado, Celso Cunha deveu sua opção pela Crítica Textual e o gosto pelos Cancioneiros Medievais.

Pertenceu a uma geração de figuras proeminentes que mesclava elementos de formação universitária com autodidatas de sólidos conhecimentos linguístico-filológicos, como Antônio Houaiss, Antônio José Chediak, Olavo Nascentes, Othon Moacyr Garcia, Serafim da Silva Neto, Sílvio Elia, Gladstone Chaves de Melo, Rocha Lima, Mattoso Câmara Jr.

Celso Cunha foi, antes de tudo, professor. Era assim que gostava de ser conhecido e era assim que declarou, repetidas vezes, preferir ser lembrado.

Iniciou sua carreira docente no Colégio Pedro II, aos 18 anos. E, conquistou, segundo suas palavras, "pelas estradas largas e democráticas da competição pública, duas das cátedras de maior responsabilidade do ensino da língua do País: a do Colégio Pedro II, a representar a tradição centenária enobrecida pelos filólogos do passado; a da Faculdade Nacional de Filosofia, a esperança no destino dos estudos do idioma"¹.

Participou, com Afrânio Coutinho, Eduardo Portella e Thiers Martins Moreira, da criação dos cursos de Pós-Graduação em Letras da UFRJ, com a preocupação constante de formar professores de alto nível para suprir a carência que existia, e ainda existe, em nosso País. Nessa universidade lecionou durante 34 anos, até às vésperas do seu falecimento.

Suas atividades intelectuais, particularmente nas áreas da Filologia e da Linguística, abriram-lhe as portas para o mundo. Recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Granada (Espanha) e foi professor em várias universidades europeias, entre elas, a Universidade de Paris-Sorbonne; a Universidade de Colônia (Alemanha); a Universidade Clássica de Lisboa.

Nas universidades por onde andou, alunos e professores foram seduzidos pela sua prodigiosa cultura, pela sua gentileza e generosidade, pelo seu jeito mineiro de ser. Foi sempre um conciliador, era difícil arrancar dele um não. Sobre esse traço mineiro de sua personalidade, poderia fazer minhas as palavras de Aníbal Machado: "Discreto e cauteloso, o mineiro raramente diz sim ou não categóricos: prefere o vamos ver protelatório e reflexivo."

Celso Cunha conviveu com grandes linguistas e filólogos do seu tempo, com quem se encontrava em congressos e cursos pelo mundo afora. Com eles trocava correspondência em cartas, em "folhinhas quase transparentes, escritas à mão, com uma letrinha inconfundível, perfeita, os pontos, as vírgulas, as aspas, os acentos, os sublinhados, tudo no seu lugar como convém a um filólogo rigoroso"², segundo palavras de Luciana Stegagno Picchio.

Além de professor, Celso Cunha assumiu vários cargos públicos. Dirigiu a Biblioteca Nacional; foi Secretário de Educação e Cultura do

¹ Filologia e vida. In: *Sob a pele das palavras*. Organização Cilene da Cunha Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Academia Brasileira de Letras, 2004, p. 420.

² PICCHIO, Luciana Stegagno. Saudades de Celso Cunha. In: *Miscelânea de Estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Organização e coordenação Cilene da Cunha Pereira e Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. X.

antigo Estado da Guanabara, Membro do Conselho Federal de Educação e do Conselho Federal de Cultura e Revisor do texto da atual Constituição do Brasil, promulgada em 1988.

Pertenceu às principais Academias e Sociedades Científicas tanto do Brasil quanto do exterior, entre elas a Academia Brasileira de Filologia; a Academia Brasileira de Letras; a Academia Mineira de Letras; a Academia das Ciências de Lisboa, ao PEN Clube do Brasil e é o patrono da Academia de Letras de Teófilo Otoni, sua cidade natal.

Celso Cunha foi detentor de vários prêmios como educador, homem público e pelo conjunto da sua obra linguístico-filológica. Recebeu diversas condecorações nacionais e internacionais, entre elas, a de Honra da Inconfidência; a do Barão do Rio Branco; a da Legião de Honra da França; a da Ordem de Sant'Iago da Espada de Portugal; a da Ordem de Alfonso X, O Sábio da Espanha; e a da Ordem do Mérito da Itália.

Celso Cunha é autor de obras capitais na área da crítica textual, da versificação, da política do idioma e do ensino de língua portuguesa.

Suas edições de trovadores medievais o tornaram uma autoridade conhecida internacionalmente. Elas foram reunidas no livro *Cancioneiros dos Trovadores do Mar*, preparado por Elsa Gonçalves, com apresentação de Ivo Castro, a partir das anotações de Celso Cunha, publicado em Lisboa, em 1999. Seus estudos sobre versificação galego-portuguesa encontram-se na coletânea *Estudos de Versificação Portuguesa (Séculos XIII a XVI)*, editado em Paris, em 1982.

Escreveu textos extremamente polêmicos, políticos e nacionalistas sobre a expansão e o domínio da Língua Portuguesa e sua situação frente aos demais idiomas. Criticou arduamente o purismo linguístico, aqueles que consideravam a variante brasileira um dialeto, insurgindo-se contra o controle normativo da nossa língua imposto pelos portugueses. Nessas obras afirma que a sexta língua mais falada, numa extensão que cobre a sétima parte da terra, não pertence nem aos portugueses, que a criaram e primeiro a disciplinaram, nem aos brasileiros que constituem seu maior contingente de usuários, mas a todo um conjunto de falantes onde cabem, com fisionomias próprias, Luís de Camões, Machado de Assis e Luandino Vieira.

Criticou os que condenavam o ingresso de galicismos e americanismos na nossa língua. Dizia Celso Cunha “o problema do empréstimo linguístico não se resolve com atitudes reacionárias, com estabelecer barreiras ou cordões de isolamento à entrada de palavras e expressões de outros idiomas. Resolve-se com o dinamismo cultural, com o gênio inventivo do povo. Povo que não forja cultura dispensa-se de criar palavras com energia irradiadora e tem de conformar-se, queiram ou não queiram os seus gramáticos, à condição de mero usuário de criações alheias”³.

Defendeu a superior unidade da Língua Portuguesa dentro da sua natural diversidade. Afirmou ele, em diferentes estudos, que nenhuma política eficiente do idioma pode ser proposta sem levar em conta a diversidade linguística do país, isso porque a expansão da modalidade falada, desde o Brasil colônia, não foi acompanhada pelo desenvolvimento da escrita; as variantes regionais e sociais se contrapõem ao padrão culto; a dinâmica da linguagem das cidades costeiras contrasta com a dinâmica da linguagem interiorana. Seu pensamento a respeito da diversidade linguística é, como se sabe, coincidente com o de Eugenio Coseriu e de Roman Jakobson.

Outra questão que preocupou também a Celso Cunha foi o conceito de norma linguística e correção gramatical. Sua tese fundamenta-se nas ideias de Otto Jespersen. Afirmo Celso Cunha: “todo o nosso comportamento social está regulado por normas a que devemos obedecer se quisermos ser corretos. O mesmo sucede com a linguagem, apenas com a diferença de que as suas normas, de um modo geral, são mais complexas e mais coercitivas”, e acrescenta “falar correto significa o falar que a comunidade espera, e erro em linguagem equivale a desvios desta norma, sem relação alguma com o valor interno das palavras ou formas”⁴.

Foi um incentivador das pesquisas sobre a nossa realidade idiomática. Dizia ele: “Sem o conhecimento científico de nossa realidade linguística, continuaremos a entorpecer o ensino do idioma com uma inútil sobrecarga de fatos inoperantes e a retardar a incorporação à comunidade de plenitude produtiva desta imensa população de analfabetos que, para desonra nossa, povoa ainda os oito e meio milhões de quilômetros quadrados deste país-continente.”⁵

³ CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 9 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986, p. 31-32.

⁴ CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 9 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986, p. 38.

⁵ CUNHA, Celso. *Língua, nação e alienação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981, p. 32.

Com o objetivo de conhecer melhor a realidade linguística brasileira, orientou teses de doutorado na UFRJ e coordenou o Projeto NURC, Projeto de Estudo Conjunto e Coordenado da Norma Linguística Oral Culta de Cinco das Principais Capitais Brasileiras, pesquisa que tem dado inúmeros frutos.

Nessa linha, merecem referência seus trabalhos: *Uma política do idioma; Língua Portuguesa e realidade brasileira; Língua, nação e alienação; A questão da norma culta brasileira e Que é um brasileiro?* Esses estudos fazem parte de um livro por mim organizado que será publicado até o final deste ano, dentro das comemorações do centenário de Celso Cunha.

Escreveu, na década de 60, uma inovadora série didática intitulada *Manual de Português*, com o objetivo de ensinar a língua pelos textos de autores modernos, a fim de formar o gosto literário dos alunos. Cada capítulo continha um texto para leitura e outro para recitação; vocabulário, que não se limitava apenas a fornecer um sinônimo; noções de gramática, com a preocupação de distinguir os conhecimentos essenciais dos subsidiários; exercícios que visavam “não só verificar a aprendizagem do aluno, mas também a provocar-lhe a inteligência” e uma proposta de redação. Essa série didática foi o embrião de suas várias gramáticas. Em 1970, publicou a *Gramática do Português Contemporâneo*; em 1972, a *Gramática da língua portuguesa*. Nessa linha, seu projeto maior foi a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, escrita em colaboração com Luis Felipe Lindley Cintra, professor da Universidade Clássica de Lisboa, saída em Portugal, em 1984 e no Brasil, em 1985. Nela, Celso e Cintra descrevem o português atual na sua forma culta, ou seja, a língua como a tem utilizado poetas e prosadores brasileiros, portugueses e africanos do Romantismo para cá, demonstrando a unidade da Língua Portuguesa, dentro de suas variedades continentais. Por essas gramáticas, milhares de brasileiros, portugueses e africanos aprenderam e continuam a aprender a nossa língua.

Celso Cunha passou a vida comprando livros, publicando livros, examinando livros. O apartamento em que viveu mais parecia uma biblioteca, com livros impecavelmente encadernados, que ocupavam todas as paredes do chão ao teto, residência que terminava aos pés do Cristo Redentor. Sua figura alta e esguia, de falar pausado projetava uma tranquilidade, uma alegria de existir numa residência que fervilhava de vida, com mesa farta de comida mineira, cercado da família – a esposa, as cinco filhas, os genros e netos - e de amigos brasileiros e estrangeiros.

Gostava de estar em casa entre os livros, a família, os amigos e os alunos. Fazia parte dos seus hábitos trabalhar à noite até a chegada do jornal e dormir pela manhã. Passava a noite, no seu escritório, lendo e escrevendo. Amava ver o sol nascer. Gostava de conversar e era capaz de manter unida uma roda de amigos até o fim da noite. Sem se impor, era, de modo natural, o centro do grupo. Sua vocação de professor não se revelava apenas nas salas de aula nem nas conferências, mas também nas simples conversas informais. Contava histórias, falava das viagens, dos congressos, dos amigos como Eduardo Portella, do Rio; Wilton Cardoso, de Belo Horizonte; Antônio Salles, de Brasília; Ramón Piñero, de Santiago de Compostela; Lindley Cintra, de Lisboa; Manuel Alvar, de Madrid; Paul Teyssier, de Paris; Luciana Stegagno Picchio, de Roma.

Partiu em 14 de abril de 1989, aos 72 anos, mas continua vivo, no afeto de seus familiares e amigos, na memória de alunos e colegas, na admiração de todos aqueles que se interessam pelos estudos da Língua Portuguesa em suas diferentes dimensões e nas homenagens que, neste ano, estão sendo prestadas a ele.

* Cilene da Cunha Pereira é doutora em Letras e professora de Língua Portuguesa da UFRJ. Membro da Academia Brasileira de Filologia. Ministra cursos de Pós-Graduação em vários estados do Brasil e participa da avaliação do ensino da Língua Portuguesa em nível nacional. De Celso Cunha organizou a *Gramática essencial* e *Sob a pele das palavras*. É coautora das obras *Dúvidas em português nunca mais*; *Ler/falar/escrever: práticas discursivas no ensino médio* e *Nova gramática para concursos: praticando a língua portuguesa*.

FORMAÇÃO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS: vale a pena ler de novo

CLAUDIO CEZAR HENRIQUES
(UERJ E ABRAFIL)

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de descrever a formação do léxico do português, exemplificando-a e comentando-a.

PALAVRAS-CHAVE: língua portuguesa – filologia portuguesa - história interna

ABSTRACT: This article aims to describe the formation of the lexicon of Portuguese, exemplifying it and commenting it.

KEY-WORDS: portuguese language – philology – internal history of portuguese.



FIGURA 1: Porto Seguro, BA. O latim está no ar.
IMAGEM: arquivo particular.

Na chegada a Porto Seguro, na Bahia, o visitante se depara com portais com inscrições ufanistas como “O BRASIL NASCEU AQUI”, “NASCI EM PORTO SEGURO, MEU NOME É BRASIL”. No brasão da cidade, a frase é latina “JAM ANTE BRASILIAM EGO” (*EU JÁ EXISTIA ANTES DO BRASIL*). Brasões e escudos costumam ter como divisa, lema ou mote uma expressão latina, embora haja também outras práticas de escritura nessa parte que mostra a motivação ou a intenção da instituição, localidade ou pessoa que quer se distinguir por meio da arte heráldica.

A frase da fotomontagem acima deve surpreender a maioria dos viajantes. Afinal, paira no ar a ideia de que o latim é uma língua morta e que, quando se encontra uma frase em latim, ela deve dar a impressão de algo muito antigo, de preferência como um vestígio da época do Império Romano. Em Porto Seguro, a divisa do brasão é, porém, de um latim artificial, mas contemporâneo, usado quase como um marco civilizatório na história do Brasil: em latim, em terra brasílica, talvez até como uma advertência à própria língua portuguesa, descende do latim, língua nascida em torno do ano 1000 a.C. na região central da Península Itálica, ao sul do rio Tibre, cuja nascente está nos montes Apeninos e cuja foz se encontra no mar Tirreno. Essa região chamava-se *Latium* ([Lácio](#)), e é dela que provém o nome da língua falada por seus habitantes, os latinos.

Dizer isso aqui serve para reforçar uma evidência: por ser o português uma língua derivada do latim, seu vocabulário, na essência, é de origem latina, e o latim é o estrato primário de seu léxico, que começa a se formar em 218 a.C., quando os romanos invadem a Península Ibérica, com o intuito de conquistar a Ibéria.

Quando a língua portuguesa começou a ser escrita – no início do século XIII – seu léxico reunia cerca de 80% de palavras de origem latina e outros cerca de 20% de palavras pré-romanas, germânicas e árabes. (Azeredo: 2008, p. 393-4)

A esse acervo de palavras que passaram pelos processos históricos de mudança linguística chama-se PALAVRAS HEREDITÁRIAS. Para o português brasileiro, esse conjunto se enriqueceu durante a fase de implantação da língua em nosso território, com a contribuição dos substratos indígenas e superestratos africanos. Configura-se então uma segunda fase hereditária, a do português brasileiro. Muitos autores só se referem como palavras hereditárias às que estão na fase ibérica do latim. Aqui preferimos falar em dois tipos de herança, a latino-ibérica e a luso-brasileira.

O português ibérico entrou em contato com várias outras línguas, por via do ciclo das navegações, por via dos contatos linguísticos em solo europeu. Assim também aconteceu com o português brasileiro, em sua expansão internacional ao longo dos últimos séculos ou pela recepção a várias ondas de imigração em nosso território. Nesse caso, fala-se em EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS, fenômeno que ocorre incessantemente no curso da história.

Por fim, um terceiro tipo de acervo lexical é produzido internamente nas situações em que o falante emprega os recursos léxico-morfológicos para criar palavras novas, a que chamamos NEOLOGISMOS.

1. Palavras Hereditárias

•

CONTRIBUIÇÃO PRÉ-ROMÂNICA

As relações entre os romanos e os primeiros habitantes da Península Ibérica incluíam naturalmente a troca de experiências linguísticas, nas quais se deu a incorporação de palavras que davam nomes a rios, montes, povoações, alimentos locais, etc. A Galiza e o norte de Portugal, antes da ocupação romana, foram centros de cultura céltica e, por isso, palavras oriundas dessas línguas entraram no substrato latino peninsular. A contribuição é pouco numerosa, e a maioria tem origem no celta ou – supõe-se – no basco.

(a) ELEMENTO IBÉRICO (*basco?*): abóbora, arroio, baía, barro, bezerro, bizarro, cama, esquerdo, garra, gordo, louça, manteiga, manto, modorra, páramo, sapo, sarna, seara, veiga.

(b) ELEMENTO CELTA: bico, bragas, brio, cabana, caminho, camisa, canto (= ângulo), carpinteiro, carro, cerveja, duna, gato, lança, légua, peça, raio, touca, vassalo⁶.

•

FUNDO ROMÂNICO

O conjunto inicial de palavras do português provém do latim introduzido na Península Ibérica pelos romanos, que era a rigor o mesmo do LC, embora com a ressalva de que o povo não falava a mesma língua que as classes cultas. Isso acarretou diferenças no uso do léxico.

.. O chamado “vocabulário fundamental” era comum a ambos os registros: *pater, mater, filium; manus, pedem, brachium; aqua, panis, vinus; canis, capra, lupum; bonus, malus, tristis; comedere, dicere*, etc.

⁶ Segundo alguns autores, diversos topônimos portugueses têm origem céltica: Bragança, Coimbra (<Conimbriga), Évora, Lisboa (< Olisipo), Mondego, Penafiel, Tejo, Viseu, Zêzere. Incluem-se nesse rol os nomes Portugal e Galícia, que têm um componente de origem celta “*Cale*”, a deusa-mãe dos celtas (Cal-leach).

No entanto, em muitas situações, a seleção lexical divergia entre o LV e o LC: *apprendere/discere, bellus/pulcher, bibere/potare, caballus/equus, cattus/felis, grandis/magnus, jocus/ludus, manducare/edere* (comer).

Faz parte desse fundo romano um amplo rol de palavras gregas que foram incorporadas ao latim em fases variadas do Império Romano, em especial durante a época em que os romanos mantiveram negócios com os gregos ou quando houve a anexação da Grécia a Roma (de 146 a.C. a 330 d.C.). O vocabulário grego penetrou no latim por duas vias, a popular e a literária – cf. I. Coutinho: 1976, pp. 190-1:

Da camada mais antiga: *bolsa, cara, corda, calma, chato, caixa, ermo, espada, governar, golfo, órfão*. Com o advento do cristianismo, inúmeros foram os vocábulos gregos que penetraram no latim e se difundiram por influência da Igreja pelos povos católicos: *anjo, apóstolo, bispo, bíblia, cônego, clérigo, crisma, diabo, diocese, eucaristia, epifania, encíclica, esmola, idolatria, igreja, mosteiro, parábola, paróquia, presbítero*.

É nesse longo período de coexistência que o latim absorve a incontável quantidade de elementos gregos (radicais, prefixoides e sufixoides) que esteve e está à disposição dos usuários para criar palavras dos campos técnico, científico e comunicacional: *fonógrafo, homeopatia, gimnocéfalo, microscópio, pseudodemocrata, neobobo, teleconferência*.

•

CONTRIBUIÇÃO PÓS-ROMÂNICA

No período a que chamamos de fase hereditária ibérica, duas outras contribuições ocorrem: uma por via do superestrato germânico, outra pelo adstrato árabe. A contribuição germânica data do século V, época das invasões, e tem como étimo principal a base gótica.

(c) ELEMENTO GERMÂNICO: *arauto, agasalho, albergue, anca, aspa, barão, banco, brasa, dardo, elmo, estaca, espora, estribo, feudo, feltro, ganso, garbo, galardão, grupo, guerra, guia, lata, marco, saga, trégua*.

A contribuição germânica se estendeu aos adjetivos: *branco, fresco, liso, morno, rico, ufano*.

E a alguns verbos: adular, agasalhar, ataviar, bramar, brandir, britar, escarnecer, esgrimir, estampar, roubar.

E também à antroponímia: Adolfo, Afonso, Álvaro, Ataulfo, Frederico, Ramiro, Ricardo, Rodrigo.

E aos nomes dos pontos cardeais: norte, sul, leste, oeste.

São germânicos os sufixos -arde, -ardo, -engo, -engue, que entram na derivação: covarde, felizardo, flamengo, mulherengo, perrengue, realengo.

(d) ELEMENTO ÁRABE: O *Dicionário Etimológico* de Antenor Nascentes relaciona 609 palavras oriundas do árabe, a maioria iniciada pelo elemento *al-*, correspondente ao artigo árabe.

Palavras relacionadas aos animais: alcateia, arraia, cáfila, camelo, papagaio, traça. A flores, plantas e aromas: açafraão, açucena, alcachofra, alecrim, alface, alfafa, alfazema, algodão, elixir, talco.

A instrumentos agrícolas e musicais, armas e utensílios: alaúde, alfanje, algema, alicate, almofariz, matraca.

A pesos e medidas: alqueire, arroba, azimute, quilate, quintal.

A artefatos, cargos, ciências, ofícios e lugares: açougue, aduana, alcaide, alcova, alfaiate, alfândega, alfarrábio, álgebra, algibebe, almocreve, almoxarife, armazém, arrabalde, assassino, chafariz, marfim, masmorra, mesquita, rima, zero.

A alimentos e bebidas: acepipe, aletria, álcool, almôndega, café, haxixe, sorvete, tamarindo, xarope.

A contribuição árabe também se estendeu aos adjetivos: baldio, garrido, mesquinho, otomano.

• CONTRIBUIÇÃO PÓS-EUROPEIA

Aceitando-se a tese de que o português brasileiro se enriqueceu com a contribuição das línguas indígenas (substratos) e das línguas africanas (superestratos), temos então uma segunda fase hereditária, exclusiva do português brasileiro – do mesmo modo que em todos os territórios em que o português se consolidou como língua oficial deve haver um novo conjunto lexical próprio.

(e) ELEMENTO INDÍGENA: O **tupi** deixou uma grande quantidade de elementos em nosso vocabulário.

Palavras relacionadas à fauna: araponga, capivara, curió, cururu, gambá, jaburu, jararaca, juriti, paca, piranha, sabiá, sanhaço, sucuri, tamanduá, tanajura, tatua, urubu.

À flora: abacaxi, aipim, buriti, caatinga, caju, carnaúba, capim, caruru, cipó, jabuticaba, jacarandá, mandioca, maracujá, sapé, taquara.

A credices populares e fenômenos variados: arapuca, arataka, carijó, catapora, curupira, pindaíba, pororoca, saci, tocaia.

À antroponímia: Araci, Araripe, Cotegipe, Iara, Iracema, Jaci, Jacira, Piragibe, Sucupira, Ubirajara.

E à toponímia: Abaeté, Andaraí, Aracaju, Bagé, Bauru, Butantã, Caçapava, Cambuquira, Carioca, Guanabara, Irajá, Itaipu, Jacarepaguá, Maracanã, Pará, Sumaré, Taubaté, Tijuca.

(f) ELEMENTO AFRICANO: A influência africana também ocorreu em território europeu, em virtude da presença do escravo em Portugal em épocas anteriores. Portanto, uma parte de seu vocabulário veio para o Brasil com os próprios portugueses, quando do descobrimento,

indiretamente. Basicamente eram dois os idiomas dos escravos trazidos para a América: o nagô (ou ioruba), de atuação apenas regional, e o quimbundo, o mais rico e o que mais se expandiu. Outro fato importante a ser assinalado é que a atuação das línguas africanas foi maior nos campos fonético, morfológico e sintático do que no lexical, sobretudo por causa da ausência de flexões de seu sistema linguístico, adaptado ao português.

- São provenientes do **nagô**: acarajé, afoxé, agogô, babalaô, Exu, ogunhê, Orixá, Oxum, vatapá, Xangô.

- São provenientes do **quimbundo**: banana, berimbau, cachimbo, caçula, camundongo, corcunda, fubá, inhame, jiló, marimbondo, maxixe, moleque, moqueca, quitanda, samba, senzala, xingar.

2. Empréstimos

São casos de empréstimo todos os que resultam de contatos linguísticos que não se caracterizam como hereditários, mas que fazem a palavra estrangeira assumir um formato vernáculo. Nesse caso de “importação lexical” a primeira barreira a suplantar é a fonética, pois “uma palavra estrangeira não adquire foros de nacional senão depois que o povo lhe imprimiu o seu cunho especial, adaptando-a aos seus sons” (José J. Nunes: 1969, p. 404). Vencida essa etapa, pode-se dizer que a palavra passou a fazer parte do vocabulário de uma língua.

Os empréstimos começam como neologismos e enfrentam outras barreiras, além da fonética. Haverá quem argua sua necessidade ou validade. Haverá a questão da adaptação ortográfica. Trato desses e de outros temas correlatos no livro *Morfologia* (2014, pp. 144-9). Aqui, interessam, sobretudo, as exemplificações do acervo incorporado ao português pelos processos de empréstimo, que se sucedem ao longo da história e que ocorrem como ondas de procedências diferentes.

Adotando a mesma sequência cronológico-espacial que Wilton Cardoso e Celso Cunha apresentam (1978, pp. 138-46), eis uma lista ilustrativa:

- do **provençal** (sob o influxo da poesia trovadoresca, sécs. XIII-XIV): balada, bedel, bordel, bote, cascavel, caserna, coxim, cadafalso, estribar, estandarte, homenagem, jogral, jornada, justa, malvado, paliçada, pavilhão, pelota, refrão, segrel, selvagem, trovador, trovar, tenção, truão, tropel, vassalo, viagem, viola, visagem.

Obs.: São 71 palavras – cf. *Dicionário Etimológico* de Antenor Nascentes.

- do **espanhol** (sob a influência da poesia e da prosa da Espanha, sécs. XV-XVIII): airoso, amistoso, antanho, apetrecho, badejo, balança, bobo, bolero, boleto, castanhola, caudilho, chiste, cordilheira, dengue (= dengoso), descalabro, deslumbrar, despojar, entretenimento, estribilho, façanha, fandango, gado, galã, galhofa, hediondo, hombridade, lagartixa, mantilha, merengue, moreno, neblina, pandeiro, pendão, pimpolho, quadrilha, redondilha, regaço, sangrar, tablado, tornado, vislumbrar.

Obs.: São 400 palavras – cf. *Dicionário Etimológico* de Antenor Nascentes.

- de línguas **asiáticas** (em decorrência da expansão ultramarina): azul, bambu, bazar, biombo, bengala, berinjela, chá, chale, chávena, chita, divã, gaze, jambo, jangada, jasmim, laranja, leque, limão, nenúfar, pires, tafetá, tulipa, zarcão.

Obs.: São 142 palavras (persa, chinês, japonês, malaio) – cf. *Dicionário Etimológico* de Antenor Nascentes.

- do **francês**: avenida, boné, chaminé, chapa, chapéu, charada, charme, chefe, cofre, carruagem, disquete, estrangeiro, finança, garçonne, hotel, ímã, jardim, jaula, metralha, pajem, paisagem, sargento, tabagismo, trem, trincar, vantagem, vedete, viseira, vitral, vitrina.

Obs.: São 657 palavras – cf. *Dicionário Etimológico* de Antenor Nascentes.

- do **inglês**: bar, basquete, bife, blefe, brigue, bonde, bote, cheque, clube, córner, dólar, drinque, escâner, escoteiro, esnobe, esporte, estoque, filme, flerte, futebol, gol, grogue, hambúrguer, iate, jóquei, júri, lanche, lorde, nocaute, panfleto, pulôver, recital, repórter, revólver, sanduíche, surfe, túnel, turfe, uísque, vagão.

Obs.: São 164 palavras – cf. *Dicionário Etimológico* de Antenor Nascentes.

- do **italiano**: adágio, alegre, andante, aquarela, alarme, alerta, bagatela, bancarrota, banquete, cascata, confete, cortejo, false, favorito, festim, fiasco, fragata, galera, gazeta, grotesco, maestro, macarrão, mozzarella⁷, piano, pastel, quarteto, salame, zíngaro.

Obs.: São 383 palavras – cf. *Dicionário Etimológico* de Antenor Nascentes.

- do **alemão**: bismuto, burgomestre, bloco, brinde, cobalto, estoque, manequim,

⁷ O VOLP registra três grafias: mozzarella, muçarela e muzarela. O DH só registra as duas primeiras. Em italiano, *mozzarella*. O italianismo *pizza* tem aporuguesamento “piza” no DH, mas não no VOLP.

manganês, níquel, obus, pistola, quartzo, valsa, vermute, zinco.

Obs.: São 69 palavras – cf. *Dicionário Etimológico* de Antenor Nascentes.

Os últimos exemplos colhidos no *Dicionário Etimológico* de Nascentes fazem uma linha de corte no limite mínimo de 15 palavras.

- do **hebraico** (62): aleluia, amém, babel, belzebu, fariseu, hosana, jubileu, messias, páscoa, querubim.

- do **sânscrito** (44): açúcar, avatar, cânfora, caravana, chacal, jambo, safira, sândalo, suarabácti, suástica.

- do **turco** (45): caíque, casaca, caviar, cossaco, gaita, horda, jaleco, paxá, sandália, tártaro.

- do **catalão** (28): avançar, arriar, baixel, brim, cachalote, convite, estopim, faina, monge, papel.

- do **holandês** (25): borzeguim, dique, doca, droga, escora, espuma, lastro, orca, polaca, quermesse.

- do **quíchua** (18): alpaca, coca, condor, inca, lhama, mate, pampa, puma, quina, vicunha.

- do **russo** (17): bolchevique, czar, czarina, escorbuto, estepe, rublo, soviète, vodca.

PORTUGUÊS NAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

P. Fonseca dedica o último capítulo de seu livro *O Português entre as Línguas do Mundo* (1985, pp. 257-81) ao tema que nos interessa como um aspecto de reverso da medalha do que tratamos neste item até aqui. Afinal, a língua portuguesa também contribuiu e continua contribuindo para a formação de outras línguas.

Por exemplo, há um número expressivo de vocábulos incorporados ao português pela presença lusitana, embora muitos tenham passado, é claro – por empréstimo – para o sistema fonológico do idioma nipônico.

Exemplos⁸: arufabetto < alfabeto // arukuru < álcool // biduru < vidro // birocudo < bico // bisukettu < biscoito // botan < botão // furasuco < frasco // jibiki < juba (= roupa que se veste sob o quimono) < gibão // kappa < capa (de chuva) // karuta < carta (de baralho) // kirisuto < Cristo // koppu < copo // mumeru < marmelo // orugan < órgão (instrumento musical) // pan < pão // patoru < pistola // retteru < letreiro // rozario < rosário // shabon < sabão // tabako < tabaco // yooroppa < Europa.

Segundo o autor, “numerosos povos europeus receberam, por nosso intermédio, uma série de vocábulos de proveniências diversas, africanos, americanos e, sobretudo, japoneses, além de alguns propriamente portugueses” (1985, p. 266=7). Para enumerar muitos exemplos dessa influência do português, transcrevemos alguns:

HOL: albino, arisco, bambú, cariño, chapa, coco, conchabar, fado, follaje, jangada, malagueta, marimba, mermelada, monzón.

CÊS: abricot, baroque, bayadère, caravelle, caste, commando, crêche, marmelade, moéda, nègre, palabre, parage, récif, vigie.

Além disso, o português influenciou também vários idiomas do mundo. O francês está em primeiro lugar [172 pp. de exemplos e abonações], seguido do inglês [172 pp.] e do latim (que também incluiu as expressões jurídicas) [92 pp.]. O português ocupa 5 páginas e lista 16 palavras: *auto-da-fé*, *azulejo*, *barroco*, *bossa-nova*, *cerraçada*, *coco*, *fado*, *favela*, *macumba*, *mandarim*, *manga*, *samba*, *saudade*, *tabaco* e *varanda*.

⁸ A relação de exemplos no japonês é a mesma que cito no meu livro *Morfologia* (2014, p. 148)



FIGURA 2: Chargista explora a internacionalização do português.

IMAGEM: arquivo particular.

Faltou dizer que entre os empréstimos estão muitas palavras do próprio latim. O processo, que se chama RELATINIZAÇÃO, ocorreu no período renascentista, que em Portugal tem início efetivamente no século XVI, embora algumas ações nessa direção (contramão evolutiva?) já tivessem registro na época medieval. Esse movimento se realizou sob duas perspectivas:

(i) **introdução** de vocábulos novos, como vemos nas palavras negritadas destes versos de *Os Lusíadas*⁹:

Pelas **argênteas** ondas Neptuninas (Canto I)

Mas de tuba **canora** e **belicosa** (Canto I)

Com a fronte **cornígera** inclinada (Canto I)

Do claro Assento **etéreo**, o grão Tebano (Canto I)

Que o **malévolo** Baco lhe ensinara (Canto I)

A **plúmbea** péla mata, o brado espanta (Canto I)

Não queres que padeçam **vitupério** (Canto I)

Que produz o **aurífero** levante (Canto II)

De áspero som, **horríssimo** ao ouvido (Canto II)

Apareceu no **rúbido** Horizonte (Canto II)

Estoira o pó **sulfúreo** escondido (Canto II)

Mas o inimigo **aspérrimo** afugenta (Canto III)

⁹ Registradas no *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*, de Antônio Geraldo da Cunha (1980).

Na **fatídica** nau, que ousou primeira (Canto IV)
 A barba **hirsuta**, **intonsa**, mas comprida (Canto IV)
 Ao **estridor** do fogo que se ateia (Canto V)
 Vence toda **grandiloqua** escritura (Canto V)
 Vimos a parte menos **rutilante** (Canto V)
 No animal Nemeio **truculento** (Canto V)
Vociferando estava, quando abrimos (Canto V)
 Já as damas têm por si, **fulgente** e armado (Canto VI)
 Quando dá a grande e súbita **procela** (Canto VI)
 Ou das gentes **beligeras** de Espanha (Canto VII)
 Tantos muros **aspérrimos** quebranta (Canto VIII)
 Lavrando nele o **férvido** veneno (Canto VIII)
Refocilar a lassa humanidade (Canto IX)
 Num globo vão, **diáfano**, **rotundo** (Canto X)
 Tantos Cães não **imbeles profligados** (Canto X)
 Da fera multidão **quadrupedante** (Canto X)
 A quentes regiões, a **plagas** frias (Canto X)
 Abaixando-lhe a **túmida** ousadia. (Canto X)

(ii) **recuperação** dos modelos latinos para vocábulos em uso:

A PALAVRA JÁ ROMANIZADA	E RELATINIZA E VOLTA A SER...
-------------------------	-------------------------------

amizade (séc. X~~II~~) ← amicitia (séc. XVI)
 avondança (séc. X~~II~~) ← abundância (séc. XIV)
 cadeira (882) ← cátedra (séc. XIV)
 dedo (séc. X~~II~~) ← dígito (1532)
 deesa (séc. X~~II~~) ← deia (1572)

fiiz (séc. X~~II~~) ← felice (séc. XIV)
 fremoso (séc. X~~II~~) ← formoso (séc. XIV)

frio (séc. X~~II~~) ← frígido (1542)
 frol (séc. X~~II~~) ← flor (séc. XV)
 logro (séc. X~~II~~) ← lucro (1607)
 marteiro (séc. X~~II~~) ← martírio (séc. XV)
 obridar (séc. X~~II~~) ← olvidar (séc. XIV)
 paço (séc. X~~II~~) ← palácio (séc. XIV)
 seenço (séc. X~~II~~) ← silêncio (séc. XIV)
 selo (12~~XX~~) ← sigilo (1561)

Interessa também comentar algumas diferenças, no âmbito da estilística lexical, entre o LC e o LV. Algumas já foram mencionadas anteriormente em tópicos variados, mas precisamos revê-las em conjunto para fazermos um quadro com as características que derivaram até o português.

Como mostra Maurer Jr. (1959, p. 231), o léxico do LV se distingue em relação ao do LC por quatro peculiaridades, pois o vocabulário popular

- (i) abrange grande número de termos diferentes;
- (ii) inclui certo número de termos exóticos, tomados por empréstimo direto das línguas com as quais esteve em contato, enquanto o LC os evita ou desconhece de todo;
- (iii) tem muitas palavras com significação desconhecida do LC;
- (iv) é mais simples na formação de palavras derivadas e compostas.

Sobre essas peculiaridades, pode-se afirmar que o LV empregava termos desconhecidos ou muito pouco usados no LC (*bellus* e não *pulcher*; *capsa* e não *arca*; *grandis* e não *magis*; *casa* e não *domus*), que eram escassos os termos abstratos e genéricos, além dos culturais, elaborados sob o influxo do helenismo. No LV inaugura-se a preferência pelo uso dos diminutivos com valores afetivos: é de *apicula*, diminutivo de *apis*, que se origina “abelha”; é de *auricula*, diminutivo de *auris*, que se origina “orelha”; é de *clavicula*, diminutivo de *clavis*, que se origina “clavícula”.

Cícero utilizava nas suas cartas expressões diminutivas típicas do LV, como em *mi vetule* (= meu velhinho), *febricula* (= febrezinha) e *nauseola* (= pequena náusea) – cf. J. Barbosa Machado (2012, p. 37 – com adaptações)

Registram-se também atestações de *amiculum* (= amiguinho), diminutivo de *amicu* // *asellus* (= burrico), diminutivo de *asselu* // *basiolum* (= beijinho), diminutivo de *basio* // *cenulam* (= almocinho), diminutivo de *cena* // *dulciolum* (= docinho), diminutivo de *dulce* – entre muitos outros.

A pejoratividade no uso de sufixos é também uma característica do LV. Ela pode, porém, se desviar para a afetividade, o que é um traço que persiste no português. Eis alguns exemplos: *canalha*, diminutivo de *cane* (= cão), para designar crianças pequenas // *sucosus*, *inspeciosus*, *dignitosus*, *linguosus*, adjetivos com o sufixo *-osus*, que sugere defeito ou vício, empregados com abundância por Petrônio em *Satyricon* // **barbutus*, **capillutus*, *cornutus*,

nasutus, adjetivos com o sufixo *-utus*, que indica abundância, eram mais produtivos no LV.

O LV, mais do que o LC, incorpora palavras estrangeiras por empréstimo, mesmo no caso de não designarem conceitos novos ou técnicos. Ademais, válida formas itálicas ou dialetais, célticas, ibéricas e germânicas, além das palavras trazidas por forasteiros gregos depois da formação da Magna Grécia. Os exemplos, que são muitos, ficam aqui limitados aos seguintes:

- NOMES: *bufalus* // *chorda* (*funis*) // *teganum* (“frigideira”) // *tegella* (“tigela”) // *tufer* (*trufa*) // *tumba*.
- VERBOS: *grunnire* (*grundire*, “grunhir”) // *masticare* // *sifilare* (*sibilare*) // *tribulare*. Muitas palavras assumiram no LV significado diferente. “Não raro se trata de um sentido metafórico especial, frequentemente mais concreto ou material”, diz Maurer Jr. (1959, p. 237). Vejamos dez exemplos:
 - *bucca* (“bochecha”) passa a sinônimo de *os* (“boca”)
 - *campus* (“campina”) substitui *ager* (“campo”)
 - *casa* (“choupana”) equivale a *domus* (“casa”)
 - *caulis* (“haste de planta”) substitui *brassica* (“couve”)
 - *coxa* (“anca”) substitui *femur* (“coxa”)
 - *focus* (“lareira”) substitui *ignis* (fogo)
 - *fructum* (“proveito”) substitui *pomum* (“fruto”)
 - *rostrum* (“focinho”) substitui *facie* (“rosto”)
 - *tabula* (“tábua”) equivale a *mensa* (“mesa”)
 - *testa* (“casca”) substitui *cranium*

Na formação de palavras compostas e derivadas, o LV não tem grande produtividade. O que há de mais usual é um número pequeno de sintagmas nominais bimembres que acabaram por petrificar-se como item lexical, como nas composições *auripigmentum*, *biscoctum*, *lunaedies*, *rosmarinum*. Na prefixação e na sufixação, o LV empregava os mesmos morfemas do LC, mas com produtividade restrita:

- NOMES: *arenale* (“areal”), *bibitor* (“bebedor”), *carbonarius* (“carvoeiro”), *credentia* (“crença”), *materiamen* (“madeirame”).
- VERBOS: *addormire* (“adormecer”), *caballicare* (“cavalgar”), *dormitare* (“dormitar”), *suffundare* (“chafurdar”), *tremulare*.

3. Formas Divergentes & Formas Convergentes

Vamos expandir esse assunto acrescentando agora que, no fluxo das mudanças linguísticas, quando uma palavra de qualquer sincronia gera duas ou mais palavras de uma sincronia seguinte, diz-se que foram criadas FORMAS DIVERGENTES.

O exemplo pode ser do latim *macula*, que deu “mácula”, “mancha”, “mágoa” e até “malha” (esta via francês) no português, mas pode ser de qualquer segmento evolutivo da língua, O adjetivo “média”, que em Portugal tem como uma de suas acepções a redução da expressão inglesa “mass media”, compete com a forma adotada no Brasil, “mídia”, com o mesmo significado: “imprensa”. Temos aí um caminho de divergência que começa no latim, passa ao inglês e expande-se num sintagma que, ao ser adotado na língua portuguesa, tomou duas soluções, “média” (que é um retorno formal mas não conceitual à palavra original latina) e “mídia” (que adapta a ortografia à pronúncia do inglês). Duas formas divergentes para o sintagma abreviado do inglês.

De outro modo, quando duas palavras de qualquer sincronia geram adiante formas lexicais homônimas, diz-se que foram criadas FORMAS CONVERGENTES. A coincidência fonética, a rigor, é a única causa que concorre para a formação das palavras convergentes. E sua consequência é sempre ortográfica.

O exemplo também pode ser do latim, com as palavras *rideo* e *rivu*, que dão “rio” em português, com a homonímia entre a P1 do verbo “rir” e o substantivo que significa “curso d’água”. Pode, porém, ser de qualquer outro momento evolutivo da língua, pode até envolver línguas diferentes, desde que exista a convergência a partir de duas ou mais formas precedentes. O exemplo agora é o da palavra “coca”, verbete múltiplo de vários significados e procedências. Seguindo o que diz o DH, há nove entradas para a palavra “coca”, das quais eliminaremos duas, por redundância etimológica:

- (i) Certa embarcação ligeira, usada do séc. XIII ao XV na Europa. A procedência é o italiano *cocca*, que a trouxe do latim *caudex* (“tronco de árvore”);
- (ii) Arbusto frondoso, com folhas elípticas ou ovadas, pequenas flores brancas, de tom marfim ou amarelado, aromáticas, e drupas vermelhas. A procedência é do quíchua *kuka*, por meio do espanhol *coca* (“arbusto da América do Sul de cujas folhas se extrai a substância cocaína”);
- (iii) Pancada com a cabeça; pequena cabeçada – é um regionalismo do Minho. A procedência é a palavra “coco”;
- (iv) Cada uma das unidades que constituem um fruto capsular

esquizocárpico. A procedência é a palavra “coco”, com alteração de gênero.

(v) Abreviação do refrigerante *Coca-Cola*, marca registrada;

(vi) Cada uma das voltas que dá um cabo novo, no sentido contrário ao da torcedura. A procedência provável é uma adaptação do francês *coque* (“cacho de cabelo enrolado em nó”);

(vii) Saco de malhas usado na pesca de peixes e camarões – é um regionalismo do RS. A procedência é obscura, talvez do espanhol platino *coco* (“fruto do coqueiro”), atribuído, em regiões da Espanha e da América do Sul, à “tela tecida com fibras daquele fruto”

Dessas sete “cocas”, uma vem do latim, via italiano; outra vem do quíchua, via espanhol; duas outras (talvez três) vêm da palavra “coco”; uma vem da marca multinacional. Quatro origens diferentes, que convergiram para a forma “coca” e seus quatro homônimos.

Sobre as formas divergentes, os livros de história da língua colocam todo o foco da exemplificação em casos oriundos do latim, formados por via erudita, por via popular ou por via indireta (através de outro idioma). Eis alguns deles, colhidos na bibliografia especializada¹⁰:

DO LATIM AO PORTUGUÊS...

adversvesso, adverso
alienarhear, alienar,
arbitrirbítrio, alvitre, alvedrio
arenrena, areia
articulrtigo, artelho
atritrio, adro

auscultanuscultar, escutar
capellapelo, chapéu
capitalapital, cabedal, caudal
captaraptar, catar
capabo, chefe^{Fra}
cathedrátedra, cadeira

¹⁰ Ismael Coutinho (1976, pp. 203-6) e numera mais de 120 exemplos de formas divergentes que confrontam a via popular e a via erudita a partir de uma palavra latina.

caveolaiola, jaula^{Fra}
clamarlamar, chamar
clavicullavícula, cravelha, chavela

coagularoagular, coalhar
computaromputar, contar

coronorona, coroa, coronha.
cryptripta, gruta, grota^{Ita}
delicatelicado, delgado
despoliarespojar, desbulhar, debulhar
dominona, dama^{Fra}
dupluplo, dobro
examexame, enxame
feréria, feira
generaleral, general^{Fra}
hospitalospital, hotel, hostel^{Esp}
insuhsula, ilha
integntegro, inteiro
legabgal, leal
legitim:gítimo, lídimio, lindo
masticanastigar, mascar
materinatéria, madeira
medicimedicina, mezinha (“medicamento caseiro”)
medihédio, meio, mídia^{Ing}
officinficina, usina^{Ita}
operbra, ópera^{Ita}

parabolarábola, palavra

plăga (ext. de terralaga, praia
plāga (golpe, pancadaraga, chaga

planlano, porão, chão, lhano^{Esp}, piano^{Ita}
plenleno, cheio

plumbúmbeo, prumo, chumbo
 pulletroldro, potro
 rationção, razão
 regulgua, regra, relha
 solitariolitário, solteiro
 tenernro, terno
 tractato, trecho^{Esp}
 vinculinco, brinco

A exemplificação de palavras que configuram a existência de formas convergentes do português não varia muito nos livros de história da língua. A seleção dos casos de homonímia perfeita não costuma gerar uma quantidade muito expressiva e se corre o risco de utilizar casos em que o mesmo verbo tem formas iguais entre si ou com seus parônimos (correr → infinitivo x fut. subj. iguais: correr // descer/descender → gerúndio x P1 iguais: descendo // polir/pular → P1 do pres. ind. iguais: eu pulo //). Parece mais um exercício de memória do que propriamente de pesquisa linguística... Eis então os exemplos colhidos na bibliografia especializada

ESCREVE-SE	... MAS OS ÉTIMOS SÃO...
capão	omo “mato ralo” é de origem tupi; como nome referente aos galos, v do latim <i>cappone</i> .
como	conjunção ou advérbio deriva de <i>quomodo</i> ; o verbo, de <i>comedo</i> .
dom	omo forma de tratamento provém de <i>dominu</i> ; com o significado “dádiva”, provém de <i>donu</i> .
fiar	omo verbo derivado de <i>filar</i> (“tecer”) ou como verbo derivado de <i>fid</i> (“confiar”).
manga	omo nome derivado de <i>manica</i> é “parte do vestuário”; como emprésti do malaio é uma fruta.
para	omo flexão do verbo “parar” provém de <i>parat</i> ; como preposição prov de <i>per+ad</i> .

real	omo substantivo derivado de “rei” provém de <i>regale</i> ; como adjet provém de <i>reale</i> .
são	adjetivo provém de <i>sanu</i> (“saudável”) e de <i>sanctu</i> (“santo”); a for verbal deriva de <i>sunt</i> .
vão	adjetivo tem por étimo <i>vanu</i> (“inútil”); a forma do verbo “vir” prov de <i>vadunt</i> .
vendo	omo flexão de “vender” (< <i>vendere</i>) ou de “vendar” (< <i>vendare</i>).

4. Arcaísmos & Neologismos¹¹

No samba “Idioma Esquisito”, Néelson Sargento nos mostra com muita engenhosidade uma série de palavras proparoxítonas cuja pretensão poderia ser resumida na discussão do seguinte *slogan*: “se beber, não componha”:

Fui fazer meu samba na mesa de um botequim,
Depois de umas e outras, o samba ficou assim:
Estrambonático, palipopético, cibalenítico, estapafúrdico,
Protopológico, antropopágico, presolopépico, atroverático,
Batunitétrico, pratofinândolo, calotolético, carambolâmbolu,
Posolométrico, pratofilônico, protopolágico, canecalônico.
(cd *Néelson Sargento 80 Anos*, 2005)

¹¹ Aproveito neste item alguns trechos e exemplos do item 9.2 do meu livro *Morfologia* (2014, pp.142-59).

Os adjetivos que descrevem o samba feito “depois de umas e outras” se associam ao estado de embriaguez do enunciador. Alguns ainda conservam um vestígio de “lucidez vernacular”: antropopágico (<antropo + ??), cibalenítico (<cibalena, um comprimido para dor de cabeça), atroverático (<atroverã, remédio para enjoo). Outros parecem pedaços cambaleantes de palavras: estrambonático (<estrambólico? + lunático?), posolométrico (<?? + métrico), protopolágico (<proto? + ??), palipopético e presolopépico (<?? + ??).

Se não deixam pistas morfológicas nem fonológicas nem semânticas, NEOLOGISMOS viram palavras perdidas, como se fossem “os *gratifonísticos* e os *pseudoferilídicos* que se *tengam* com *frédios* de *antimalefania*” – segmento inventado para este trecho do livro... É compreensível então que o enunciador do samba de Nelson Sargento, ao final daquela estrofe, confesse: É isso aí, é isso aí / Ninguém entendeu nada / Eu também não entendi / (Eu então vou repetir)...

Os NEOLOGISMOS são palavras ou expressões novas ou ainda significados novos que são criados a qualquer tempo na história da língua. Não há critério perfeito para identificar um neologismo, mas seu reconhecimento pode ser feito objetivamente mediante o cotejo com obras de referência da sincronia em que foi criado. As razões da imperfeição se sustentam em duas lacunas incontornáveis: há palavras e significados neológicos que são restritos, datados ou efêmeros e há neologismos tão específicos a certas áreas de conhecimento que só um dicionário especializado poderia incluí-los.

No poema “Neologismo”, escrito em 1947, Manoel Bandeira “inventa o verbo *teadorar*, intransitivo.

Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo **teadorar**.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora.

(*Poesia e Prosa*, v. 1, “Belo Belo”, p. 350)

Passados setenta anos, o neologismo lexical “teadorar” continua como tal. Não foi – e nunca será – incorporado a um dicionário geral, porque está restrito a esse poema¹² e não tem uso.

Na notícia de jornal que fala em “talibanização da economia”, o neologismo lexical “talibanização” (< talibã) fica confinado ao ambiente noticioso, até porque a palavra “talibã” só foi incluída na versão de 2009 do DH, que registra a datação de “década de 1990” para o termo. Apesar disso, ainda não está no DAurélio, nem no DMichaelis, nem no VOLP. Cabe a pergunta: “talibã” é um neologismo ou é uma palavra recente? Qual o critério de etiquetagem? A resposta oficial, com validade apenas para o território brasileiro, é o VOLP. Mas haverá controvérsias...

Os neologismos lexicais são formados a partir de critérios muito variados, admitindo-se num extremo a própria invenção de uma palavra, sem nenhuma lógica linguística aparente a não ser a simples junção de sons ou de letras. É o caso que Ieda Maria Alves (1990, p. 11) denomina neologismo fonológico, que consiste na criação de um item lexical cujo significante é produzido sem tomar como base nenhuma palavra pré-existente.

Podemos entretanto afirmar que os neologismos lexicais, na maior parte das vezes, são palavras que têm nítida inspiração em outra(s), como vemos nestes quatro casos:

- (i) “aborrescente”, que faz par com “adolescente”, aproveita a coincidência fonética entre “ecer” de “aborrecer” e “escer” de “adolescer” para criar por analogia o adjetivo;
- (ii) “bebemorar”, que faz par com “comemorar”, associa as ideias de “beber” e “comer”, embora a segunda não faça parte da estrutura do verbo, que é “co+memorar”;
- (iii) “paitrocínio” se baseia na aproximação fonética com a primeira sílaba da palavra “patrocínio”;
- (iv) “pralamentar” faz uma metátese com a primeira sílaba de “parlamentar” (derivada de “parlar”) e subverte a estrutura, derivando-se de “lamentar”.

Caracteriza-se assim o que Ieda Alves (1990, p. 14) chama de “neologismos sintáticos”, ou seja, palavras criadas a partir da combinação de elementos já existentes no idioma.

O neologismo é, em suma, uma presença inevitável na língua viva. Enquanto alguns são resultado de “pura inventividade popular”, como nos casos de “imexível”, “apoiamento”, “pesquisismo”, outros decorrem de “inspiração literária”, como na frase “A gente vive, eu acho, é mesmo pra se desiludir e desmisturar”, de Guimarães Rosa, ou revelam inegável conhecimento linguístico,

¹² O neologismo de M. Bandeira está impregnado do poema em que brotou. Caso apareça hoje em algum texto, inexoravelmente será associado à criação do poeta fluminense.

que aqui se exemplifica com as palavras “meta-Casablanca” e “bingólatra”, usadas em matérias jornalísticas¹³.

O mesmo se pode dizer dos neologismos semânticos, onde se incorporam significados novos a vocábulos já existentes, dando-lhes acepções também não dicionarizadas (ou recém-dicionarizadas). Os limites de identificação de valores semânticos novos como neológicos podem esbarrar com o do reconhecimento de valores metafóricos também novos.

O neologismo semântico “rato” praticado em Portugal não foi adotado no Brasil, que preferiu incorporar o estrangeirismo *mouse*. É evidente aqui que a palavra “rato”, ainda que por uma relação metafórica, representa um novo significado, uma peça usada em computadores. Entretanto, a notícia de jornal que lamenta a existência de inúmeros ratos na política nacional serve também como exemplo de neologismo semântico? A datação desse significado não é nova, mas não é isso apenas que exclui a resposta afirmativa, pois existe uma fronteira nem sempre muito demarcada entre neologismo semântico e metáfora conceitual. Interessa ainda chamar a atenção para o caso dos “neologismos aparentes”, aqui comentado a partir do trecho de Manoel de Barros.

As coisas tinham para nós uma **desutilidade** poética.

Nos fundos do quintal era riquíssimo o nosso **dessaber**.

A gente inventou um truque pra fabricar brinquedos com palavras.

O truque era só virar bocó.

Como dizer: Eu pendurei um bentevi no sol...

(*Livro sobre o Nada*: 1999, p. 76)

¹³ As duas palavras foram usadas, respectivamente, em O Globo (18/07/2002) e Jornal do Brasil (25/03/2002). As frases foram: “O meta-Casablanca de Woody Allen” e “As bingólatras são mulheres com mais de 50 anos que veem no bingo um ponto de diversão bonito e seguro”.

Desutilidade...dessaber... Palavras que Manoel de Barros criou em seu poema, para falar que a poesia usa as palavras como se brincasse com elas? Não. A reinvenção do poeta pode estar até no resgate, mas não na criação dessas duas palavras, que existem, estão dicionarizadas há tempos e, no máximo, podem parecer neologismos. Muitas vezes, palavras como essas são, na verdade, ARCAÍSMOS, formas em desuso, recuperadas consciente ou inconscientemente pelo usuário da língua.

Entenda-se então o ARCAÍSMO como a palavra ou expressão que, embora usada numa determinada época, acabou substituída por outra de sentido idêntico ou perdeu o seu campo de referência em virtude das transformações que se foram operando ao longo do tempo no contexto científico-tecnológico, na organização social, nas ideologias. Ismael Coutinho (1976, p. 212) aponta cinco causas como as responsáveis por esse “sumiço” lexical:

- (i) o desaparecimento de instituições e a mudança de costumes ou de objetos tornaram fora de uso os termos correspondentes: *bucelário* / *catapulta* / *guarvaia* / *suserano*.
- (ii) a substituição de termos por outros de significado idêntico consagrados pelo uso: *arteirice* por “astúcia” / *asinha* por “depressa” / *detença*, por “demora” / *pulcra*, por “bela” / *punçante* por “pungente”.
- (iii) o eufemismo ou a degradação de sentido restringem o uso ou eliminam a palavra: *concubina*, por “amiga (= amante)” / *drudo*, por “amante” / *feder*, por “não exalar bem” / *parir*, por “dar à luz” / *tratante* por “negociante”.
- (iv) o sentido especial dado a certos vocábulos “esvazia” o emprego de uma palavra naquela acepção: *físico*, por “médico” / *lente*, por “professor universitário” / *manha*, por “dote de espírito”.
- (v) a homonímia responde pelo apagamento de uma forma que concorre com outra: *ca* (= porque) x *cá* (advérbio) / *u* ou *uh* (= onde) x *u* (a vogal, ou a pronúncia do artigo masculino) / *pera* (prep. arcaica) x *pera* (= fruta) / *pulo* (P1 do verbo “polir”) x *pulo* (P1 do verbo “pular”).

Tanto o neologismo como o arcaísmo figuram numa área sombria dos estudos linguísticos, os vícios de linguagem. Como muitos dessa lista de “condenados”, somente o bom-senso e a amplitude de observação do pesquisador dirá se há ou não uma justificativa para o uso de cada um deles. Sendo expressivo, necessário ou criativo, nada poderá danificar seu emprego.

Nota final: Os exemplos mencionados neste artigo foram colhidos nas seguintes obras: *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes (1955), *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, de José J. Nunes (1969, p. 356-409), *Pontos de Gramática Histórica*, de Ismael Coutinho (1976, pp. 189-188), *Português Através de Textos*, de Wilton Cardoso e Celso Cunha (1978, pp. 127-50) e *Dicionário Houaiss* (2017).

REFERÊNCIAS

1. ACADEMIA Brasileira de Letras. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Global, 2009.
2. ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
3. AZEREDO, José Carlos S. de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
4. CARDOSO, Wilson & CUNHA, Celso. *Estilística e gramática histórica; português através de textos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
5. COSTA, Sérgio Correa da. *Palavras sem Fronteiras*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
6. COUTINHO, Ismael de L. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
7. CUNHA, Antônio Geraldo da. *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*. 3 vol. Rio de Janeiro: INL, 1966.
8. FONSECA, Fernando Peixoto. *O Português entre as Línguas do Mundo*. Coimbra: Livr. Almedina, 1985.
9. HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2014.
10. HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2006 e 2009 – CD-rom.
11. NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livr. Acadêmica, 1955.
12. NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1969.
13. MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MACHADO DE ASSIS E O SEU IDEÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA

EVANILDO BECHARA (ABL, ABRAFIL, UFF e UERJ)

RESUMO:

Pretende este estudo deixar patente que Machado de Assis, no início de sua atividade literária, tinha presente, numa concepção científica da língua, a finalidade maior da gramática, a importância do seu estudo, e o papel consolidador do escritor na construção da língua comum do país e na elaboração da língua literária

ABSTRACT:

This study aims to make clear that Machado de Assis, in the beginning of his literary activity, has in view a scientific conception of the language, the main aim of the grammar, the importance of its study, and the writer consolidator role in building the common language of the country and the development of literary language.

É opinião corrente afirmar-se que Machado de Assis, se não é o mais correto escritor da literatura brasileira, é dos que melhor a praticaram e mais souberam conciliar a construção clássica e a modalidade espontânea do idioma do seu tempo.

Por tudo isto, vale a pena pesquisar como conseguiu construir o seu ideário linguístico, ainda que não tenhamos informações seguras sobre os passos iniciais dessa construção que, começada muito cedo, como se supõe, continuou por toda a vida do nosso escritor.

Como a mãe é sempre, ou quase sempre, a primeira mestra da linguagem de seus filhos, seguida da colaboração dos demais familiares, o ambiente idiomático de casa deve cedo ter chamado a atenção do menino Machado diante de uma mãe açoriana, branca, e do pai pintor, mulato, ambos com certa instrução: sabiam ler melhor do que, com toda certeza, os demais moradores do morro do Livramento (atual Providência), próximo à zona portuária, em que nascera o futuro escritor.

Acresce a isto a convivência, como agregados, de uma chácara vizinha

ao morro, de propriedade de D. Maria José, madrinha do menino, o que favorecia à criança, desde cedo de temperamento solitário, um ambiente cultural diferente daquele frequentado pelos seus vizinhos. A mãe deve ter coberto o filho de atenção e carinho que merecem os primogênitos, e, apesar de ter morrido quando Machado mal contava os dez anos, pôde deixar nele profundas marcas de afeto e lhe ter imprimido o gosto pelo estudo, adjuvando o trabalho de escola primária que frequentara, e o empenho de um padre da Igreja da Lampadosa a quem, parece, o menino ajudava nas missas, como coroinha. Cinco anos depois da morte da mãe, casou-se o pai com Maria Inês, madrastra que também cobriu o enteado com amoroso desvelo. Desde cedo deve ter nascido em Machado o gosto da leitura, que também cedo lhe despertou e favoreceu o melhor aprendizado do idioma, o que possivelmente o preparou para, entre os ofícios iniciais a que se dedicaria, exercer as funções de tipógrafo da Imprensa Nacional até 1858, e, mais à frente, revisor e caixeiro da Livraria e Tipografia de Paula Brito, estágio que o aproximou definitivamente da literatura e de ilustres personagens do meio de escritores.

De particular importância para a construção do seu universo linguístico foram sem dúvida as reuniões no Gabinete Português de Leitura com dois dos mais importantes, à época, cultores dos livros e do idioma: Ramos Paz e o filólogo Manuel de Melo. Se o primeiro deve ter sido fundamental para a formação literária do nosso Machado, aproximando-o dos autores nacionais e estrangeiros, Manuel de Melo deve ter exercido nele uma influência seminal sobre a natureza da linguagem, a posição do escritor diante do idioma, sua ação normativa para os leitores do seu tempo. Tal influência favoreceu a propriedade de considerações que Machado, em vários lugares do seu múltiplo fazer literário, emitiu sobre fatos da língua, quer de natureza gramatical, quer de natureza lexical. Manuel de Melo, apesar da sua atuação como homem do comércio, foi dos mais bem apetrechados filólogos do seu tempo; escreveu pouco, pelo menos do que chegou até nós, mas dessas lições sobreviventes, revela-nos uma leitura do que melhor se produzia nos meios mais adiantados no mundo. Riquíssimo acervo bibliográfico existente no Gabinete Português de Leitura sobre filologia e linguística, em alemão, inglês e francês no século XIX, resulta da aquisição de sua biblioteca particular pela instituição, depois de sua morte, a fim de que não se dispersasse. Seus méritos eram conhecidos e apreciados fora do Brasil. Leite de Vasconcelos nos chamou a atenção para uma nota necrológica de um dos mais conceituados filólogos italianos, Francesco D'Ovidio.

“Mentre corro le bozze, mi sopraggiunge la dolorosa nuova, che uno di loro (referia-se a filólogos portugueses), Manuel de Mello, é morto. Egli era, per verità, un dilettante scrupoloso e coltissimo, che in nulla differiva da un dotto di professione. Ne son prova le *Notas Lexicológicas* (Rio de Janeiro, 1880) ch’egli aveva impresso a publicare. Conosceva la litteratura italiana, dalla più antica alla più recente, in modo ammirabile, amava vivamente l’Italia; e in Italia è morto! (In: J. Leite de Vasconcelos, *Epiphanio Dias*, p. 59, n.2).

Tão ausente está Manuel de Melo de nossos estudos de historiografia gramatical de filólogos portugueses e brasileiros que desenvolveram suas atividades no Brasil, que o autor merece uma referência, ainda que breve, neste comentário sobre Machado de Assis. Português de nascimento, natural de Aveiro, onde nasceu em 1834. Exercia as funções de guarda-livros e se aplicava no conhecimento dos modernos idiomas da Europa, particularmente do português. Notabilizou-se entre os contemporâneos e a posteridade com o estudo polêmico contra Adolfo Coelho e Teófilo Braga, *maxime* sobre o primeiro, intitulado *Da Glótica em Portugal*. A composição deste trabalho começou em 1873 e só terminou em 1889, cinco anos depois da morte do autor, ocorrida em Milão, na Itália, aos 4 de fevereiro de 1884.

Em contacto com Ramos Paz e Manuel de Melo, nas reuniões aos domingos no Gabinete Português de Leitura, penetrou Machado de Assis não só no terreno idiomático dos clássicos lusitanos, mas ainda na boa conceituação e compreensão da natureza da linguagem e dos usos linguísticos.

Assim é que, em resenha crítica de 1862 ao *Compêndio da Gramática Portuguesa*, por Vergueiro e Pertence, saído em Lisboa em 1861, o nosso escritor justifica por que considera o *Compêndio* “uma obra útil”:

Sempre achei que uma gramática é uma coisa séria. Uma boa gramática é um alto serviço a uma língua e a um país. Se essa língua é a nossa, e o país é este em que vivemos, o serviço cresce ainda e a empresa torna-se mais difícil (Assis: 1953, p.21).

E logo adianta:

Quando se consegue o resultado alcançado pelos Srs. Pertence e Vergueiro tem-se dado material para a estima e a admiração dos concidadãos.

Há na gramática dos Srs. Pertence e Vergueiro aquilo que é necessário às obras desta natureza, destinadas a estabelecer no espírito do aluno as regras e as bases, sobre as quais se tem de assentar a sua ciência filológica (Ibid., p. 21-22).

Repare-se que Machado de Assis estava com 23 anos ao resenhar o *Compêndio*, e nessa época já ressaltava o papel importante do desenvolvimento reflexivo da competência linguística dos alunos mediante a aplicação das regras e das bases ‘sobre as quais se tem de assentar a sua ciência filológica’ [entenda-se: a sua competência linguística]. Note-se que o resenhador não insiste na célebre lição de que a gramática é “a arte de ensinar a falar e a escrever corretamente a língua”, como fez o compêndio, mas sim “de assentar a sua ciência filológica”.

Essas considerações do nosso jovem escritor, aparentemente tão inocentes, que uma leitura ingênua poderia deixar passar em silêncio uma distinção teórica importantíssima e antiga, que remonta aos primeiros filósofos gregos que trataram de conhecer melhor e com mais profundidade a essência da gramática e temas a ela, gramática, correlatos.

Discutiam esses gregos se a gramática seria “*empeiria*”, isto é, pura e simples experiência em ato, ou se seria uma técnica (em grego ‘*téchne*’), isto é, um saber complexo de “regras”, de noções regidas por um critério e com o propósito de alcançar uma finalidade. A tese vitoriosa foi a de que a gramática seria um técnica, palavra que os romanos traduziram por *arte* (latim *ars*).

Já a aquisição de uma língua resulta de uma atividade no âmbito da “*empeiria*”, porque é um processo que nasce sob o impulso da imitação, não se desprezando um mínimo de reflexão, isto é, como ensina Pagliaro, “de aderência volitiva a determinado sistema expressivo”, e dessa imitação “surge a necessidade de uma norma na qual o ato linguístico possa encontrar a sua plena justificação” (Pagliaro: 1952, p. 295).

Tudo nos leva a acreditar que Machado de Assis entendia a gramática como uma técnica, isto é, um sistema de noções destinadas a conseguir um fim, no seu dizer, “destinadas a estabelecer no espírito do aluno as regras e as bases, sobre as quais se tem de assentar a sua ciência filológica”.

Essas regras e bases no espírito do aluno vão dirigi-lo ao âmbito da ‘*empeiria*’, já que uma imitação reflexiva o leva a buscar uma norma na qual, como diz Pagliaro, “o ato linguístico passa a encontrar a sua plena justificação. Surge assim, por necessidade didática, a gramática, que esclarece a funcionalidade do sistema, fixando-o no esquema ideal, e todavia real, da norma.”

Acompanhando os gregos, Machado também parece deixar patente que a gramática nasceu sob um duplo signo: o lógico – cognoscitivo, e o didático-normativo.

Tais considerações, ausentes nos compêndios escolares do seu tempo, Machado não as teria haurido, apesar de toda a sua genial precocidade, sem a participação de um mentor; e esse mentor, para nós, não poderia ser outro senão Manuel de Melo, dono de uma ciência filológica e linguística comprovada pela exaustividade bibliográfica de livros técnicos relacionados nas notas de rodapé do seu *Da Glótica em Portugal*.

Outro aspecto que se há de ressaltar nas citadas palavras de Machado é a relação desse saber filológico de cada utente ou usuário da língua com o saber dos demais utentes do país na construção de uma unidade idiomática mais ampla, de caráter nacional, unidade que iria construir aquilo a que ele mesmo, em célebre artigo estampado em *O Novo Mundo*, em Nova York, em 1873, chamou *Instinto de Nacionalidade*. Vale a pena recordar o que declara o jovem Machado com apenas 23 anos, em 1862:

Sempre achei que uma gramática é uma coisa séria. Uma boa gramática é um alto serviço a uma língua e a um país. Se essa língua é a nossa, e o país é este em que vivemos, o serviço cresce ainda e a empresa torna-se mais difícil. (Assis: 1953, p.21).

Isto para concluir que uma gramática procura assentar em cada falante da língua de um país a sua ciência filológica [entenda-se: a sua competência linguística], cuja unidade espelha o instinto de nacionalidade, dentro do conjunto de outros saberes nacionais, para se consubstanciar numa futura construção da consciência de nacionalidade mediante a língua.

Quase cem anos depois dessa resenha, o italiano Antonino Pagliaro, um dos cinco mais esclarecidos e geniais linguistas do século XX, repetia com maior profundidade e agudeza, mas com a mesma essência de verdade, do alto de sua excelsa competência:

“A língua constitui a imagem mais completa e genuína da fisionomia natural e histórica dos povos. Disse-o, há mais de um século, Guilherme von Humboldt, bom conhecedor de assuntos desta natureza e, pelo que sei, ninguém jamais o contradisse. Acrescentava ele que a índole espiritual de uma comunidade e a estrutura da língua estão intimamente tão ligadas entre si que, conhecida uma, a outra devia com facilidade deduzir-se da primeira. Sobre isso não há controvérsia: a língua, representando por um lado a maneira natural através da qual um povo vê e conhece a realidade, sistematizando-a e organizando-a nos sinais de classificação que são as palavras, encerra em si, por outro, o reflexo de todas as experiências internas e externas, de todas as conquistas e de todos os contrastes, por que esse povo passou na cadeia das gerações.

De resto, observamos o mesmo na fala individual; nada revela melhor a fisionomia interior de cada indivíduo, a sua inteligência ou obtusidade, a sua cultura ou ignorância, o seu gosto ou tacañez, do que a sua expressão linguística; mas também as maneiras da sociabilidade, o meio, a ocupação, a companhia que frequenta, o bairro em que habita, dão à fala de cada um, indícios que permitem uma identificação fácil e imediata” (Pagliaro: 1983, p. 95-96).

Por tudo o que vimos até aqui, fácil nos é concluir que estas noções correm paralelas ao conceito de “língua comum”, cuja importância linguística, social e histórica tem aguçado o interesse dos linguistas, sociolinguistas e historiadores da cultura.

Essa consciência de que os homens de uma comunidade constroem e garantem pela língua comum a identidade nacional, um evidente “instinto de nacionalidade”.

O já citado Antonino Pagliaro ressalta magistralmente o que acabamos de dizer:

(...) a língua comum é a expressão de uma consciência unitária comum, que pode ser cultural em sentido lato, como acontecia na Itália do século XIV ou na Alemanha de Lutero, e pode ser política, como é o caso das atuais línguas nacionais; nela temos sempre um fator volitivo que leva as comunidades a superar as diferenças mais ou menos profundas dos falares locais, para aderir pela expressão a uma solidariedade diferente e mais

vasta. Por outras palavras, quem, deixando de parte o dialeto nativo, passa a falar a língua comum, exprime através desse ato a sua adesão volitiva a um mundo mais vasto, determinado cultural ou politicamente, ou então, como acontece nos estados nacionais modernos, pelas duas formas. (Pagliaro: 1983, 142-143).

A intuição de Machado de Assis de que o conceito de língua comum cabia perfeitamente à língua portuguesa escrita padrão praticada em Portugal e no Brasil levou-o a não adotar a opção daqueles brasileiros para quem as diferenças de uso entre os dois países justificavam, com nítida pressa e pouca fundamentação teórica, a necessidade de se considerar a existência de dois idiomas distintos, mormente depois de nós nos termos separado da antiga metrópole em 1822, e nos termos constituído como nação independente. Era esta a tese, entre outros, de Macedo Soares e Paranhos da Silva, aí pelo último quartel do século XIX. Machado chega a dizer isto de maneira felicíssima: este princípio é antes “uma exageração de princípios”.

Por essa mesma intuição nosso Machado entendia que a unidade linguística em que se assenta a língua comum não é, em rigor, uma unidade de fato, mas, como ainda mais tarde ensinaria Pagliaro, “um esquema no qual encontram lugar todas as concordâncias substanciais que se verificam nas variedades dialetais” (Pagliaro: 1983, p. 140).

Doze anos depois da resenha do *Compêndio da Gramática Portuguesa*, de Vergueiro e Pertence, em 1873, no já citado escrito “Instinto de nacionalidade”, Machado implicitamente volta à opinião ali expendida, segundo a qual “uma boa gramática é um alto serviço a uma língua e a um país”, e se essa língua é a nossa, e o país é o nosso, o serviço cresce ainda, e a empresa torna-se mais difícil:

Entre os muitos méritos dos nossos livros nem sempre figura o da pureza da linguagem. Não é raro ver intercalados em bom estilo os solecismos da linguagem comum, defeito grave, a que se junta o da excessiva influência da língua francesa.

Aproveita o escritor o momento para aludir à existência daqueles autores que fogem aos padrões da língua escrita culta pelo propósito de diferenciar o uso brasileiro do português, propósito que ainda não assumirá a opinião iconoclasta de Monteiro Lobato que, muitos anos depois, viria a declarar que, assim como o português saíra dos erros do latim, o brasileiro sairá dos erros do português:

Este ponto é objeto de divergência entre os nossos escritores. Divergência digo, porque, se alguns caem naqueles defeitos por ignorância ou preguiça, outros há que os adotam por princípio, ou antes por uma exageração de princípios.

E acertando o passo com a melhor lição acerca de como se há de entender a correta política idiomática na consolidação normativa da língua comum, justifica-se:

Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos, é um erro igual ao de afirmar que sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva.

Há, portanto, certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade.

Mas se isto é um fato incontestável, e se é verdadeiro o princípio que dele se deduz, não me parece aceitável a opinião que admite todas as alterações da linguagem, ainda aquelas que destroem as leis da sintaxe e a essencial pureza de idioma. A influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrário, ele exerce também uma grande parte de influência a este respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão” (Assis: 1953, p. 147).

A resenha ao *Compêndio da Gramática Portuguesa*, de Vergueiro e Pertence nos patenteia que desde cedo Machado de Assis, pelas leituras pessoais e pelo contacto com filólogos amigos como Ramos Paz e, principalmente, Manuel de Melo, tinha da linguagem, da língua, da gramática e da ação normativa do escritor na normatização da língua comum, ideias bem avançadas para seu tempo e que hoje poderiam ser repetidas por filólogos e linguistas profissionais.

O que teve a oportunidade de nos deixar nessa resenha de 1862 e no artigo de 1873 acreditamos que foi de capital importância para o ideário da Academia Brasileira de Letras relativamente à sua posição e às suas tarefas sobre a língua portuguesa e a sua unidade superior com Portugal. Esse ideário está bem definido no Art. 1º dos Estatutos da Instituição, quando diz que ela “tem por fim a cultura da língua e da literatura nacional”, e com o substancioso e programático Discurso inaugural de Joaquim Nabuco, na qualidade de Secretário-Geral, quando declara, ao tratar da língua portuguesa no Brasil: “A língua é um instrumento de ideias que pode e deve ter uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para secundar o esforço e acompanhar os trabalhos dos que se consagrarem em Portugal à pureza do nosso idioma, a conservar as formas genuínas, características, lapidárias da sua grande época... Nesse sentido nunca virá o dia em que Herculano, Garrett e os seus sucessores deixem de ter toda a vassalagem brasileira. A língua há de ficar perpetuamente *pro indiviso* entre nós”.

Essa vassalagem de que nos fala Nabuco é um aspecto daquela adesão volitiva de que nos fala Pagliaro e que um pouco mais de meio século depois do Secretário-Geral da instituição acadêmica repetiria destacado literato espanhol, Pedro Salinas, imbuído das mesmas convicções acerca da função niveladora da língua comum e do papel dos cientistas e artistas envolvidos nessa ação normativa:

La admisión de la realidad de la norma lingüística no debe entenderse como sometimiento a una autoridad académica inexistente e innecesaria sino a la comprensión del hecho de que en todos los países cultos de Iberoamérica se emplea una lengua general basada en la fidelidad al espíritu profundo del lenguaje y a su tradición literaria. La norma lingüística brota de una realidad evidente. Hay aún algunos filólogos a caballo en su doctrina naturalista de que el lenguaje no tiene jerarquías de excelencia o bajeza y que todas sus formas, por el simple hecho de existir, son igualmente respetables [Salinas: 1970, p. 77].

No discurso de encerramento do ano acadêmico de 1897, o primeiro da novel instituição, assinala Machado, entre as tarefas para 1898, colher, “se for possível, alguns elementos do vocabulário crítico dos brasileirismos entrados

na língua portuguesa, e das diferenças no modo de falar e escrever dos dois povos, como nos obrigamos por um artigo do regimento interno”. E depois de dizer que essa tarefa deve ser levada com muito critério crítico e paciência, conclui com certas ponderações de um filólogo:

A Academia, trabalhando pelo conhecimento desses fenômenos, buscará ser, com o tempo, a guardiã da nossa língua. Caber-lhe-á então defendê-la daquilo que não venha das fontes legítimas, - o povo e os escritores, - não confundindo a moda que perece, com o moderno, que vivifica. Guardar não é impor; nenhum de nós tem para si que a Academia decrete fórmulas. E depois para guardar uma língua é preciso que ela se guarde também a si mesma, e o melhor dos processos é ainda a composição e a conservação de obras clássicas. A autoridade dos mortos não aflige, e é definitiva.

Esse ideário filológico e linguístico está patente não só no seu discurso, mas ainda na sua ação de escritor. Assim é que no seu tempo a caça aos galicismos, praticamente resumia a tarefa dos puristas; Machado criticava o excesso de galicismos, mas o agasalhava, quando necessário ou funcional às necessidades do estilo. Ao ser criticado em nota anônima por ter empregado no conto *O alienista* o francesismo *reproche*, defendeu-se dizendo que, além de não ser galicismo, pois encontrara nos clássicos *reproche* e o verbo *reprochar*, e ainda porque achava foneticamente insuportável o correspondente vernáculo *exprobração*. E conclui: “Daí a minha insistência em preferir o outro, devendo notar-se que não o vou buscar para dar ao estilo um verniz de estranheza, mas quando a ideia o traz consigo” (Assis: 1882, p. 293).

O esforço de cultivar o modelo de sua língua literária fez que Machado acompanhasse a boa lição da normatividade proclamada pelos bons autores. Na última fase de sua produção literária o escritor eliminou solecismos que corriam na língua escrita entre os séculos XVIII e XIX. Assim é que acomodou o verbo *haver* no singular, como impessoal, como sinônimo de *existir*, na última fase dos seus escritos. Essa sintaxe vingou entre bons escritores do século XVIII como Matias Aires e foi agasalhada no século XIX. Machado não fez exceção, e até na resenha ao *Compêndio* de Vergueira e Pertence deixa escapar “Metódico no plano e claro na definição, não sei que *haja* outros requisitos a desejar ao autor de uma gramática (...)” (p.22).

Vale lembrar que um gramático do porte de A. G. Ribeiro de Vasconcelos, na p. 254 n. 1 de sua *Gramática Portuguesa* (s/d, mas de 1900), considerava artificial o uso do verbo *haver* no singular, explicando o plural por atração.

Também Machado usou o verbo *fazer* no plural aplicado a tempo (*Fazem três dias*) até a fase dos *Contos fluminenses*, corrigindo-se depois para *Faz três anos*, na última quadra de seus escritos.

Oxalá tenhamos podido, ainda que esboçado, tratar de um tema que está a exigir pesquisa mais aprofundada, fixar os alicerces teóricos e funcionais do ideário linguístico deste grande artista da língua portuguesa, e da influência que, nesta realidade, pelo prestígio patente de sua estatura intelectual, exerceu sobre os escritores do seu tempo e dos que depois, consciente ou inconscientemente, vieram a integrar-lhe a corte e a vassalagem.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de (1953) [1862] *Crítica Literária*. “Resenha ao Compêndio de Língua Portuguesa”, por Vergueiro e Pertence. “In *Crítica Literária*, Rio de Janeiro, W.M. Jackson. Editores, 1953.

(1953) [1872] “Literatura Brasileira – Instinto de Nacionalidade”. In *Crítica Literária*.

(1882) *Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro, Lombaerto & C., 1882.

(2000) [1897] “Discurso do Sr. Machado de Assis”. Inauguração da Academia. In *Discursos Acadêmicos* Tomo I – Academia Brasileira de Letras, (Rio de Janeiro, 2005).

(2005) [1897] “Discurso do Sr. Machado de Assis “Encerramento do 1º ano acadêmico. In *Discursos Acadêmicos*, Tomo I.

Discursos Acadêmicos (2005), Tomo I; volumes I-II-III-IV. 1897-1919. Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 2005.

MELO, Manuel de (1872). *Da Glóttica em Portugal*. Carta ao autor de *Diccionario Bibliographico Português*. Rio de Janeiro, Typographia Perseverança, 1872.

NABUCO, Joaquim (1897). “Discurso do Sr. Joaquim Nabuco”. “In: *Discursos Acadêmicos*”, Tomo I, 2005.

PAGLIARO, Antonino (1983) [1951]. *A Vida do Sinal*. Ensaio sobre a língua e outros símbolos. Tradução e prefácio de Aníbal Pinto de Castro. 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

VASCONCELOS, José Leite de (1922). *Epiphanyo Dias. Sua vida e labor científico*. Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1922.

VERGUEIRO – PERTENCE (1801). *Compêndio da Gramática Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1861.

ALGUNS ASPECTOS FONOLÓGICOS E MORFOSSINTÁTICOS DO CÓRNICO

JOÃO BITTENCOURT DE OLIVEIRA
(UERJ/CIFEFIL/NEVE)

RESUMO

O córnico (*Kernowek*) é uma língua céltica derivada do Britânico, historicamente falada pelo povo córnico, situado na Cornualha (em inglês: *Cornwall*, em latim: *Cornubia* ou *Cornuvia*), condado que fica no sudoeste de uma península da Inglaterra, Reino Unido. A língua córnica continuou a florescer durante o período do córnico médio (1200-1600), alcançando um pico de cerca de 39.000 falantes no século XIII, após o qual esse número começou a declinar, devido à pressão dos ingleses. Esse período nos legou grande manancial literário córnico, que foi utilizado para servir de base para a reconstrução do idioma durante seu *reavivamento*. O mais importante é *Ordinalia*, ciclo de três peças de mistério: *Origio Mundi*, *Passio Christi* e *Resurrexio Domini*.

Desse modo, dando continuidade ao estudo das línguas célticas, este trabalho se propõe a discutir o status atual do córnico como uma língua minoritária na Grã-Bretanha, demonstrar e analisar seus aspectos fonológicos e morfofossintáticos, visando, sobretudo, a despertar o interesse, na comunidade acadêmica e nos estudantes de letras, por estes fascinantes estudos.

Palavras-chave: Córnico; Línguas Célticas; Filologia

OS CÓRNICOS

.....Os **córnicos** (em córnico: *Kernowyon*) são um grupo étnico do Reino Unido originário da Cornualha. É geralmente descrito como sendo um povo celta.

... O número de pessoas que vivem na Cornualha e se consideram mais córnicos do que britânicos ou ingleses é desconhecido. Uma pesquisa indica que 35,1% se identifica como córnico, com 48,4% a identificar-se como inglês e 11% como britânicos. Uma sondagem da consultora Morgan Stanley em 2004 indicou que 44% dos habitantes da Cornualha se identificam mais córnicos do que ingleses ou britânicos. Existem

apelos a uma maior clarificação dos dados com os censos de 2011.

Tal como com outros grupos étnicos das ilhas britânicas, a questão de identidade não é clara. A identidade étnica tem-se baseado principalmente na identidade cultural e não tanto a ascendência. Muitos descendentes de povos que chegaram e se fixaram na Cornualha adotaram esta identidade.

O tema da identidade cônica tem sido estudado extensivamente nas coleções de livros de estudos cônicos publicadas pela Exeter University Press. A conicidade é examinada com ferramentas metodológicas que variam entre a teoria feminista até ao desconstrucionismo.

No censo britânico de 2001, a população da Cornualha e das ilhas de Scilly foi estimada em 501.267 habitantes. Pela primeira vez num censo britânico, aqueles que quisessem descrever a sua etnicidade como cônica tiveram direito ao seu próprio código numérico (06), ao lado dos números das etnias inglesa, galesa, irlandesa ou escocesa. Cerca de 34.000 pessoas na Cornualha e de 3.500 no resto do Reino Unido disseram considerar-se cônicas. Isto representava 7% da população da Cornualha e foi portanto um fenómeno significativo.

Apesar de contentes com este desenvolvimento, os defensores da etnia mostraram reservas quanto à falta de publicidade respeitante ao tema, à falta de uma opção clara nos boletins para a etnia cônica no censo e para a necessidade de se negar o ser britânico para se poder afirmar cônico. O governo britânico concordou recentemente que os ingleses e os galeses serão opções separadas nos censos de 2011, mas que não haverá opção cônica. Várias organizações cônicas têm feito campanhas para a inclusão da opção cônica nestes censos.

Idioma[[editar](#) / [editar código-fonte](#)]

A língua cônica é vista por muitos como a espinha dorsal cultural da identidade cônica, apesar de apenas 3.500 dos 250.000 cônicos (1,4%) o falarem ao nível de uma conversação e apenas 1/10 desses com fluência.

Recentemente, a língua cônica, que foi reavivada no século XX após morrer como língua materna durante o século XIX, foi reconhecida pelo Reino Unido e pela União Europeia para ser protegida como língua minoritária britânica e agora recebe fundos de ambas as entidades. O idioma é uma língua britânica relacionada com o galês e bretão. Em Junho de 2005, após muita pressão por grupos a favor da língua e grupos como o Gorseth Kernow, o governo disponibilizou 80.000£ por ano para financiar durante três anos a língua cônica.

NOTA - Matéria retirada da Wikipedia.

AS INVENÇÕES DO CARÁTER: O BRASIL DE TANTOS ROSTOS A PARTIR DE UM FENOMENOLOGIA DO DOMÍNIO PSICOLÓGICO DA MATÉRIA

PROF. DR. JOÃO CARLOS DE
CARVALHO

ATUA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ACRE, CAMPUS FLORESTA, CRUZEIRO
DO SUL

RESUMO: Promover um diálogo essencial entre textos considerados fundadores na configuração da moderna literatura brasileira no século XX ao limiar do século XXI. Fugindo da usual cronologia evolutiva da nossa historiografia literária, tomando como base os estudos bachelardianos da poesia da matéria, podemos propor um percurso que passa por diferentes estágios, desde o movimento modernista propriamente, para alcançar uma compreensão do campos de combate entre a tradição e a imaginação.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura brasileira moderna/ Poesia da matéria/ Textos fundadores

ABSTRACT: To promote an essential dialogue among texts considered founders in the configuration of modern Brazilian literature in the twentieth century at the threshold of the twenty-first century. Avoiding the usual evolutionary chronology of our literary historiography, taking as the base the bachelardian studies about the Poetry of Matter, we can propose a method which route by different stages, from the modernist movement itself, to reach a comprehension of the battlefields between tradition and imagination.

KEYWORDS: Modern Brazilian Literature / Poetry of Matter / Founding Texts

A designação de latino-americanidade é razoavelmente recente em nossa história, e ganhou impulso a partir da década de 70 no século passado. O Brasil incorporou esse termo mais por força de algumas circunstâncias mercadológicas. A explosão do *boom* do romance hispano-americano trouxe um olhar maior de curiosidade do resto mundo para os países de colonização ibérica em nosso continente. O que designa a latino-americanidade seria, inicialmente, uma condição particular de embate entre o presente e as nossas raízes coloniais. Parte-se de um princípio de que há mais analogias do que diferenças entre os países que formam hoje partes da América do Norte, Central e do Sul.

É interessante iniciarmos essa discussão por questionarmos justamente o rótulo de uma identidade continental para sociedades tão diversas como as da

América Latina. O próprio Brasil, particularmente, tem diferentes matizes de formação. Imaginar uma literatura que dê conta de uma brasilidade já seria de um esforço improdutivo, o que pensar de uma identidade para além das nossas fronteiras geográficas? No entanto, o problema maior está em sempre tangenciar velhas fórmulas. Por outro lado, os rótulos empobrecem, mas promovem também uma necessidade de verificação constante.

A identidade, segundo Adorno, visa a não-contradição (2009, p. 13), o que na realidade pode tornar o conceito apenas um jogo de palavras. A questão identitária é problemática por muitas vezes limitar o alcance do humano, mas pode servir como um elemento impulsionador para a colisão de estratégias poéticas. O que significa isso? O poeta, o dramaturgo e o ficcionista, ou mesmo o ensaísta, teriam melhores condições de trabalhar com temas limites que pudessem ajudar a desvelar as matrizes discursivas que se deram para a invenção do humano entre nós. Um humano que estaria muito além das fórmulas nacionalistas, sociológicas ou psicológicas tão divulgadas.

Este alcance de fato deu uma singularidade de aqumbarcamento importante à nossa literatura, com algumas expressões que vão de *Memórias póstumas de Brás Cubas* à contemporaneidade. Uma das características de produção é o fato de estarmos sempre prontos a descrever um rosto para nós, tentando dar conta das nossas diversas origens de formação. Ou mesmo os consequentes matizes que ajudam a provocar todo tipo de contínua especulação. Por exemplo: se a nossa face mestiça fica mais ou menos delineada a partir do movimento modernista de 22, e celebramos isso em tantas obras literárias ou manifestações folclóricas ou populares, nada, porém, limita a nossa relação extrema com a realidade brutal do dia a dia, ou seja, a de buscarmos explicações para o emaranhado de contradições em que nos vemos envolvidos ainda hoje e que não foi resolvido apenas com a celebração da mestiçagem.

Na expressão ficcional hispano-americana, também se trabalham essas questões limites no século XX e foram muito importantes para o desenvolvimento de poéticas poderosas, passando por Borges, Vargas Llosa, García Márquez e tantos outros, até um *outsider* como Roberto Bolaños. No entanto, a questão mercadológica do livro de ficção para eles foi muito mais pertinente do que para nós, numa certa altura, o que deu às suas produções literárias mais visibilidade e profissionalismo mundo a fora. Entre escritores 10 brasileiros, isso tem se tornado mais recente por conta da ampliação dos veículos de comunicação com o advento da internet e das redes sociais, mas nada que se compare ao fenômeno deflagrado após o *boom*. Os hispano-americanos praticamente se entreouviam durante boa parte do século XX, o que explica o grande número de escritores profissionais que foram ganhando espaço em seus próprios países inicialmente.

Entretanto, em ambas as expressões literárias, criaram-se poéticas extraordinárias de risco e reconhecimento. Para isso, podemos falar de uma linha imaginante que delineia uma tendência geral de provocação e resistência. Os autores latino-americanos, em especial os ficcionistas, se viram obrigados a um combate direto com as matrizes de formação, e não podiam simplesmente apostar numa estratégia de ressentimento; pelo contrário, era necessário criar condições para mergulhar no próprio complexo de origem, investigando as contradições que nos distinguiriam dos nossos colonizadores europeus. Leyla Perrone-Moisés nos fala que a América é memória e projeto europeu (2007, p. 43), o que implicaria numa “para-doxa” latino-americana, traduzindo num reflexo que pode se tornar familiar e estranho diante do espelho (2007, p. 49). Romances como *Grande-sertão: veredas*, *Pedro Páramo*, *Paradiso*, *Cem anos de solidão*, *O obscuro pássaro da noite*, *Terra nostra*, *Palinuro do México* ou *2666*, entre outros, indicam bem o termômetro de tantas poéticas que estabelecem a obsessão de um diálogo profundo com as raízes de fundação. São desafios encarados diante uma vasta imaginação que faz do local universal, e do universal local. Esse imbróglcio convida o tempo todo a refletirmos no que nos tornamos. Mas para isso somos obrigados a reinventar a própria matéria que nos formou.

O filósofo da poesia da matéria Gaston Bachelard intenta com sua obra provar que a imaginação aumenta os valores da realidade (1988, p.111). Mais adiante ele nos fala do valor das solidões passadas, dos espaços em que sofremos solidões, para ele, essas sensações são indeléveis (BACHELARD, 1988, p.115). Para nós, que temos nossas raízes de fundação fincadas num aparente ermo, ou no espaço imaginado antes da tomada da terra, essas sentenças ganham o mais relevante valor. É exatamente para nos encontrarmos com nós mesmos que inventaremos nossas próprias solidões. No entanto, o Brasil, em particular, não criou poéticas ficcionais, tais como os hispano-americanos, que nos possibilitassem uma certa obsessão com os traumas de formação, o que não quer dizer que isso não foi tentado dispersivamente, a partir de ângulos mais discretos. Esse aspecto não se limita apenas ao campo ficcional ou propriamente do romance, mas se espraia pela dramaturgia e pelos ensaios e até a poesia. A variedade temática com que os escritores brasileiros se deparam revelam mais das vezes o grande potencial de um universo desconhecido e desafiador.

A percepção do problema para nós, neste artigo, para poder dar conta da amplitude de nossas poéticas, encaminha-se para o domínio da matéria. Dos relatos dos viajantes aos poetas, ficcionistas, ensaístas e dramaturgos, nossas paisagens despertaram em nós o que Bachelard chamaria de um “narcisismo de coragem” (2008, p. 7). Indo então em direção a uma psicanálise da matéria, podemos constatar as inúmeras maneiras encontradas para testar o risco e o reconhecimento. O processo criador exige então uma entrega que desde a

origem se depara com o desafio de submeter a matéria a um imaginário apropriador de um complexo de fatores que jamais parou de gritar em nossas caras, em tempo algum, depois de iniciado o processo colonizador. No entanto, o domínio da matéria se dará em diversas vertentes, como veremos, e não ficará apenas focado no diálogo com os elementos (água, ar, terra e fogo). O domínio da matéria também se dá na complexidade da linguagem alcançada ao lidar com o humano procurando se reinventar a partir da tradição.

Bachelard nos fala ainda da imagem como aceleração: a imaginação é o acelerador do psiquismo (2008: p. 21). A questão que se coloca é a maneira como o processo imaginativo, ou uma dinâmica que intenta fundar uma nova ordem, se projetou na relação radical entre o homem e a matéria a ser submetida desde a chegada do europeu à América. Esse processo só se deu porque o colonizador carregava no seu bojo mais íntimo uma carga imagética poderosa vinda de viajantes e aventureiros que, antes dele, especularam sobre mundos desconhecidos ou semiconhecidos. Por exemplo, os relatos de Marco Polo cumpriram um programa de deflagrar toda uma perspectiva de reconhecimento do Oriente nas novas terras descobertas. O Novo Mundo de Vespúcio tratou de irradiar as condições de confronto entre uma realidade importada e a realidade vivida. A partir desses choques, entre outros inúmeros relatos, inferno e paraíso construíram uma perspectiva de domínio da matéria que nada mais era do que a busca do domínio do próprio imaginário incontrolado.

O Ocidente, como nos lembra Gilbert Durand, herdeiro do racionalismo socrático e seu subsequente batismo cristão, se arvorou em se considerar o único herdeiro da Verdade, desafiando as imagens (2004, p. 7). Ao bipartirizar o método em falso ou verdadeiro, o Ocidente tratou de tentar excluir o imaginário do processo de apreensão científico (DURAND, 2004, p. 9-12). É justamente esse aspecto que a poesia vai tentar resgatar ao longo dos séculos, mesmo sob a égide cartesiana. O imaginário encontrará suas frinchas entre os discursos dos loucos e da arte. Todo o processo de apreensão da matéria da América ficará dependente dessas brechas, que eu chamaria de brechas da 12 dinâmica imaginante.

Luiz Costa Lima nos lembrava que a *mimesis* é um processo que se concretiza na ficção (1989, p. 69). A história da filosofia a partir de Sócrates só fez reforçar uma mentalidade clássica de “controle do imaginário” que nada mais era que o controle da subjetividade contra o possível rompimento com a natureza e Deus (LIMA, 1989, p. 76). Essa estratégia chega à América configurada numa forma de comunicação que tratou de apagar os vestígios de “vida bárbara”, inaugurando novas instâncias de justificativa para o eurocentrismo. Todorov reforça o aspecto perverso desse processo de

comunicação que se instala sob a lei de Ivan Karamazov onde tudo é permitido longe do poder central para quem se torna o detentor da Verdade. Para esse pensador, toda a barbárie a que foram submetidos os povos nativos da América anunciam os novos tempos e não tem nada de animal ou atávico, mas é bem humano (TODOROV, 1982, P. 185). A partir desse impacto de instâncias linguísticas que se colidem, toda uma história pode ser inscrita entre as fímbrias que delineiam a formação do imaginário entre nós. A proposta do presente artigo é a de verificar, em textos determinados, as marcas de fundação que as imagens ajudam a captar ao longo do século XX, a partir do movimento modernista no Brasil.

No Brasil, a luta pela afirmação da mestiçagem foi apenas um aspecto entre tantos para a nossa afirmação no panorama mundial. Neste sentido, reforçar somente esse lado significaria investir em um sempiterno complexo de inferioridade, quando a maior parte do mundo abraça a pluralidade de formas e a integração. É preciso enfrentar as marcas de fundação e a problemática iniciada com a mestiçagem é uma delas. A diversificação dos nossos textos fundadores nos mostra isso até os dias de hoje, e não se limita a ecos de *Iracema* ou *Memórias póstumas*. Um dos objetivos aqui é o de ajudar a refletir sobre a ampliação temática e desafiadora de nossa ficção e ensaística, ou mesmo dramaturgica, ou mesmo de poetas, tendo como base uma investigação da fenomenologia do domínio da matéria num amplo espectro.

Ao exilar as instâncias míticas para o submundo do mero irracional, o Ocidente pagou um preço demasiado caro na sua relação com os mistérios do ser. O mito continuou gritando por novas formas de manifestação, apesar de reprimido por camadas de racionalismo. A centralização do racional só poderia desembocar num mundo de formas patologicamente comprometidas com as regras e um aumento nas instâncias de controle. Foi preciso um filósofo idiossincrático como Nietzsche, com grandes doses de arrebatamento poético, para começar a abrir caminho para um confronto essencial que ajudaria a revitalizar as instâncias discursivas no Ocidente já no século XIX. Na realidade, a obra de Nietzsche só faria reforçar o que a poesia e a literatura, assim com a arte em geral, estava realizando nos subterrâneos do humano. O mito, então, surge não apenas para resolver os enigmas do universo, mas para iluminar uma realidade sempre pulsante, nativa e original (BORGES, 2003, p. 53). O artista da origem faz muitas vezes escavar a matéria na busca de um sentido revitalizador. Esse traço encontraremos mesmo em muitos autores que não tratariam diretamente de temas limites. Escritores latino-americanos inevitavelmente acabam tocando em pontos desafiadores da nossa problemática de fundação. Seja tratando de temas regionais ou de personagens que vagam na Europa ou explorando temas de outras culturas, pois há uma evocação que faz

o ficcionista confrontar suspeitas de elucidação. Há um diálogo com instâncias míticas que vão muito além da mera relação colonizador/colonizado.

A dinâmica imaginante propõe ser o instrumento capaz de articular as dissincronias entre a matéria verbal e a expectativa criada em torno do vazio. A proposta teórica aqui nos convida a enfrentar os vácuos como estímulo da criação e da tomada de posse que marcou todo o nosso processo de aculturação. Isso pode bem significar que os ecos dos primeiros bandeirantes em confronto com os nativos, negros escravos e imigrantes pedem contínua elucidação e dialogam com marcas anteriores a sua presença física na América. Há uma dialética do bem-estar e do mal-estar que nos faz buscar refúgios em rincões esquecidos, lembranças vorazes, exacerbações psicológicas etc. Há um sentido de pertencimento que clama também a nossa fuga. O Brasil, em particular, é a terra do sol, do frio, da lua, das selvas nativas e urbanas, das mansões e das favelas, da fartura e da fome, dos espaços compartilhados por todas as classes e etnias e tudo isso se manifesta e se oculta de acordo com o termômetro dos movimentos. Toda grandeza entre nós pede a sua inversão ou reinvenção, tal como na sentença bachelardiana, pois as imagens literárias ativam valores profundos (BACHELARD, 1988, p. 207). Entre a matéria e o texto estaríamos num verdadeiro “corpo a corpo”, pois o ato de imaginar deflagra uma suspeição e dinamiza o confronto com o mundo (BULCÃO, 2013, p. 19).

Publicado em 1928, *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, procura ser uma radiografia de um temperamento atávico herdado do hipotético encontro de três raças ao acaso em nossos país. Hoje, salta aos olhos, as inúmeras imagens construídas para tentar dar conta de um universo que nascia à sombra da decadência dos próprios valores importados. Logo no início, quando ele dedica um capítulo à luxúria, a sensação de desperdício e confrontação é patente em diversas passagens:

Pelo costado Atlântico a mata, aproveitando o acidentado do solo e a umidade condensadora dos ventos gerais de sueste, excede em beleza e pujança à própria floresta equatorial. É o mesmo emaranhado hostil de lianas, trepadeiras e orquídeas, mas na submata as urticáceas, espinhos, samambaias, tolhem ainda mais o andar do homem, que só vence a vegetação a golpes de facão.

O chão é um tapete de flores caídas, de todos os tons, desde amarelo-escuro, do vermelho-rubro, do cor de rosa, até o lilás, o azul-celeste e o branco alvíssimo. Variando com as estações, ponteiavam a tapeçaria de verdura e o roxo da flor da quaresma ou o ouro vivo do ipê. (PRADO, 1997, p. 59-60)

O encontro dos elementos nos convida a uma leitura que iria além de um certo determinismo inicial tantas vezes apontado pela crítica em relação a esse clássico da nossa ensaística. Também não é o caso de o lermos somente como um grande aventura poética. Na verdade, vejo essas passagens como um encadeamento de termos que celebram a chegada e o contato íntimo com uma natureza que pede para ser desbravada, naquela altura, verbalmente. O que se torna relevante nessa obra de Paulo Prado é a maneira como chama a atenção para o legado que ele quer deixar. O Brasil se torna um desafio para olhares conciliadores, para o bem ou para o mal. A “vegetação sendo vencida a facção” confronta o homem e a natureza selvagem que obviamente não foi dominada apenas por um objeto cortante, mas pela necessidade de emoldurar dos próprios termos escolhidos. A terra é um convite para a celebração dos substantivos e adjetivos que devem soar como grandes novidades na apresentação de um “novo mundo”. Aspecto este que parece ressoar com muita força ainda naqueles primeiros anos de modernismo brasileiro, ainda dialogando com o século XIX nas ideias e no estilo.

Examinemos de perto o uso e a reverberação simbólica dos termos usados que devem servir de banquete para os sentidos. O vento é visto como símbolo da vaidade, da instabilidade e da inconstância. Em várias tradições religiosas é visto também como um espírito e pode servir até de elemento regulador dos equilíbrios cósmicos e morais (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2009, p. 935-36). No primeiro fragmento, os “ventos gerais do sueste” mantém a umidade que deve garantir a sensação de beleza da paisagem. O que temos, na verdade, é uma conciliação discursiva capaz de garantir num primeiro momento o impacto da paisagem exótica que precisa ser exibida e, a seguir, a imagem do facção trazendo a necessidade de mudar o desenho da natureza passiva (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2009, p. 414).

No segundo fragmento, as flores surgem como um elemento atrativo de toda aquela paisagem a ser conquistada. Na perspectiva bachelardiana, as flores estão sempre em ascensão, pois existem para brilhar em consonância com o cosmos (FERREIRA, 2013, p. 82). As flores ali são uma verdadeira explosão de cores que expõe diversos matizes da tapeçaria do “novo mundo”. O vermelho como símbolo universal do princípio de vida; o azul representando o infinito; o branco podendo representar a anulação ou a soma de todas as cores; o ouro a perfeição (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2009, p. 944, 107, 141, 669). Reunindo esses elementos, o narrador se aproxima do pintor. O retratista propõe, na verdade, uma conciliação de um ideal de origem que mais adiante, sabemos, será conspurcado pela avidez e a falta de freios dos instintos sob a implacável lógica da obra.

Esse drama de origem praticamente funda uma nova maneira de abordagem pela nossa ensaística, revitalizando-a, trazendo ao palco o entrelaçamento dos principais atores sob uma perspectiva poética de apropriação: a paisagem e os homens. As justificativas positivista e determinista agonizam naquele momento sob o influxo de uma nova realidade a ser auferida. Não há dúvidas de que uma nova forma de conciliação começa a surgir daí sob a inspiração cósmica dos elementos. O elemento social, que terá tanta importância em sua análise geral, corroborará esse anseio cósmico de uma terra a ser compreendida em seus vários matizes.

As condições se abrem, na década de 30, para um festival de conciliações, ou uma busca de uma supermetáfora que pudesse dar conta de tantos contrastes. O mal estava na visão importada e como ela se depositava no nosso imaginário. Era uma linha de combate que se delineava como bandeira para aqueles tempos em que valores nacionalistas eram celebrados por várias tendências políticas. Nesse cenário, surge *Casa-grande & senzala*, publicado em 1933. Gilberto Freyre foi a voz que tentou fazer pulsar as vozes reprimidas pela herança determinista. A sua tentativa de conciliação hoje pode ser vista como uma grande façanha literária também, muito além da leitura de uma obra idealizada que a sociologia posterior tentou fazer do antropólogo recifense. Na passagem abaixo, uma clara descrição desse processo de integração que permeou diversas passagens de seu famoso livro:

Mesmo a língua falada conservou-se por algum tempo dividida em duas: uma, das casas-grandes; outra, das senzalas. Mas a aliança da ama negra com o menino branco, da mucama com a sinhá-moça, do sinhozinho com o moleque acabou com essa dualidade. Não foi possível separar os cacos de vidros de preconceitos puristas, forças que tão frequente e intimamente confraternizavam. No ambiente relaxado da escravidão brasileira, as línguas africanas, sem motivos para subsistirem à parte, em oposição à dos brancos, dissolveram-se nela, enriquecendo-a de expressivos modos de dizer; de toda uma série de palavras deliciosas de pitoresco; agrestes e novas no seu sabor; muitas vezes, substituindo com vantagem vocábulos portugueses, como que gastos e puídos pelo uso. (FREYRE, 1990, p. 333)

Neste panorama que o fragmento destaca, as condições que o Brasil estabelece para o convívio entre as classes se arvora decisivamente num primeiro momento. Diríamos que o otimismo do autor é deveras exagerado em diversos momentos e aqui isso ganha destaque pelo deleite de encontro de sabores. É exatamente por trabalhar na dinâmica imaginante que Freyre encontra as brechas para sonhar com o seu Brasil conciliado. Apesar de calcado numa base objetiva histórica, seu texto desliza delicadamente, aproximando os contrários. Permite construir uma espécie de unidade a partir do confronto

entre o novo e o velho, a América e a Europa. As línguas se aproximam e se adaptam, construindo as condições para que um velho mundo se adapte aos trópicos.

Esse aspecto da Europa se adaptando a outras condições climáticas acaba marcando o início de outro clássico da nossa sociologia. Em *Raízes do Brasil*, de 1936, Sérgio Buarque de Holanda, no primeiro capítulo, procura deixar clara essa ideia de confronto essencial:

Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem. (HOLANDA, 1989, p. 3)

O fragmento acima parece funcionar como uma grande sentença para a formação do nosso caráter. Não há dúvida que a fórmula macunaímica ecoa aqui bravamente. O nosso caráter possui sinuosas linhas de composição e os mundos se encontram para celebrar uma nova maneira de expressão. Nosso convívio tem que refletir o sentido de exílio importado. A maneira subjetiva como o autor trata esses aspectos parece provocar uma nova linha de raciocínio, que nada mais produz, inicialmente, do que um sentido de barro a ser moldado pelas condições encontradas longe do velho mundo. O sentido repousante aqui do elemento terra se destaca. Nossa moderna sociologia, com esses dois clássicos, parece se delinear a partir não apenas de uma vasta erudição, mas também de um campo imaginante extraordinário para se contrapor contra os determinismos herdados. A matéria é um convite para a imaginação e a literatura fala tão alto quanto os códigos sociológicos.

É na ficção, compreendida de maneira mais abrangente aqui, que se realizam as integrações entre a matéria do pensamento e a matéria fenomênica. Ambas se unem para buscar novas formas de conciliação. A literatura brasileira no século XX, a partir de uma certa altura, tenta apreender novos liames de condução por meio do contato com os elementos de origem. O processo de reconhecimento é um desafio de reintegração impossível entre nós. Poesia, drama, ensaio e narrativa estão unidos nesses primeiros momentos de risco especular. Também publicado em 1936, o romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, intenta ser um itinerário de um sujeito comum que lida com impotências banais de maneira extraordinária. Toda a dimensão psicológica

dada à personagem serve como um termômetro das condições para se pensar o homem e a terra numa nova perspectiva entre nós:

Desejaria achatar-me, confundir-me com as coisas moles e úmidas que os meus dedos tinham esmagado sobre a casca da árvore. Agora os dedos seguravam mal aquele suporte incômodo e oscilante. Enorme preguiça e enorme sono prendiam-me ao galho. Creio que dormi uns minutos. Seria bom cair: talvez a queda sacudisse o torpor e me restituísse a vontade necessária para entrar em casa e embriagar-me. Embriagar-me, naturalmente. Teria dormido? Meus parentes sertanejos dormiam montados, viajavam assim. Equilibrava-me não sei como. – “Currupaco, papaco. A mulher do macaco...” Vitória sonhava com as moedas escondidas em qualquer parte, depois que os canteiros tinham sido descobertos. Como me seria possível alcançar outro ramo? Passando a outro ramo, estaria em segurança. Se pudesse retirar-me dali... Tive a ideia extravagante de chegar à cidade andando sobre as árvores. (RAMOS, 1985, p. 204)

Depois de assassinar o seu pretenso rival, Julião Tavares, Luís da Silva procura simular um suicídio pendurando o corpo numa árvore e ali ele se mistura com o próprio ambiente criado pela sua imaginação. É na verdade a sua imaginação que o leva a cometer o crime e o ato reverbera como um grande mergulho no inconsciente cósmico. Nas mãos de um autor menos sensível, teríamos apenas o desencadeamento de uma situação detetivesca. Em um autor como Graciliano Ramos, Luís da Silva faz parte dos elementos que narra visceralmente. Ao se confundir com os “elementos moles e duros” possibilita-se um retorno à origem e a uma desconstrução de si. A necessidade de estabelecer uma outra atmosfera por meio do embriagamento, a analogia de sua situação com de seus antepassados sertanejos, o tesouro imaginário, o saltar de galho em galho como um macaco, tudo isso conduz o leitor comum a uma atmosfera de alto impacto psicológico, ao mesmo tempo que para o leitor atento ajuda a destrinchar a relação do crime

com as condições que o ambiente criou. Aqui o determinismo sofre um duro golpe frente às necessidades da carne e da complexidade psíquica que vão muito além dos próprios acontecimentos narrados. É o Brasil sendo obrigado a se remexer por dentro e a cavar seus atavismos sem o compromisso de reproduzi-los indesculpavelmente.

Em *Doroteia*, de Néelson Rodrigues, encenada em 1949 e classificada como uma peça mística por conta do seu grande simbolismo, encontramos uma protagonista que, depois de muitos anos, retorna à casa de suas últimas parentes vivas e encontra um ambiente despido de atavios, onde o desejo, inicialmente, precisa ser sufocado:

É também esta a nossa vergonha eterna!... (baixo) Saber que temos um corpo nu debaixo da roupa... Mas seco, felizmente, magro... E o corpo tão seco e tão magro que não sei como há nele sangue, como há nele vida... (gritando) Que vens fazer nesta casa sem homens, nesta casa sem quartos, só de salas, nesta casa de viúvas? (exultante) procura por toda parte, procura debaixo das coisas, procura, anda, e não encontrarás uma fronha com iniciais, um lençol, um jarro! (RODRIGUES, 1993, p. 635)

Neste fragmento, somos apresentados a um mundo devastado ou onde tudo está para começar. Parece mesmo ser um convite à irrealidade, no entanto, entramos em contato com uma sucessão de dados a serem preenchidos pela imaginação. O desejo, ou a falta dele, arruinou aquela família, mas continua pulsante nos mínimos detalhes. A gradação destacada pelas rubricas nos mostra uma força de evidenciação que pede para o espectador entrar naqueles subterrâneos e preenchê-los com sentidos novos, o que será possível com a entrada em cena da linda Doroteia. Uma casa que na verdade é um grande inconsciente pedindo para ser ativado. Ao longo da peça, não encontramos dados mais objetivos do local ou do tempo em que se passa aquele drama. Mas nós sabemos exatamente do que Néelson está tratando: das nossas raízes, dos nossos traumas de formação. As viúvas podem representar a união da reconstituição primordial (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2009, p. 963), o que bem pode indicar o que significa em última instância o que a protagonista veio buscar no retorno. Este retorno às condições precárias produzem um desencadeamento a um universo que pedirá para ser reconstruído das sobras, dos estilhaços simbólicos que clamam para ganhar contornos. Além da repressão, da seqüidão, do próprio desejo, estabelecemos as condições 19

propícias para a inserção de novos signos. O teatro brasileiro estava sendo reinventado por Nelson Rodrigues, assim como o próprio Brasil, ainda, àquele momento.

Em 1956, sai publicada a grande sùmula do Brasil arcaico de Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*. Torna-se, para nós, um precioso macrocosmo dos nossos impulsos primordiais até então só brevemente resvalado. Neste romance, não há mais espaço para atavismos sem reconsideração, pois o universo todo é partido sempre em dois:

Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. Deus é que me sabe. O Reinaldo era Diadorim – mas Diadorim era um sentimento meu. Diadorim e Otacília. Otacília sendo forte como a paz, feito aqueles largos remansos do Urucuia, mas que é rio de braveza. Ele está sempre longe. Sozinho. Ouvindo uma violinha tocar, o senhor lembra dele. Uma musiquinha até que não podia ser mais dançada – só o debulhadinho de purezas, de virar-virar... Deus está em tudo – conforme a crença? Mas tudo vai vivendo demais, se remexendo. Deus estava mesmo vislumbrante era se tudo esbarrasse, por uma vez. Como é que se pode pensar toda hora nos novíssimos, a gente estando ocupado com estes negócios gerais? Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo. Eu penso é assim, na paridade. O demônio na rua... Viver é muito perigoso; e não é não. (ROSA, 1987, p. 237)

No fragmento acima, o esforço de aglutinação dos elementos é patente. Tudo parece querer desembocar num universo potencialmente desafiador. O amor é como a chama que desperta para os fenômenos. A antítese (largos remansos x rio de braveza) convida o leitor atento a confrontar o dentro e o fora. Deus é o ar, o disperso que nunca poderá ser confirmado senão pelo poder das sensações, aquilo que é. Mergulhando no mundo, o compartilhamento das sensações, caindo inevitavelmente no entrecruzar de caminhos (gerais, cômputo). Tudo pode e não pode e o amor tem diversas faces, todas ameaçadoras, porque aumentam a sobrecarga de ambiguidade e exige mais e mais literatura por ermos caminhos, por veredas desconhecidas. O demônio é o elemento dispersador, jamais inteiramente dominado. É o que o movimenta o tempo todo e ajuda a redescobrir um país desconhecido de si, mas conquistado pelo poder das imagens, das palavras saborosas que o autor vai descobrindo a cada contorno necessário/desnecessário, como um luxo, ou desperdício do próprio prazer de perquirir continuamente.

Esse poder de dicção, ou dicções, passará a outro autor mineiro, Lúcio Cardoso. Publicado em 1959, *Crônica da casa assassinada* procura reunir os retalhos discursivos que constituirão as condições sumárias do próprio ato da escrita, entre várias vozes e de um país que se descobre por dentro a partir de um grande inconsciente pulsante de variações narrativas:

Não há originalidade no meu ciúme – que outro nome dar ao sentimento que continuamente me fere – e nem na minha revolta contra os outros. Sou monotonamente igual a quem não sei que tenha padecido dos mesmos males. Assim, não me irrita nem com o vento e nem com a nuvem de poeira, pois completam no seu desinteresse a minha paisagem, são parcelas de mim mesma, do desalento que me forma. Continuo pois – e sobre este instante exato em que vivo e seguro a pena, arrumando ideias para dispô-las sobre o papel, sinto que a ele vem se superpor outros instantes futuros, iguais, possivelmente, e nos quais a mesma Ana, sendo outra, repetirá estas mesmas palavras, misteriosas para os outros, e comigo tão cheias de identidade. Porque convenhamos, e nisto serei rápida para não enfasiar meu provável leitor: o que me interessa é exprimir o terrível desinteresse de viver, isto a que alguém, num momento de assomo de lucidez, chamou muito sensatamente de tarefa de mediócras. (CARDOSO, s.d., p.383)

Não é difícil percebermos nesse fragmento a força mítica evocada. A integração dos elementos, a uma inquieta vida psíquica, que problematiza o ser no mundo. Os três tempos se agrupando e provocando diferentes sensações especulares. A profundidade atingida indica o próprio instante vivido como se este não o fosse. O alardeado desinteresse pela vida nada mais reproduz que as condições para juntar presente, passado e futuro numa só dinâmica, pois no tempo mítico as revelações são muito mais poderosas. A poeira, levada pelo vento, converge esses três tempos buscando a origem (CHEVALIER, GHEERBRANT, p. 727). A escrita é o instante revelador do inconsciente profundo a ser buscado nos mínimos detalhes e que não basta na própria existência. Há um leitor a ser conquistado, o leitor atento a esses detalhes, o que está dentro de cada um de nós. O leitor que a nossa literatura moderna inventou e que continuará sendo recriado nas vozes de tantos autores contemporâneos, ainda. Desta maneira, nossa literatura foi ampliando e reduzindo o seu público. Há um diálogo que perpassa todos os nossos principais momentos de maturação e confrontação com as marcas do que deixamos de ser.

Essa forma desabrida de buscar a interrogação no extremo de uma condição claudicante, tocando as frinchas do ser, como vimos no exemplo acima, colidindo espaços numa dimensão mínima, encontra sua maior representante em Clarice Lispector, em especial no conto “Amor”, de seu livro *Laços de família*, publicado em 1960. A personagem Ana, depois de um transe

cósmico, dentro do bonde, desce fora do seu ponto em frente ao Jardim Botânico e, lá dentro, todo um vibrante universo começa a existir desabridamente:

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco das árvores pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos. (...) As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. (LISPECTOR, 1998, p. 25)

Cada um dos elementos carrega uma carga sígnica em particular, construindo profundezas onde antes havia uma paisagem sem nome. É neste sentido que a prosa poética de Clarice atinge momentos especiais em muito dos seus contos e romances. “Amor” é um conto particularmente claro na sua reverberação contínua de um universo de sensações que não quer calar. É a redescoberta de um novo mundo. O novo mundo do novo mundo, por isso, tudo é tão especial em cada linha desse texto. A podridão aqui é vida, e vida pulsante por conta de seu imaginário. Um imaginário sedento de velhas e novas sensações. Tudo se estende em busca de outros sentidos. Cada adjetivo é estrategicamente criado para exagerar o desperdício (luxuosas patas, crueza do mundo). Quase tudo é projeção (cérebros apodrecidos, banco manchados de sucos roxos, o rumorejo das águas). É o convite a um mergulho na própria gênese, no movimento material e pré-socrático ansiado antes da imposição racionalista. A podridão rejuvenesce. É também a descoberta de uma paisagem selvagem interior. A provocação para se conhecer os limites onde se trafega. Clarice evoca, no fundo, os elementos para que percebamos a riqueza que nos constituiu a partir de todas as eras. Ela, uma autora rotulada como subjetivista, toca também em pontos essenciais da nossa identidade e da nossa não-identidade quando traz o espanto como uma linha essencial de autorreconhecimento.

Publicado em 1971, *A pedra do reino*, de Ariano Suassuna, problematiza a relação entre o oral e o escrito como jamais vimos antes em nossas letras. Sua longa narrativa envolve episódios sem fim traçando um painel dramático das proezas que afirmarão o Nordeste e seu legado mítico na tradição nacional. A história dentro da história, narrada por Dinis Quaderna, enquadra as próprias formas de construção do fictício e do real abolindo as fronteiras, ou inaugurando novas possibilidades no campo imaginário:

Pereira da Costa era um escritor oficial e consagrado, membro do “Instituto 22

Arqueológico de Pernambuco”, de modo que a palavra dele é palavra de Príncipe, não voltaria atrás nem que ele depois, arrependido, quisesse se desdizer! Se ele consagrou meus antepassados como reis do Brasil, mesmo que considere caricata a nossa Monarquia sertaneja tão gloriosa e cavalariana quanto a da Pedra do Reino, isso é problema dele! Não tenho culpa de Pereira da Costa, com todo o seu gênio, ser burro desse jeito! Depois, acontece que todas as monarquias são imaginárias e caricatas. (SUASSUNA, 2004, p. 461).

A pedra se torna um elemento mítico essencial para a interação do processo narrativo com as condições projetivas de autoafirmação do narrador e seu reinado imaginário. É a pedra que se transforma e ganha um sentido nobiliário e extremo na voz de um narrador sedento de imagens, entre reviravoltas, sem tréguas, clamando o leitor para entrar em seu mundo mágico. Todo um espectro bufo e pícaro ressurgem com uma força de revitalização essencial e consumidor de movimentos estratégicos em busca de alguma legitimidade, ajudando a reinventar um aspecto mágico do Brasil em refúgios espaciais desconhecidos, porque para existir dependeria do amplo manancial da linguagem que inventa e existe somente para inventar.

Em 1975, sai publicado *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, e temos aí o mergulho poético na nossa escuridão endógama. Nessa fábula bíblica recontada, a família se torna o aparato capaz de sustentar o poder do imaginário e do desejo. André, o protagonista, volta ao lar e se confronta com o pai num verdadeiro duelo de imagens primordiais:

...forjamos tranquilamente nossas máscaras, desenhando uma ponta de escárnio na borra rubra que faz a boca; e, como resposta à divisão em anverso e reverso, apelemos inclusive para o deboche, passando o dedo untado na brecha do universo; se as flores vicejam nos charcos, dispensemos nós também o assentimento dos que não alcançam a geometria barroca do destino... (NASSAR, 1989, p. 135)

A casa se torna o objeto íntimo fundamental para percorrer o roteiro da origem e escavar o refúgio numa particular forma humana a ser construída. São séculos de desejo reprimido que vêm à tona obrigando o narrador a lidar com um luxo verbal, ou um excedente que compensa e expande seu mundo dentro do próprio lar. A casa ganha vida própria e o perdão do pai é uma maneira de reconquistar o espaço literário perdido também. A opção pelo complexo fica clara nesse fragmento e ajuda a desvelar os recantos ocultos de uma alma sedenta de símbolos. É o Brasil que se descobre de dentro para fora recobrando 23 uma tradição imemorial e que reverbera em outras obras anteriores. A volta

ao lar do filho pródigo mostra o desperdício de roteiros a serem reconsiderados na construção de nossa trajetória em busca dos símbolos ascensionais por meio da conciliação antitética (flores que vicejam nos charcos), na busca do leitor privilegiado que poderá reconhecer os passos rastreados (dispensemos o assentimento dos que não alcançam a geometria barroca do destino).

Dois poetas conseguem, nos anos 80, fazer reviver a mesma verve de renovação e descoberta dos nossos primeiros modernistas. Traduzem seus universos rurais de uma maneira cativante e com sabor de novidade. Falo de Adélia Prado e Manoel de Barros. Em 1981, a poetisa mineira publica *Terra de Santa Cruz*, onde encontramos o poema “O amor no éter”, um profundo diálogo com mundos redescobertos:

Há dentro de mim uma paisagem
entre meio-dia e duas horas da tarde.
Aves pernaltas, os bicos mergulhado
na água,
entram e não neste lugar de memória,
uma lagoa rasa com caniços na
margem.
Habito nele, quando os desejos do
corpo,
a metafísica exclamam: como és bo-
nito!
Quero escavar-te até encontrar
onde segregas tanto sentimento.
Pensas em mim, teu meio-riso secreto
atravessa mar e montanha,
me sobressalta de arrepios,
o amor sobre o natural.
O corpo é leve como a alma,
os minerais voam como borboletas.
Tudo deste lugar
entre meio-dia e duas horas da tarde.
(PRADO, 1986, p. 27)

No horário do repouso, quando o pensamento carrega a desobrigação de racionalizar, é o momento em que as imagens precisam emergir para provocar as profundezas. Há uma necessidade de entrelaçamento essencial aí a que o eu poético conduz com o próprio poder de reunir o disperso. As imagens são muito sugestivas da situação de conduzir as epifanias dentro do espaço privilegiado. As aves e seus 24

bicos mergulhados na água revelam a necessidade de desvelamento. O espaço inviolável do inconsciente material. Da lagoa, um olhar atento procura o centro de tudo, o lugar de onde as sensações deverão recriar o seu próprio universo a partir de marcas palpáveis de reconhecimento (os minerais voam como borboletas). É a memória se reconstruindo e ajudando a configurar as condições de redescobertas, fato fundamental para se projetar a partir de uma base herdada, ou uma necessidade prenhe de expectativas de um eu poético que quer mais e mais se enraizar no seu pântano dicionário, onde os antigos símbolos sejam irremediavelmente remexidos.

Em 1985, Manoel de Barros publica *Livro de pré-coisas*, e, já se consolidando como o poeta pantaneiro, convida-nos a descobrir riquezas poderosamente imaginadas, em terras só aparentemente já rastreadas: “Minhocas rastejam a terra; poetas, a linguagem”. Ou: “Vagalumes driblam a treva”. Ou então: “Os rios começam a dormir pela orla”. Ou mais: “Sapo nu tem voz de arauto”. Ou essa sentença em que os extremos se tocam com rara precisão: “Flores engordadas nos detritos até falam!” São vários os momentos de autêntica reconstrução por meio de uma linguagem que produz imagens como quem ajuda a fertilizar a terra com mais e mais signos de confiança especular. É um mundo profundamente conhecido e que por isso mesmo precisa do atavio inesperado por meio do próprio espanto de ser a ser traduzido obsessivamente, como uma marca que não pode deixar de reviver na sua própria origem. Esse eco torna a poesia de Manoel de Barros um chamamento constante às nossas marcas de origem pelo verso e reverso.

Em 1990, Márcio Souza publica a sua súpula antropofágica, *O fim do Terceiro Mundo*. A antropofagia foi uma proposta de reconhecimento poderosa criada por Oswald de Andrade e que ecoou em diversos movimentos culturais no Brasil, como a Poesia Concreta e o Tropicalismo. Devorar o poder do inimigo como um espelho às avessas. É um momento de confronto essencial àquele momento de transição política pela qual passava o Brasil para consolidar a sua democracia e que exigia do ficcionista Márcio Souza um poder de imaginação extraordinário na possibilidade de fazer um “mundo perdido” dentro de nós ser revivido de maneira ainda mais desafiadora:

Era isto! O olhar daqueles estrangeiros, daqueles afáveis visitantes de tantas nacionalidades, nos deixava pasmados, nos desconcertava até a medula por nos medirem, por sopesarem as aparências, por se deixarem enredar na tentação de apontar soluções, porque os casos como o nosso sempre parecem simples, de fácil manuseio: destruição ou conservação. (SOUZA, 1990, p. 43)²⁵

A Amazônia se torna o grande fetiche a ser revirado do avesso para se encontrar as marcas de séculos de projeção e vilipendiação colonizadora nesse romance satírico e desconcertante. No início da década de 90, vivíamos um momento cruel de desilusão depois do retorno à democracia, porém, mais do que isso, nascia em nós uma incrível capacidade sensível de olhar o outro em nós. É na verdade o olhar desmoralizado do outro sobre nós que agora está em questão. O “mundo perdido” é o que se deixou de fazer e a recusa às soluções simplistas parece ser uma tomada de posição pertinente por parte do narrador que põe em questão os remendos. O olhar é o instrumento das ordens interiores: mata, fascina, fulmina, seduz (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2009, p. 653); o que é olhado, e se sabe observado, adquire um poder de revelação tão forte como aquele que tenta controlá-lo. A ficção desse autor amazonense procura o tempo todo desafiar a ordem que intenta apagar as marcas de origem. Assumindo o trauma, podemos encontrar as nossas próprias saídas e desandanças.

No início de um novo século, a democracia consolidada, já estamos em condições ainda mais privilegiadas a olhar para trás e confrontar mundos conhecidos e desconhecidos. Em 2002, Bernardo Carvalho publica *Nove noites* e recria alguns aspectos fundamentais de um diálogo essencial entre passado e presente. A trama, narrada de forma jornalística, procura captar os sinais de um Brasil ao mesmo tempo desconhecido e íntimo dos próprios brasileiros na Reserva Indígena do Alto Xingu:

Cheguei com os índios almoçando. O velho Diniz estava sentado num banco comprido, à extremidade de uma mesa grande em que uns vinte comiam macarrão com arroz e feijão. O filho estava a seu lado. Era um sujeito de cara marcada, alto, que o acompanhava por toda parte. Os dois estavam sem camisa, de short e sandália havaiana. Assim que o velho terminou o almoço, o antropólogo aproveitou para nos apresentar. Sentamos num canto do caramanchão e logo fomos cercados por outros índios curiosos e desconfiados. No começo, achei que já sabiam o que eu queria e estavam ali para me intimidar e dar apoio ao velho, mas aos poucos fui compreendendo que não sabiam de nada. Estavam tão curiosos quanto eu. Eram jovens, sabiam que alguma coisa séria, que eu podia prejudicá-los, tinha acontecido num passado remoto, mas não sabiam exatamente o quê. Se o cercavam, era ao mesmo

tempo para protegê-lo e controlá-lo, para garantir que não revelaria coisa nenhuma, se é que havia algo a ser revelado. Tirei o gravador do bolso. Foi o tempo de o velho apontar para o aparelho e dizer sem a menor cerimônia: “Estou precisando de um desses”. (CARVALHO, 2002, p.79)26

Há agora um estranhamento que não vem propriamente do confronto de olhares, mas das condições em que se encontram os dois mundos diante das necessidades de investigação de lado a lado. O mundo do índio pode também ditar as cartas de convívio em relação ao do não índio. O invasor se sabe invasor. O invadido quer um pouco também daquele mundo que um dia tentou domesticá-lo. Nessa divisão de espaços, temos os elementos para reconsiderar as marcas de formação. O gravador é o instrumento que serve de elo entre o passado e o presente, a linha tênue que fará do nativo um pertencente ao cosmos, invocador dos fantasmas do passado. O gravador reúne os quatro elementos, e essa é a magia que o torna tão atraente. O processo colonizador questiona e se vê questionado em níveis profundos. Os planos celestial e terrestre precisam ser reinventados e cada homem conviverá com as misérias e carências do mundo moderno, onde índios e não índios acabam convivendo agora em condições de quase igualdade. A inversão da lógica não as anula, mas as projeta para brechas imaginantes poderosas que poderão ser compartilhadas a partir das próprias marcas do passado a que eles se deparam.

Em 2008, Milton Hatoum publica a novela *Órfãos do eldorado*, depois de três romances bem sucedidos. O mergulho no mundo fantástico da Amazônia, com suas lendas e mitos, que lida também com as sobras do processo civilizacional. É um momento de reconsolidação dos aspectos anteriormente aqui relatados. A verve de se descobrir a horizontalidade utópica perdida ganha aqui tintas delicadas de percepção privilegiada a partir da ótica nativa. Acena-se para um passado esquecido, sem os complexos de inferioridade herdados do processo de apropriação do olhar exógeno:

Quando o pajé olhava as nuvens em movimento, dizia que estava no mundo sagrado e terno, e assim ele podia agir no mundo humano. Ele via o que eu não via, o que nenhum de nós vê, disse Maniva. Via os ossos do próprio corpo, via a alma viajar para muito longe, até chegar à boca do rio que corre no fundo da terra. Depois ele continuava a subir por uma escada, caminho para o outro céu. O pajé mais antigo mora lá em cima, na última escada. Um céu todo branco e prateado. Um novo mundo. Céu sem doença. (HATOUM, 2008, p. 45)

O narrador procura inicialmente criar uma situação dramática onde se apartem os dois planos: material e o espiritual. Na realidade, o que ele consegue é estabelecer um elo de contato com um grau de sensibilidade maior de orientação.

O corpo se torna parte integrante do processo de conhecimento espiritual e do novo papel pós-colonial do homem diante da natureza selvagem. A inscrição não se dará mais por meio da apropriação de um plano sobre o outro, mas pelo poder da dinâmica imaginante, projetiva. O gesto utópico é o estímulo genesíaco de criação deixado pelos vácuos da ausência dialógica entre o dentro e fora, marcas poderosas de um primado baseado na força do signo enquanto identificador de oposições. A decadência pertence agora a um lado da história, aquela que precisa ser recontada num nível de elaboração poética maior. Os elementos aí se reúnem para apontar as premissas de articulação do imaginário em relação ao pragmatismo do olhar do não índio.

Diante de tantos exemplos apresentados, considero possível que se faça um apanhado de muitos outros textos clássicos, ou não, que poderão ajudar a reunir, no panorama da literatura brasileira, as condições e estímulos que acabaram desencadeando uma forma de diálogo entre eles. Isso significaria perceber que esse diálogo se dá em níveis profundos de compreensão da linguagem utilizada, fugindo um pouco das tradicionais leituras que exploram as condições epidérmicas de enredo e a relação com o mero momento vivido pelos autores. Quando se cria uma tradição, torna-se inevitável que as vozes se toquem, por mais distante que pareçam. Procurei privilegiar textos que abarcassem diferentes nuances ao longo de pelo menos nove décadas, a partir dos estímulos desencadeados pelo nosso movimento modernista nos anos 20. Isso significa que há entre eles uma inevitável capacidade de se tornarem textos fundadores, estes que irradiam uma necessária analogia entre as marcas herdadas do processo colonizador e as formas de resistência encontradas pelas imaginações poderosas de nossos artistas. Numa certa altura, poderíamos até arriscar a dizer que a história de nossa literatura se faz com textos fundadores que não param de problematizar a nossa relação com o passado colonial.

Luiz Costa Lima nos falava da indefectível marca de horror que permeou o processo de colonização nas Américas, separada das benesses da modernidade, escravizando os nativos daqui e da África, e criando condições básicas para se desenvolver um caldo novo de desafio de superação (LIMA, 2003, p. 18-9). Digamos que a América Latina se viu inelutavelmente sendo chamada a tomar para si a responsabilidade sgnica herdada dos países fontes. O dominador pode ser dominado por meio das próprias ferramentas herdadas, como versa a fórmula antropofágica oswaldiana, mas pode ir mais adiante e não se considerar uma cultura eternamente dependente das matrizes ao desenvolver técnicas de compreensão que se voltem para um mundo onírico que nos havia sido negado desde os primeiros passos. Os passos não dados

acabam sendo mais importantes a uma certa altura e dialogar com a tradição pode muito bem reverter a expectativa de mera antecipação, pois as regras do jogo podem muito bem ser estabelecidas por nós próprios como aqui foi mostrado em diversos fragmentos estratégicos.²⁸

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. *Dialética negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 351 p.
- BACHELARD, G. A poética do espaço. *Os pensadores*. Trad. Antônio da Costa Leal e Lúcia do V. Santos Leal. São Paulo: Nova Cultural, 1988. P. 93-266
- _____. *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. Trad. Maria Ermantina de A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 317 p.
- BORGES, P.A.E. Imaginário e mitologia. In: ARAÚJO, A.F., BAPTISTA, F.P (Org.). *Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações, prática hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. P. 45-70
- BULCÃO, M. Gaston Bachelard: corpo e matéria como fundamentos da imagética criadora. *Prometeus* (UFS), n. 12, ano 6, jul-dez 2003.
- BARROS, M. *Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no pantanal*. 3.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002. 94 p.
- CARDOSO, L. *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, s.d. 536 p.
- CARVALHO, B. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 171 p.
- CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 24.ed. Trad. Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. 996 p.
- DURAND, G. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 3.ed. Trad. René Eve Lévié. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.
- FERREIRA, A.E.A. *Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos bachelardianos*. Londrina: Eduel, 2013.
- FREYRE, G. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 27.ed. Rio de Janeiro: Record, 1990. 569 p.
- HATOUM, M. *Órfãos do eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 107 p.
- HOLANDA, S.B. *Raízes do Brasil*. 21.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. 158 p.
- LISPECTOR, C. Amor. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 135 p.
- LIMA, L.C. *O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1989. 455 p.
- _____. *O redemunho do horror: as margens do Ocidente*. São Paulo: Planeta, 29

2003. 455 p.

MOISÉS, L.P-. Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina. *Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 28- 49

NASSAR, R. *Lavoura arcaica*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 196 p.

PRADO, A. *Terra de Santa Cruz*. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. 102 p.

PRADO, P. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. 8.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 319 p.

RAMOS, G. *Angústia*. 30.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1985. 247 p.

RODRIGUES, N. Doroteia. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993. P. 625-670

ROSA, J.G. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988. 469 p.

SOUZA, M. *O fim do Terceiro Mundo*. São Paulo: Marco Zero, 1990. 405 p.

SUASSUNA, A. *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. 754 p.

TODOROV, T. *La conquête de l'Amérique: la question de l'autre*. Paris: Seuil, 1982. 342 p.

LENDAS ACREANAS

..

**PROF.^a DR.^a LUÍSA GALVÃO LESSA
KARLBERG (UFAC e ABRAFIL)**

**PROF.^a DR.^a MARIA JOSÉ MORAIS
(UFAC) – CAMPUS FLORESTA**

RESUMO

INTRODUÇÃO: O estudo “Lendas Acreanas” é uma contribuição aos estudos dialectológicos e culturais do Brasil e, em particular, ao Atlas Etnolinguístico do Acre - ALAC. Tem por finalidade fornecer dados acerca das lendas que povoam a vida dessa região brasileira.

MATERIAL E MÉTODOS: Utilizam-se dezoito inquéritos do *corpus* do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC, no intuito de descrever as lendas que povoam a vida das pessoas residentes no Vale do Acre - Rio Branco, Plácido de Castro e Xapuri; Vale do Purus – Sena Madureira, Manuel Urbano e Assis Brasil; Vale do Juruá – Cruzeiro do Sul, Tarauacá e Feijó. Os informantes são homens e mulheres na faixa etária B (26-35 anos) e C (35-80 anos). Fazem-se as descrições das lendas por campos semânticos, tais como: entidades de gênero masculino, feminino; protetoras dos rios; das matas; dos animais; da floresta, dentre outros.

RESULTADOS: A descrição das lendas vem apontar aquelas registradas em dicionários e àquelas não registradas.

CONCLUSÃO: Dentre as várias conclusões pode-se afirmar que “Lendas Acreanas” traduzem o imaginário da população habitante do Acre, que passa as histórias por meio de gerações. Raramente as pessoas viram alguma coisa, habitualmente ouviam contar. Foram encontradas lendas do gênero masculino e feminino, enquadradas em quatro campos semânticos ou significativos que apontam o imaginário da população do lugar e sete delas não estão catalogadas nos dicionários brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Lendas, Cultura, Costumes, Português do Brasil.

ABSTRACT

INTRODUCTION: The study "LENDAS ACREANAS" is a contribution to the dialectological and cultural studies of Brazil and, in particular, to the Ethnolinguistic Atlas of Acre - ALAC. Its purpose is to provide data about the legends that populate the life of this Brazilian region. **MATERIALS AND METHODS:** In order to describe the legends that inhabit the lives of people living in the Acre Valley - Rio Branco, Plácido de Castro and Xapuri, we used eighteen surveys of the corpus of the Acre Ethnolinguistic Atlas - ALAC ; Vale do Purus - Sena Madureira, Manuel Urbano and Assis Brasil; Juruá Valley - Cruzeiro do Sul, Tarauacá and Feijó. The informants are men and women in the age group B (26-35 years) and C (35-80 years). The descriptions of the legends are made by semantic fields, such as: entities of masculine, feminine gender; River protectors; Of the forests; of the animals; The forest, among others. **RESULTS:** The description of the legends comes to indicate those registered in dictionaries and those not registered. **CONCLUSION:** Among the various conclusions one can affirm that "Acrean legends" translate the imaginary of the population of Acre, who passes the stories through generations. People rarely saw something, they usually heard it. Legends of the masculine and feminine genres were found, framed in four semantic or significant fields that point the imaginary of the population of the place.

KEY WORDS: Legends, Culture, Customs, Brazilian Portuguese

INTRODUÇÃO

.....,O presente estudo, "Lendas Acreanas", é uma contribuição aos estudos dialectológicos do Brasil e, em particular, ao Atlas Etnolinguístico do Acre - ALAC. Tem por finalidade descrever as lendas regionais. Entende-se que as lendas abrangem uma interpretação global da natureza e da pessoa humana inserida nela, constituindo um campo aberto à compreensão e à transformação do mundo. Nesse sentido, estudar as lendas acreanas é estabelecer relações sistemáticas com os aspectos da vida humana, as expressões produtivas, sejam elas tecnológicas, econômicas, artísticas ou domésticas. Estas traduzem a vida regional amazônica e seu estudo pode servir de material didático-pedagógico para maior integração do ser humano ao cotidiano do lugar, marcando-lhe a personalidade, a identidade de alma amazônica.

Desse modo, assim como as tradições, as lendas abrangem um conjunto de crenças, valores, técnicas de comportamento, que são elaboradas e apreendidas na comunidade, constituem legados que devem ser preservados, como forma de

resguardar a cultura e os costumes do lugar. O conhecimento e a automação desses valores são de fundamental importância como elemento humanizador.

Esses valores impõem limites à natureza humana, controlando, muitas vezes, as atitudes instintivas das pessoas. Assim, ao tempo em que norteiam o comportamento, a cultura também incorporam transformações advindas da interculturalidade, fenômeno de natureza tanto vertical, “em termos socioeconômicos ou intelectuais”, quanto horizontal, de natureza espacial ou temporal. Nesse particular, é possível afirmar que, num movimento reverso, a interculturalidade entre tradições e lendas predispõe os indivíduos a se assumirem de maneira que possam imprimir o seu ritmo à marcha do mundo.

2 - MATERIAIS E MÉTODOS

Na realização deste trabalho utilizam-se dezoito inquéritos pertencentes ao *corpus* do Atlas Etnolinguístico do Acre - ALAC: RB129BF, RB068CM, PC037BM, PC184CF, XA169BF, XA040CM, AB138CM, AB137CF, MU150BM, MU151CF, SM127BM, SM123CF, CS110BM, CS083CF, FE092CM, FE093CF, TA194BF, TA087CM, distribuídos entre o Vale do Acre, Juruá e Purus, sendo no total seis inquéritos para cada Vale. Faz-se um levantamento das lendas, tomando-se por base os informantes das faixas-etárias B (26-35) e C (35-80), com nove informantes do sexo feminino e nove do sexo masculino. A descrição se fez por campos semânticos, tais como: entidades de gênero masculino, feminino; protetoras dos rios; das matas; dos animais; da floresta, dentre outros.

3 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

3.1 – Um olhar sobre as lendas

A cultura popular tem como essência o imaginário, que configura uma riqueza imprescindível. É nesse campo fértil que o imaginário popular atua, revelando sentimentos que desabrocham em lendas, mitos, contos, crendices, superstições e em outras belezas que retratam a cultura de um povo.

E, nesse cenário, embora as lendas rurais ou urbanas façam parte do cotidiano brasileiro, não é tarefa simples defini-las. Na década de 1970, um folclorista, consciente desse fato, chegou a propor a involuntariamente engraçada definição de lenda como.

[...] uma história ou narrativa que pode nem mesmo ser uma história ou narrativa; ela se dá em um passado histórico recente que pode ser concebido como remoto ou anti-histórico, ou nem mesmo em um passado; ela é tida como verdadeira por alguns,

falsa por outros, e ambos ou nenhum dos dois pela maioria. (GEORGES, 1971 apud BRUNVAND, 2002, p. 112).

Revisando a tradição filológica germânica do estudo de lendas é possível identificar dois aspectos bastante recorrentes: a crença e o medo, ambos discutidos nos trabalhos de Röhrich (1988 apud DÉGH, 2001), por exemplo. Esse autor reitera a ideia de que “a lenda demanda do contador e do ouvinte a crença na verdade do que se conta”, e que as pessoas contam lendas a fim de “verbalizar ansiedades e medos e, ao explicá-los, liberar-se do poder opressivo de seus medos” (p. 37).

Elaborando de uma forma mais dialética a noção da crença associada à lenda, Gerndt (1991 apud DÉGH, 2001) postula que as lendas aspiram a ser diretamente ou indiretamente verdadeiras, bem como a informar sobre um evento passado verdadeiro, e acrescenta: “Uma história se torna uma lenda somente se for apresentada na zona intersticial entre a crença e a dúvida” (p. 38). De outra parte, a lenda demanda do contador e do ouvinte a crença na verdade daquilo que conta, no intuito de verbalizar ansiedades e medos e, ao contá-las, libertar-se do poder opressivo do medo.

As lendas, como tradições antigas, não poderiam revelar questões substancialmente diferentes, exceto pela ênfase pela crença da verdade das narrativas. Por outro lado, há a inclusão do aspecto social da transmissão e recepção das lendas, tão bem formuladas por Dorson:

Uma vez que se propõem históricas e factuais, [as lendas] devem ser associadas na mente da comunidade como algum indivíduo conhecido, marco geográfico ou episódio particular. Todos ou muitos dos membros de um dado grupo social terão ouvido falar da tradição e podem se lembrar dela de forma breve ou elaborada. Esse é de fato um dos principais testes da lenda: que ela seja conhecida por um número de pessoas unidas em sua área de residência, ocupação, nacionalidade ou crença. (DORSON, 1968 apud DÉGH, 2001, p. 43).

Outra tentativa de definir lenda está em Fine (1992), ao dizer que a lenda é

[...] uma narrativa que um contador apresenta a uma plateia no contexto de seu relacionamento. O texto é um relato de um acontecimento no qual o narrador ou um contato pessoal imediato não esteve envolvido, e é apresentado como uma proposição para a crença; não é sempre tido como verdadeiro pelo falante ou plateia, mas é apresentado como algo que poderia ter ocorrido, e é contada como se tivesse acontecido. As ocorrências são eventos notáveis do tipo dos que são supostamente ‘estranhos mas verdadeiros’. (p. 2)

Interessante observar que as lendas têm gênero, isso como forma cultural de vislumbrar a condição humana e de traduzi-la. Todavia não se pode pensar no gênero como uma força meramente conservadora. Da mesma forma em que tende a uma estabilização, essa força é submetida a contínuos deslocamentos, em virtude mesmo de sua inserção numa determinada prática sócio-histórica e culturalmente localizada (PINHEIRO, 2002), numa prática que envolve a língua, a história e os sujeitos. Essa dupla natureza do gênero, em sua força tanto de estrutura (reguladora) quanto de acontecimento (transformador), é resumida por Gregolin nos seguintes termos:

O gênero é, portanto, um operador da memória social que permite as retomadas e os deslocamentos de sentidos, que distribui papéis e institui lugares que podem ser ocupados por sujeitos historicamente situados. Assim, muito mais do que uma pura forma concluída, ele é um espaço móvel aonde se vêm encontrar o sujeito, a língua e a História. (GREGOLIN, 2005, p. 32)

A lenda é, então, um episódio heroico ou sentimental, com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitida na tradição oral popular, conservando as quatro características do conto popular: ambiguidade, persistência, oralidade e anonimato. Muitas são as lendas existentes nos países do mundo. No Brasil elas estão presentes no imaginário do povo, como são as lendas da Mãe d'Água, do Boto, Mãe da Seringueira, Pai da Mata, Caboclinho da Mata, Matinta Perêra, Muiraquitã, Uiara, Saci Pererê, Cobra Grande, Mulher de Branco, Mãe da Mata, dentre tantas outras.

4 – LENDAS ACREANAS

4.1 - Entidades protetoras dos rios

As lendas descritas a seguir foram colhidas dos inquéritos do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC. Na fala dos informantes, o texto está descrito o mais próximo da fala do Locutor (#L) e do Documentador (#D). Abaixo do fragmento das falas vem o número do inquérito onde foi extraída a lenda. Portanto, não se deve considerar “erro” gramatical a forma como se transcreve a fala dos informantes, mas um jeito de expressão das pessoas das comunidades pesquisadas. São traços dialetais.

Boto - S.M. Peixe do Rio Amazonas, transmudado em homem, e tido por incorrigível conquistador de mulheres. Torna-se caboclo alegre, forte e grande amigo das moças, nas danças. Sempre, porém, de chapéu na cabeça, para que não vejam o orifício por onde respira. Na qualidade de boto, assalta as canoas que têm mulheres grávidas. É considerado o pai de muitas crianças que nascem na região amazônica, isso porque as moças, quando engravidam, não querem contar aos pais o nome do rapaz com quem deitaram, então dizem que foi o boto. O boto seduz todas as moças que vão lavar roupa ou se banhar nos rios amazônicos. À noite, transforma-se num bonito rapaz, alto, branco, forte, caçador, bêbado. Frequenta os bailes, namora, conversa e aparece fielmente aos encontros femininos. Antes da madrugada pula na água do rio e volta a ser boto novamente. Engravidada as moças e torna-se o pai desconhecido. O boto é sempre o culpado de adultério e defloramentos, mesmo não praticando ato nenhum.

A senhora tem alguma crença ...acredita em alguma coisa misteriosa?

#L

Sim ... o meu pai sempre me falava que quem nasce no mar não tem pátria...volta para o mar... e o meu primo nasceu nas águas, quando a minha família veio do Ceará por causa da seca ... pra morar no interior de Cruzeiro do Sul ...meus tios se preocupavam muito com esse filho... mas quando ele cresceu juntamente com alguns amigos foram de canoa buscar laranja em outro local... de volta começaram uma brincadeira ... jogando a laranja na água e gritando ...galinha gorda ou magra, cozida ou assada... quem pega ... todos pularam na água para pegar a laranja... meu primo pulou também acompanhando os amigos... foi a última vez ... pois nunca mais apareceu...encantou-se num boto e todas às vezes que sua irmã viajava de uNa localidade para ôtra um boto seguia a canoa até muito longe... o Cacique da aldeia ensinou ao meu tio como fazer para desencantar o menino mas o meu tio tinha muita dificuldade em acreditar nessas coisa e nunca se interessou de fazer o que o índio lhe ensinou ...por isso nunca desencantou o filho que é boto inté hoje... (RB201CF)

Mãe d'Água – S.F. A Mãe d'Água é uma sereia dos rios, lagos e igarapés da Amazônia. Ela habita os lugares mais profundos das correntezas. Há uma crença, em meio aos pescadores, que a mãe d'água faz desaparecer embarcações e seus tripulantes, vivendo com os que mais lhe agradam, dando-lhes, depois, a

liberdade, com muita riqueza. Todo pescador amazônico conta histórias de moços que cederam aos encantos da bela Mãe d'Água e terminaram afogados de paixão. Ela deixa a casa no fundo das águas, no fim da tarde, surge magnífica, cabelos longos enfeitados de flores vermelhas. É moça linda, toda perfeita e aparece como uma mulher completa, com encantos e sedução. Quando a Mãe d'águas canta, hipnotiza os pescadores. Um deles foi o índio tapuia. Numa tarde, quase morto de saudade, fugiu da aldeia e remou na sua canoa rio abaixo. A encantadora jovem já o esperava cantando a música das núpcias. Tapuia se jogou no rio e sumiu num mergulho, carregado pelas mãos da noiva. Uns dizem que naquela noite houve festa no chão das águas e que foram felizes para sempre. Outros dizem que na semana seguinte a insaciável Mãe d'Água voltou para levar outra vítima.

#D

quais as entidades que existem ... a senhora acredita na Mãe d'Água ?

#L

ó ... a Mãe d'Água assim seis hora da tarde ... a gente vê ela ... lá na () bateno na tauba ... menino pequeno num pode í seis hora ... que ... que ela qué levá o menino

(XA019CF)**Cobra Grande** - S.F. A mais conhecida entre as lendas do folclore amazônico. Conta a lenda que numa tribo indígena da Amazônia, uma índia, grávida da Boiúna (Cobra-grande, Sucuri), deu à luz a duas crianças gêmeas que na verdade eram Cobras. Um menino, que recebeu o nome de Honorato ou Nonato, e uma menina, chamada de Maria. Para ficar livre dos filhos, a mãe jogou as duas crianças no rio. Lá no rio eles, como cobras, se criaram. Honorato era Bom, mas sua irmã era muito perversa. Prejudicava os outros animais e também às pessoas. Eram tantas as maldades praticadas por ela que Honorato acabou por matá-la para pôr fim às suas perversidades. Honorato, em algumas noites de luar, perdia o seu encanto e adquiria a forma humana, transformando-se em um belo rapaz, deixando as águas para levar uma vida normal na terra. Para que se quebrasse o encanto de Honorato era preciso que alguém tivesse muita coragem para derramar leite na boca da enorme cobra, e fazer um ferimento na cabeça até sair sangue. Ninguém tinha coragem de enfrentar o enorme monstro. Até que um dia um soldado de Cametá (município do Pará) conseguiu libertar Honorato da maldição. Ele deixou de ser cobra d'água para viver na terra com sua família. Origem:

lenda da região Norte do Brasil, Pará, Acre e Amazonas. O mesmo que Cobrazona.

#L

é ... é perigoso ... o serviço da seringa é perigoso ... é perigoso
uNa cobra mordê e ele num vim nem em casa mais ... morrê lá
mermo ... porque tem muita cobra valente ... tem cobra grande
que se você tá como daqui aquela menina ... ela corre atrás da
gente ... atenta...

(CS084AM)

Cobrazona - S.F. O mesmo que Cobra-Grande. Diz-se de uma cobra de grande porte, encontrada em rio fundo que, segundo o seringueiro, encantou-se com um cavalo que caiu no rio e a mesma o matou; assim a cobra ficou com a cabeça de cavalo e corpo de cobra.

#L

(...) aí diz que viNa desceno um batelão lá na nôte aí escutô
aquele rinchá... aí quaNo focô era uNa cobra... uNa cobra bem
grandona... com a cabeça de cavalo... ainda hoje vive lá... é um
de cavalo... ainda hoje vive lá... é um de cavalo... hoje vive lá...
é um poçoção... a coisa mais horrivo malassombrado...
ninguém passa por lá de nôte... dessa cobra que se encantô-se
com o cavalo e virô-se um cavalo... a cobrazona... o pessoal
conta né que existe lá... eu teNo medo de passá lá no poço
donde eu morava...

(PC182AF)

4.2- Entidades protetoras da floresta

Mapinguari – S.M. Bras. Amaz. Enorme homem todo peludo que muito se aproxima de um grande macaco, só que possuindo um olho no meio da testa e uma grande boca, que se estende até a barriga na direção do umbigo. Para uns, ele é realmente coberto de pelos, porém usa armadura feita de casco de tartaruga. Para outros, a sua pele é igual ao couro do jacaré. Há quem diga que seus pés têm formato de uma mão de pilão. Eis, em síntese, a descrição Mapinguari, ente fantástico a povoar a região amazônica e a imaginação dos caboclos e demais interioranos que nela habitam. Segundo contam, ao andar pelas selvas, emite grito semelhante ao dado pelos caçadores. Se um deles se encontra perto,

pensando que é outro caçador e vai ao seu encontro, acaba perdendo a vida: o Mapinguari devora-o, começando pela cabeça. Contam também histórias de grandes combates entre o Mapinguari e valentes caçadores, porém o Mapinguari sempre leva vantagem e os caçadores felizardos que conseguem sobreviver muitas vezes lamentam a sorte: ficam aleijados ou com terríveis marcas no corpo para o resto de suas vidas. Há quem diga que o Mapinguari só anda pelas florestas de dia, guardando a noite para dormir. Quando volteia pelas selvas, vai gritando e quebrando galhos e derrubando árvores, deixando um rastro de destruição. Relatos outros informam que ele só aparece nos dias santos e feriados. É protetor das árvores e dos animais.

D

Já viu o Mapinguari?

#L

O Mapinguari ... eu já vi ele é bicho peludo ... feio... (...) por que ... a mamãe contava ... que diz qu'ele passava ... passava assim ((gesto indicando a distância que o Mapinguari passava da pessoa)) ... a rente via ... ((barulho de crianças)) tem o grito dele num sabe ... o grito ... ele ... é ele ... num ... o pessoal qué matá ele ... mair num pode matá porque diz que só tem ... só atira se fô na testa ... ele é chêi de casco ... chêi de casco ... aí ... só ... só mata ele se fô um tiro na testa ...

(XA019CF)

#L

rapaize ... as história que tiNa antigamente era só de onça ... de Mapinguari ... bicho feroz que pegava as mulhere ... que pegava os home nas mata ... era ... aí é só isso mermo que eu ... que eu teNo que dizé ... eu já não ... que eu sei assim ... que eu vejo já os mais velho contá ... mais eu mermo alcançá ... num alcancei não ... já os meus o ... o ... as mais velha mermo ... as pessoa já idosa de idade ... tudo eles conta isso ... aí já é caso da gente ficá até pensano impressionado ... porque ... prestano atenção é caso da gente ficá impressionado mermo com o que eles conta

(RB016BF)

#L

o Mapinguari come gente ... come ... ele carrega dois home debáxo do braço ... aí se ajuntô-se ... meu pai contô ... que juntô-se cinquenta home ... do patrão ... foro atrás ... chegaro lá ... foro pelo rasto dele ... que o rasto dele é como mão de pilÃo ((gestos)) ... o rasto dele é como uNa mão de pilÃo ... aí

o papai disse que aquele cinquenta home tomaro ... aí viro o buraco assim ((gestos)) ... nuNa terra bem alta
... come ... ele come ... o Mapinguari come ... aí o papai disse que ajuntaro a palha de jaci e butaro na boca do buraco disse ... óia quano nós tocá fogo ... ramo tocá fogo nessas palha ... na hora que ele saí nós atira cinquenta rife ... quando deu fé ... que o fogo levantô lá o Mapinguari torô ... eles toraro na bala ... pa ... pa ... pa ... pa ... pa ... até que um acertô ... que o papai disse que só tem um olho aqui no mei da testa... mataro ... que é uNa fera o Mapinguari ... o Mapinguari ... onde tem colocação ele acaba c'um seringuêro ...
(MU153CM)

Mãe da Mata - S.F. Bras. Amaz. É um ente fantástico criado pela fantasia do povo e que manda em todas as plantas e em todos os animais da floresta. Assim, é guardiã da floresta, dos animais e também protetora daqueles que sabem se relacionar com a natureza, utilizando-a apenas para a sua sobrevivência, ou seja, o homem que derruba árvores para construir sua casa e seus utensílios, ou ainda para fazer o seu roçado e caça apenas para alimentar-se, tem a proteção do Curupira. Mas aqueles que derrubam a mata sem necessidade, os que maltratam plantas e animais, os que caçam por pura perversidade, estes tem na Mãe da Mata uma terrível inimiga. E como a Mãe da Mata se vinga daqueles que afrontam a natureza? Há muitas maneiras diferentes e os povos da floresta contam histórias e mais histórias... Dizem que a Mãe da Mata faz o caçador perder a noção de rumo e ficar dando voltas no mato, retornando sempre ao mesmo lugar. Para escapar e salvar-se, só pegando um cipó no mato, fazendo um trançado, escondendo as pontas, jogando para trás sem olhar e gritando: Mãe da Mata, quero ver se és capaz de desfazer este trançado! Diante do desafio, a Mãe da Mata vai pegar o cipó entrelaçado e acaba distraindo sua atenção do caçador, que acaba achando o caminho de volta. Outra forma de atingir o malvado caçador é fazendo com que sua arma (espingarda ou rifle) fique "panema", ou seja, azarada e, portanto, incapaz de acertar qualquer tipo de alvo, principalmente a caça. Para acabar com a "panemice" (o azar), a pessoa terá que procurar um pajé que irá fazer banhos de ervas e rezar orações especiais. Se o caçador vai matar um animal fêmea, com cria, aí a Mãe da Mata fica realmente zangada e faz com que a pretença caça vire "meuã". Virar "meuã" é, de repente, portar-se como se gente fosse, e fazendo os gestos como implorar piedade. Neste momento, o caçador fica assombrado, não consegue mais fazer pontaria e foge apavorado, procurando o rumo de casa.

D

Tem a Mãe da Mata...

#L

(...) pra mim até agora não tem não ... se tem eu ainda não vi ... eu não posso dizê uNa coisa que não conheço ... que não vi ... não posso dizê ... falam em Mapinguari ... e Pé de Ôriço e essas coisas ... mais o Pé de Ôriço que conheço é só somente castanhêra ... mais essas coisas do meu conhecimento eu sempre digo que não tem ... porque eu num vi ... eu vivo a trinta e tantos ano posso dizê na MATA :... e nunca vi essas coisa ...bom ... a Mãe da Mata eu ... eu sei que tiNa a Mãe da Mata mas eu nunca vi ela não

(PC014BM)

#D

A Mãe da Mata... a senhora já ouviu falar ?

#L

é a Mãe da Mata que faiz medo ao povo né ...

#D

dizem que a Mãe da Mata protege ... mas tem algum que a senhora já ouviu falar que faz medo aos seringueiros ... eles temem quando vão para a floresta ?

a senhora não conhece a Mãe da Mata ?

#L

conheço não ... eu ôço falá na Mãe da Mata ... Mãe da Seringuêra (TA088CF)

#L

né ... o Caboquim da Mata ...esse eu já vi ele né ... eu já vi um Caboquim desse tamaiNo ((gestos))

#D

pequenininho?

#L

hum ... agora é valente o bicho que só ele ... eu já vi ele ... faiz negócio com ele ... pra limpá caça ... e tudo esse eu já vi ele né ... eu já vi um Caboquim desse tamaiNo ((gestos))

(XA013AM)

Mãe da Seringueira – S.F. Entidade sobrenatural descrita pelo seringueiro como uma velha que cuida da seringueira, sendo contra aqueles que dela maltratam cortando a madeira, de forma profunda e criminosa, sangrando-a até a morte. É uma senhora de avançada idade e tem as pernas cheias de cortes, que simulam aqueles dados nas seringueiras.

#D

o senhor já ouviu falar na Mãe da Seringueira e na Mãe da Mata ?

#L

é ... eu já ôvi falá ... Mãe da Seringuêra ... Mãe da Mata ... mais e
eu mermo nunca vi não

(RB186BM)

#L

diz que ela é bem gorda ... bem buchudona tem o cabelão ... aí
quano a gente vai ... que ela vai fazê visão diz que quano ...
sempre ela gosta de ... de vim quano o cara tá no rodo da
estrada ... é na metade né ... que se fô duzentas madêra aí você
tá nas cem ... é no rodo da estrada né ... aí diz que começa vim
aquele TEMPORAL que vem arrebetano tudo ... aí diz que
vem ... vem ... quano é pa chegá aonde a gente tá aí diz que se
acaba tudo ... aí diz que a pessoa se arrebia ... é ... diz que
aquelas pessoa que tem corage de falá aí fala com ela né ... aí
faiz aquela pauta pa tirá leite com ela né ... é ... um trato né ...
que eles chama pauta com ela né ... aí ela pergunta se o cara
qué o leite na boca da estrada ... aí ele sai de madrugada pa
cortá ... como que ele deu os dois rodo na estrada né e num dá
... ele só fica no rodo da estrada esperano o leite ... mais só que
ele num pode ficá no canto que ela trata pa esperá o leite ... ele
num pode ficá porque quano ela vem se ele tivé vendo aí num
... é quebrado o ... a pauta muita gente faiz a pauta com
ela né passa a tê mais leite ali em quantidade que ela tratá
... deiz lata ou quinze ou vinte né ... aí só que ele num pode vê
quano ela vem porque se ele vê ... diz que se assombra né ...

o meu irmão ... o meu irmão era seringuêro ... o meu irmão era
seringuêro ... um dia ele contô pra mim que chegô na Estrada
do Oito ... essa estrada eu cortei ela deiz ano ... mais nunca vi
nada ... ele foi cortá ... disse que chegô n'uNa madêra grossa ...
tarra uNa mulhé ... a mulhé olhando pa tigela ... aí ele foi
tomando chegada ... arroteô a madêra ... sumiu essa mulhé ...
disse que dessa grossura era a Mãe da Seringuêra né ((vozes))

(MU153CM)

Pai da Mata – S.M. Entidade lendária temida por seringueiros.
Protege homens e animais, cuidando para que vivam em
harmonia na floresta. Quando enfurecido pode punir os
homens que maltratam as matas e os animais sem necessidade.
Dizem que é um ser veloz e anda montado num porquinho do

mato. Os índios, para agradá-lo, deixavam, nas clareiras, penas, esteiras e cobertores. De acordo com a crença, ao entrar na mata, a pessoa deve levar um Rolo de Fumo para agradá-lo, no caso de cruzar com Ele.

#L

(...) assim que protege a floresta ... a gente chama ... assim no nosso modo de falá a gente chama é ... o Pai da Mata
(AB141BM)

#L

a miNa mãe se casô-se com um home que ele ... ele ... ele quano ele era só rapaiz ele foi dá uNa caçada ... aí ele matô muita caça ... aí ele num pode trazê ... aí o Pai da Mata pegô ele quase que mata ... Pai da Caça

bateu nele de pau ... ele lá mermo ele ficô ... quano foi no ôto dia ele tava melhó ... foi embora ... aí chegô lá e foi lá na casa da mãe ... que nesse tempo a mãe era namorada dele ... a mãe era soltêra ... aí a mãe foi ... ele foi casô ... saiu pa mage mais a mãe aí se casaro ... aí viero morá po cento

(MU162AF)

#L

a miNa mãe se casô-se com um home que ele ... ele ... ele quano ele era só rapaiz ele foi dá uNa caçada ... aí ele matô muita caça ... aí ele num pode trazê ... aí o Pai da Mata pegô ele quase que mata ... Pai da Caça ... bateu nele de pau ... ele lá mermo ele ficô ... quano foi no ôto dia ele tava melhó ... foi embora ... aí chegô lá e foi lá na casa da mãe ... que nesse tempo a mãe era namorada dele ... a mãe era soltêra ... aí a mãe foi ... ele foi casô ... saiu pa mage mais a mãe aí se casaro ... aí viero morá po cento ...

(MU162AF)

Velha da Mata – S.F. Entidade poderosa que protege as seringueiras para que elas não sejam maltratadas durante o corte. Contam às pessoas que o sujeito que corta com muita profundidade as árvores, ele é punido. Isso porque a Velha da Mata tem o poder de fazer aumentar ou diminuir o leite das árvores. Quem faz acordo com ela para tirar muito leite, depois terá que abandonar a vida da seringa, do contrário ela castiga, faz a pessoa ficar louca e se perder na mata para sempre.

#L

É uma velha de perna retalhada... Existe essa velha da mata que as pernas é uma chaga só e é nós que faiz aquele estrago na perna dela... Sim é Mãe da Seringuêra

(XA011BM)

#D

como é essa história senhor Danilo?

#L

é um caso d'um cara que vei ele do Ceará ... ele cearense né ... ele veio pra Amazônia cortá seringá ... e ele gostava de dormí muito ... então a seringuêra pra se trabalhá com a seringá tem que se acordá cedo ... tem que levantá cedo e partí ... que quatro hora da tarde já não dá mais nada porque o ar se esquenta né ...esquenta mesmo ...

D

sei

#L

ái o cearense gostava de dormi né ... aquilo ali dificilmente ... mas a gente saía toda noite mas reclamando que nem ... se por acaso pagasse aquela conta dele num dia jurava que nunca mais né ... cortava seringá no dia da vida dele ... ia embora e não voltava mais ... aí ele reclamava ... todo dia de boca a boca da estrada ... até que um dia ele saiu muito cedo da noite ... quando ele chegô pelo meno no rôdo da estrada né ele escutô um gemido pra frente ... ele seguiu né ... mei desassombrado né ... chegô e tava uNa velha sentada no pé da seringuêra né ... com as pernas que tava descendo aquele mel ... e aí a velha viu ele e tentô tomá o aparelho que ele trazia que era a faca de cortá seringá ... aí ele não deu né ... aí foram lá e viero cá ... aí a velha ... hi : porque a seNora tá com as perna desse jeito ... aí ... ela falô assim ... isso é vocês ... vocês corta essa arvre aí ... tão cortando a minha perna ... isso tudo são vocês que são perverso ... ele disse é porque a gente corta e não ganha nada nessa joça ... ela disse : OLHA se Deus quisé ocê vai ... cê me promete que nunca mais ... se ganhá muito dinhêro ... pagá suas conta ... e ganhá muito e tê um saldo e í embora pa sua terra e nunca mais voltá aqui ... pra me cortá ... ele disse GARANTO ... pois da manhã em diante você só corta três madêra lá na boca da estrada ... ele cortava duzentas madêra que tiNa poquiNo leite ... disse eu já num tiro nada ... cortando duzentas madêra ... cortando só três porque que eu vô tirá né ...

D
sei ...

L

aí ela deu o podê :... disse hoje você corte todas mais amanhã
você corte só três madêra que você num carrega o leite da
estrada ... aí trôxe uNas latas de querosene assim né ... vazia de
querosene né ... rapaiz cê acredita que em veiz de só tirá uNa
lata ele tirô cinco lata de querosene ... esse vaso de querosene
né ... cinco lata daquele leite ... três lata por seringa ... e daí
cresceu ... pagô a conta dele todîNa no barracão ... aí entrô em
saldo ... quando foi no fim do ano ... ele acertô a conta com o
patrão e foi embora ... e fez uNa jura pra nunca aparecê no
mato aí lá ... por lá donde ele estava no Ceará dele ... entrô
em decadência e gastô o dinhêro todim que tinha ganho ... o
dito patrão dele sempre permanecia passava por lá e tudo mais
... aí ele vai um belo dia encontra o patrão ... que ele tinha
trabalhado ... aí rapaiz antes dele saí essa colocação pegô um
nome ... todo mundo queria a colocação pa cortá nela ... o cara
que fazia mais borracha meu irmão né ... cortava só três
madêra ... aí todo mundo queria a colocação ... aí quando ele
saiu ... aí os invejosos foram pra lá né ... foram cortá lá e não
fizeram foi nada () aí aconteceu que ele encontrô o patrão lá
no Ceará ... aí rapaiz vende a colocação ... olhe ele lembrou-se
... lembrou-se ... rapaiz deu leite ... deu borracha naquele tempo
que você trabalhava lá ... depois entrô um lá e não fez mais
nada ... aí ele disse patrão se o seNô me arranja aquela dita
colocação eu volto pra seringa lá com o seNô ... me abona um
dinhêro ... aí o patrão sabia qu'ele era seringuêro mermo ... aí
só fez metê a mão no bolso e deu o diNêro pra ele ... aí ele vei
junto com o patrão pra amazônia ... chegô lá foi direto pra
colocação onde ele trabalhô ... aí ele foi direto para lá ... no
primêro dia de corte ele saiu meia noite pra lida onde ele tiNa
encontrado com a veia ... quando chegô a veia tava sentada ...
tava sentada e disse ... aí rapaiz o que você vei fazê aqui ... aí
ele contô a situação ... tinha vindo cortá novamente ... aí a veia
disse eu lhe avisei se por acaso ocê voltasse a cortá seringa
aqui novamente ocê ia se dá mal ... aí ela levantô e só deu um
grito no pé do ouvido de dele assim ((gestos)) ... nunca mais
ele acertô o rumo de casa

#D

deu o quê ... a velha ?

#L

ela deu um grito no pé do ouvido dele ... aí ele ficou louco ... ele
ficô doido ... perdeu-se na mata e nunca mais apareceu ...
porque ele teimô né ...

(XA011BM)

Caboclinho da Mata – S.M. Entidade lendária protetora da floresta e dos animais. Contam os seringueiros amazônicos que o Caboclinho da Mata não permite que um seringueiro atire em um animal e deixe-o sofrendo. Quando isso ocorre, ele se aproxima e dá uma surra na pessoa, deixando-a roxa, para que nunca mais volte a atirar nos animais sem matá-los. O Caboclinho é um personagem da floresta que tem o poder de atrapalhar a vida dos seringueiros e dos caçadores que perseguem os animais. Há, entre o povo, a crença em dizer que quando um projeto sai errado foi culpa do Caboclinho. Dizem ser uma lenda de origem tupi. Contam que o Caboclinho é um índiozinho pequeno, de pele escura. Outros dizem ser um índio velho que, ao morrer, vira Caboclinho. Modo geral é um personagem descrito como a imagem de uma criança, cabelos longos e lisos. Personagem das florestas que tem o poder de atrapalhar os negócios de quem o vê. Quando um projeto sai errado dizem que a pessoa viu o Caboclinho.

#L

ele é assim na visão d'um home ... ele só anda a cavalo nas caça
... é ... diz que é na visão d'um home mermo ... ele é assim na
visão d'um home ... só que ele ... muitos diz que ele parece com
home mais num é muito não sabe ... então aquele ali é um
caboquim ... o dono das caça ... é ôto também que se quisé
pauta com ele também mata caça todo dia se quisé ... pequeno
... ele anda a cavalo nas caça ... no veado ... não ... a gente vê
assim no livro que ele num é nem moreno nem branco ... assim
uNa cô normal ... nos livro que a gente vê ... porque ele é ôto
também ... o pessoal diz que se fizé pauta com ele e fô
descuberto também num se dá bem ... então essas coisa assim
sempre ... diz que quano a pessoa faiz aquele pacto com ele que
aí num cumpre ... diz que ele bate na pessoa ... mais diz que a
pessoa num vê ele ... só sente quano ele bate

(AB142BF)

é isso aí ... rapaiz tive tanta coisa de fazê pa me livrá dele ... do Caboquim no meio da mata né ... mas parece que você também já escutô... agora que eu nunca me assombrei porque eu sei quem é o Caboquim da Mata né ... ele é bom ... ele não assombra ninguém não ... a gente faz negócio com ele ... pra caça ... o pêxe ... esse eu já vi ele né ... eu já vi um Caboquim desse tamaiNo ((gestos)) ... hum ... agora é valente o bicho que só ele ... eu já vi ele ... faiz negócio com ele ... pra limpá caça ... e tudo isso eu já vi ele né ... eu já vi um Caboquim desse tamaiNo ((gestos))
(RB017CM)

4.3- Entidades protetoras dos animais

Caboquim – S.M. Entidade lendária temida pelo seringueiro. Diz a lenda que o Caboclinho protege a caça. Variação de Caboclinho da Mata.

(...) quem protege a caça é o Caboquim

(PC007BF)esse eu já vi e né... eu já vi um caboquim desse tamainho (...)

hum... agora ele é valente o bicho que só ele... eu já vi ele... faz negócio com ele... pra limpá caça e tudo

(RB068CM)

(...) bem o CaboquiNo da mMata esse aí e o chefe da caça...

variação de Caboclinho da Mata.

(PC008CF)

#L

ele é assim na visão d'um home ... ele só anda a cavalo nas caça ... é ... diz que é na visão d'um home mermo ... ele é assim na visão d'um home ... só que ele ... muitos diz que ele parece com home mais num é muito não sabe ... então aquele ali é um caboquim ... o dono das caça ... é também que se quisé pauta com ele também mata caça todo dia se quisé ... pequeno ... ele anda a cavalo nas caça ... no veado ... não ... a gente vê assim no livro que ele num é nem moreno nem branco ... assim uNa cô normal ... nos livro que a gente vê ... porque ele é ôto também ... o pessoal diz que se fizé pauta com ele e fô descoberto também num se dá bem ... então essas coisa assim sempre ... diz que quano a pessoa faiz aquele pacto com ele que aí num cumpre ... diz que ele bate na pessoa ... mais diz que a pessoa num vê ele ... só sente quano ele bate

(AB142BF)

é isso aí ... rapaiz tive tanta coisa de fazê pa me livrá dele ... do Caboquim no meio da mata né ... mas parece que você também

já escutô não já ... já ouvi tantas estóra do Caboquim ... agora que ele nunca me assombrei porque eu sei quem é o Caboquim da Mata né ... ele é bom ... ele não assombra ninguém não ... a gente faz negócio com ele ... pra caça ... o pêxe ... esse eu já vi ele né ... eu já vi um Caboquim desse tamaiNo ((gestos)) ... hum ... agora é valente o bicho que só ele ... eu já vi ele ... faiz negócio com ele ... pra limpá caça ... e tudo isso eu já vi ele né ... eu já vi um Caboquim desse tamaiNo ((gestos))

(RB017CM)

#L

... do Caboquim da Mata só o qu'eu sei contá é : é isso né ... negócio de a rente ... pessoas baliá a caça e í embora e ele ajudiá ou então faiz medo a pessoa ... num mata a caça aqueles tempo né

(XA011BM)

ah ... o Caboquim da Mata também ... diz que açoita os cachorro e encanta qualqué uNa pessoa também ... e ... esse Caboquim ... se vai uNa pessoa caçá ... aí leva um cachorro ... ele pega o cachorro ... aí MEte a pêa no cachorro ... mete a pêa no cachorro ... de longe o seringuêro vê é o:... a zuada do cachorro ... aí o cachorro se solta e corre ...

(XA019CF)

Mãe da Caça - S.F. Entidade lendária protetora dos animais. Dizem os seringueiros que é índia velha muito sábia. Ela não permite que os seringueiros maltratam os animais. Se isso acontece, os seringueiros são castigados com uma “panema” muito grande, que dura muitos meses, até o dia em que eles são perdoados pela Mãe da Caça, ocasião que vão caçar e já matam algum animal, pois o perdão faz com que a panema vá embora.

#D

O senhor conhece a Mãe da Caça?

A Mãe da Caça e da Seringuêra eu já vi ... é um Caboquim pequeninim ... é um caboco ... esse eu já vi ... é um caboco ... esse eu já vi ...é um Caboquim pequeninim ... ele anda montado em cima do animal né dele ... é um veado ... conversa com a pessoa ... teno coragem de conversá com ele ... agora eu não teNo não ...

(PC014BM)

(...) é um Caboquim pequeninim

(RB068CM)

Caipora - S. M. Bras. Ente fantástico oriundo da mitologia tupi, representado, segundo relato dos seringueiros, em forma de mulher, com um único pé. Anda aos saltos ou montada em um porco do mato. Quando caminha deixa um rastro na forma de um ouriço, para enganar os seringueiros. Essa entidade leva as caças de um lugar para o outro, na mata. Negocia caça por fumo, com os seringueiros. E quando eles não o atende, o Caipora leva as caças para o lado oposto em que o caçador se encontra. Assim, ele é obrigado a negociar com o Caipora, se não quiser morrer de fome. Variação do Pé de Ôriço.

#D

Conhece a Caipora?

#L

é ... o que eu coiNeço é ... tem o Caboquim ... tem uma tal de Caipora né ... essas coisa eu coNeço sim...

tem a Mãe da Seringuêra ... Caipora diz que é ... é a dona dos bicho né ... das caça assim do mato

tem essa Caipora e tem o Caboquim né ... que são dois chefe ... dois dono dos animaise ... eles conto que tempo os animal tão p'rum lado da mata ... e ôtro tempo tão pro ôtro né ... aí dizem que é eles que arretiram né ... daquela parte da mata e bota pra ôtra

#D

eles quem ?

#L

o Caboquim e o ... e a Caipora né ... que faiz isso

Mão de Pilão - S.F. Entidade lendária, na qual o seringueiro crê, defensora dos animais. Pisa com um pé, em forma de mão de pilão, daí a origem do nome. Não é personagem muito conhecida nas regiões da pesquisa, figura, apenas, no Vale do Purus. Dizem ser um caboclo velho que cuida das caças, para que elas não se acabem. Não castiga as pessoas, apenas faz um rastro diferente para que os seringueiros não encontrem as caças, fazendo desaparecer os rastros dos animais pisando em cima deles. Os seringueiros ficam confusos e não encontram as caças.

(...) é a Mão de Pilão né (...) não... eu chamo de Mão de Pilão...
isso é... ele pisa um pé aqui ... ôtro aculá e sai gritando né
((imitando os gritos aí desaba))

(RB068CM)

#D

o quê é Mão de Pilão ?

#L

é um bicho feo... é ôta fera ... diz que num pega a gente né ... mai
é uNa fera que a mão dele diz que é que nem a mão de pilão ...
diz que tem a Mão de Pilão

#D

dizem que tem um menininho com a perna quebrada ... o senhor
já ouviu falar?

#L

Sim ...sim é virado índio veio..... eu chamo ele de Mão de Pilão
... isso é ... ele pisa um pé aqui ôtro acolá e sai gritano NE ...
tem assim po Baixo Purus ... pra lá enxiste Mapinguari ... mais
pra cá num enxiste não ... porque pra cá tem ... tem o quê ... pra
cá tem ... taboca... pra lá num tem taboca né... pra lá num tem
taboca né ... pra lá ... enxiste isso porque ele não pode passa
debáxo de cipoal

(RB017CM)

4. 4 - Entidades de mau agouro

Matinta Pereira - S.F. Ave de vida misteriosa e cujo assobio nunca se sabe de onde vem. Dizem que ela é o Saci Pererê em uma de suas formas. Também assume a forma de uma velha vestida de preto, com o rosto parcialmente coberto. Prefere sair nas noites escuras, sem lua. Quando vê alguma pessoa sozinha, ela dá um assobio ou grito estridente, cujo som lembra a palavra: "Matinta Perêra". Para se descobrir quem é a Matinta Perêra, a pessoa ao ouvir o seu grito ou assobio deve convidá-la para vir à sua casa pela manhã para tomar café. No dia seguinte, a primeira pessoa que chegar pedindo café ou fumo é a Matinta Perêra. Acredita-se que ela, possua poderes sobrenaturais e que seus feitiços possam causar dores ou doenças nas pessoas. Matinta Perera, também conhecida como mati, mati-pererê. Ela é tida como agourenta. Quando canta nas horas mortas da noite, quem está dentro de casa deve dizer: "Matinta, amanhã podes vir buscar tabaco" (fumo). Essa é a forma de evitar que alguém morra. Há seringueiros que dizem que já tiveram a infeliz experiência de se deparar com a visagem dentro do mato. A maioria a descreve como uma mulher velha com os cabelos completamente despenteados e que tem o corpo suspenso, flutuando no ar com os braços erguidos. Ao ver uma Matinta, dizem os experientes, não se consegue mover um

músculo seque. A pessoa fica tão assustada que fica completamente imóvel, paralisada de pavor.

#L

(...) ela gritava disse que ... que gritano a Matinta ... a ela dizia que era ruim a Matinta-Perêra cantá ...assim era ruim ... num sei ... eu num sei por que era ruim ...
(AB019CF)

Rasga Mortalha - S.F. Entidade portadora de notícia ruim e muito temida pela comunidade amazônica. Dizem ser uma velha feia, com roupas de trapos, portadora de presságio da morte. Aparece disfarçada em uma ave de dorso escuro, com manchas e estrias amarelas, cabeça preta, com linha mediana e sobrancelha amarelada, rêmiges escuras, uniformes, e lado ventral claro. Frequenta os brejos e se alimenta de artrópodes e outros invertebrados. É animal temido pelos seringueiros por que o seu canto anuncia desgraça. Quando a Rasga Mortalha passa por cima de uma casa, significa dizer que ali alguém vai morrer. Os seringueiros têm pavor do canto da Rasga Mortalha.

#L

(...) é passo agôrento ... nós inté tem medo quano ele canta ... ninguém dorme porque sabe que vai morrê uma pessoa da gente... é uma veia tan fea que dá medo e quem já viu ela num fico vivo pra dizer o retrato dela...
(TA78CF)

(...) vixe Maria ... nós inté faiz o sinal da cruz quano essa bicha... essa tal de Rasga Mortalha canta perto da casa da gente... cruz credo ... cruz credo... leve ela pra longe ... pro brejo de onde saiu... é animal fei e agorento que Deus me live dele... Jesus e Marai Santíssima...(CS102CM)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

.....*Lendas Acreanas* apresenta um conjunto de crenças, que são transmitidas de geração em geração, garantindo a construção da cultura popular. Assim, o folclore, como expressão do povo, faz parte de sua riqueza cultural e, portanto, está inserido no patrimônio cultural de cada lugar. Aqui no Acre não é diferente. Por isso, analisando as lendas regionais, como, por exemplo, a lenda do Boto e da Mãe d'Água, percebe-se que no paraíso amazônico quase tudo é possível, a comunhão da mulher com a natureza é tão intensa que um estrato de sua psique pode, facilmente, projetar-se nas águas e esperar dali a vinda do amante sensual.

E a lenda do Boto, o príncipe encantado das águas, assume uma feição especial, pois integra, ao mesmo tempo, o onírico e o concreto. Do imaginário para o real, os "filhos de boto" estão aí, pelos beiradões, a perpetuar uma raça mística, na qual não há distinção entre homens e deuses.

O peixe está simbolizando a água, o elemento que circundeia a vida na região. Então, ele transforma-se em homem e atinge o estado de manifestação dos poderes secretos, trazidos das profundezas do seu elemento. O peixe também é símbolo da vida e da fecundidade, em vista da sua prodigiosa faculdade de reprodução e do número infinito dos seus ovos.

6.1 - Gênero das lendas descritas

O estudo aqui apresentado descreve 20 lendas. Delas, 13 são do gênero masculino e 07 do gênero feminino. Algumas entidades são protetoras, defensoras da floresta, animais; outras possuem um caráter erótico e afetivo, como a lenda do Boto, que guarda estreita relação com o temperamento sensual do habitante nativo da região que, inclusive, utiliza as partes do animal para fazer amuletos.

Ressalte-se, ainda, que o olho de boto, assim como o órgão sexual do boto fêmea é muito requisitado por curandeiros e feiticeiros, e tido como matéria-prima de amuletos de incrível eficácia em casos amorosos. Enfim, este ente saído do mundo interior, o mundo que na lenda está simbolizado pelas águas dos rios, tem o poder de suplantar a realidade consciente, porque faz parte de um mundo mágico e telúrico, que foge à dimensão acanhada do mundo real e no qual ainda é possível viver o sonho e ser feliz.

6.2 - Lendas catalogadas e não catalogadas, segundo Aurélio Buarque

Algumas lendas estão catalogadas no dicionário Aurélio, tais como a do Boto, Mãe d'Água, Cobra Grande, Mapinguari, Mãe da Mata, Matinta Perêra, Rasga Mortalha, Caipora; Outras não catalogadas, como: Mãe da Seringueira, Cobrazona, Pai da Mata, Velha da Mata, Caboquim, Caboquim da Mata, Caboclinho da Mata, Mãe da Caça, Mão de Pilão, Pé de Burro, Batedô, Pai da Caça.

Do total de 20 lendas apenas 07 estão catalogadas. Isso significa dizer que o presente estudo contribui com a descrição de 13 lendas regionais que não constam no dicionário geral de Aurélio Buarque de Holanda e nem no Dicionário de Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo.

De outra parte, a descrição revela a fertilidade do imaginário amazônico, no campo das lendas, com personagens defensores dos rios, lagos, floresta, animais. A comunidade deve viver harmonizada com essas entidades. Todas elas têm um caráter didático, ou seja, elas disciplinam o modo de vida na região.

6.3 - Lendas catalogadas e não catalogadas, segundo Câmara Cascudo

No cotejo do dicionário de Câmara Cascudo, dentre as 20 lendas descritas 10 estão catalogadas: Boto, Mãe d'Água, Cobra Grande, Mapinguari, Mãe da Mata, Matinta Perêra, Rasga Mortalha, Caipora, Mãe da Seringueira, Pai da Mata; e outras 10 não catalogadas: Velha da Mata, Pai da Mata, Caboquim, Caboquim da Mata, Caboclinho da Mata, Mãe da Caça, Mão de Pilão, Pé de Burro, Batedô, Cobrazona.

Essa lacuna vem apontar que uma língua histórica, de cultura - como a língua portuguesa - é um supersistema (conjunto de sistemas e subsistemas) que apresenta enorme complexidade, o que torna, por sua vez, complexo o trabalho dos que se dedicam a analisá-la global ou parcialmente, como aqui se faz na descrição da oralidade acreana.

Assim, ao concluir, por agora, pode-se dizer que a investigação aqui realizada abre horizontes para pesquisadores interessados nesse campo de estudo tão rico que é a linguagem acreana no aspecto de lendas, tradições, costumes.

7 - REFERÊNCIAS

- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9 ed. Brasília: J. Olympio, INL, 1976.
- DÉGH, L. **Legend and belief: dialectics of a folklore genre**. Bloomington:University of Indiana Press, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. rev. e atual. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos, 2009.
- FINE, G. A. **Manufacturing tales: sex and money in contemporary legends**. Knoxville:The University of Tennessee Press, 1992.
- GREGOLIN, M. R. Nas malhas da mídia agenciando os gêneros, produzindo sentidos. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Identidade cultural e linguagem Cáceres**: Unemat Editora; Campinas: Pontes, 2005.
- LESSA, Luíza Galvão.**Atlas Etnolinguístico do Acre - ALAC**. Revista de Linguística e Filologia, nº. 10. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.
- _____. **A linguagem falada no Vale do Acre – Materiais para estudo**. Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC, Rio de Janeiro: 2002.
- _____. **A linguagem falada no Vale do Purus – Materiais para estudo**. Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC, Rio de Janeiro: 2002.
- _____. **A linguagem falada no Vale do Juruá – Materiais para estudo**. Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC, Rio de Janeiro: 2002.
- PINHEIRO, Marta. **A inteligência: uma contribuição da biologia ao processo educativo**. Revista Educar, Curitiba, n. 1 2, p.39-49, jan./dez. 2002.

A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

TEREZINHA BITTENCOURT (UFF-ABRAFIL)

RESUMO: Este artigo tem por escopo discutir princípios e métodos oferecidos pela linguística coseriana para a educação linguística dos alunos do programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

PALAVRAS-CHAVE: linguística coseriana, linguagem, educação de jovens e adultos.

A linguística, hodiernamente, encontra-se num tal estágio de maturidade e de desenvolvimento que é possível afirmar-se, sem o temor de se cometerem exageros, que não se pode tratar de questão alguma relativa ao ensino de línguas, sem que se tome por orientação alguma das correntes linguísticas. Os trabalhos, sob a forma de livros, artigos, monografias, teses, elaborados à luz de diferentes concepções de linguagem e metodologia, multiplicam-se em todas as áreas de interesse: discurso, texto, fonética/fonologia, morfologia, sintaxe, semântica. Todavia, tal diversidade de orientações – legítimas, vale lembrar, pois que, em cada uma delas, se examina o objeto sob diferentes perspectivas – se, por um lado, permitiu que a linguística avançasse cada vez mais em seu propósito de investigar a linguagem verbal em seus diferentes aspectos, por outro, levou o estudioso da linguagem, sobretudo o professor de línguas, a um estado de perplexidade diante de tantas propostas de estudo e de tanta divergência acerca de determinados temas.

Ademais, se, no ensino regular dos níveis fundamental e médio, o professor de língua materna ainda encontra à sua disposição farto material de consulta para tentar orientar-se nas estratégias a serem adotadas em sala de aula, de modo a alcançar êxito em suas propostas de ensino, na chamada “educação de jovens e adultos”, comumente designada por “EJA”, não se verifica o mesmo estado de coisas.

De fato, os trabalhos de linguística – sobretudo aqueles voltados para o campo de aplicação dos conceitos estabelecidos pela linguística teórica e pela linguística descritiva – privilegiam, via de regra, o ensino de língua materna na escola regular, descurando inteiramente a educação linguística dos alunos da

EJA. A impressão que se tem é de um total desprezo e de um absoluto descaso pela formação desse alunado, ao menos no que concerne ao ensino de língua materna. Tal fato pode ser comprovado pela ausência quase total de livros didáticos de qualidade, avaliados – tal como ocorre com os livros didáticos distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático às escolas de ensino regular da rede pública – por equipes de especialistas e voltados exclusivamente para esse tipo peculiar de aluno. Só muito recentemente a EJA passou a integrar o referido Programa, sem que os profissionais envolvidos no processo educativo fossem consultados.

Os professores que atuam na EJA se veem, então, com a necessidade de improvisar o material com o qual vão trabalhar, aproveitando textos retirados de livros didáticos dirigidos para o aluno do ensino regular, o que, evidentemente, se mostra inteiramente inapropriado, por desconsiderarem-se os princípios elementares de uma pedagogia salutar.

O plano secundaríssimo a que se encontra relegado a EJA também pode ser constatado pela falta de documentos oficiais que orientem minimamente a organização dos currículos e dos programas a serem utilizados ao longo do curso. Diante dessa trágica situação em que se encontra esse alunado tão sofrido de nosso país – sofrido, porque, em virtude da situação de injustiça e desigualdade social já endêmica entre nós, lhe foi cassado o direito básico e constitucional de dedicar-se aos estudos na escola regular, no tempo certo –, resolvi desenvolver minha pesquisa, na Universidade Federal Fluminense, na área do ensino de língua materna na EJA, tentando, assim, oferecer subsídios embasados na ciência da linguagem, para as reflexões e discussões dos professores que trabalham na área.

Comecei minha carreira no magistério atuando como professora do antigo curso supletivo, na década de setenta do século passado. E, ainda que o alunado da EJA seja, atualmente, bastante distinto daquele alunado com que trabalhei no passado, já que as circunstâncias sociais e econômicas eram outras, ainda assim é possível encontrar-se muitos aspectos semelhantes entre o antigo supletivo e a atual EJA. Aliás, a EJA foi o substituto do antigo ensino supletivo.

Contando com o auxílio de duas professoras – ambas com mestrado na linha de pesquisa voltada para o ensino de língua portuguesa e com ampla experiência docente – que atuam na EJA, na rede pública e na rede privada, tenho por escopo, na referida pesquisa, organizar, a partir de um perfil traçado de acordo com critérios rigorosos, conteúdos programáticos e material didático que sirvam efetivamente para a formação linguística desse alunado.

Não é fácil tarefa, estou ciente da magnitude do projeto proposto. Creio, todavia, que a universidade pública não pode – como tem feito, ao menos nas faculdades de letras – voltar as costas para esse segmento do ensino, dando a impressão, com seu silêncio, de que se trata de um alunado marginal,

posto à parte do processo pedagógico e que, por isso, não merece que com ele se gaste dinheiro, tempo e energia.

A organização será levada a cabo, consoante as seguras orientações fornecidas pela linguística coseriana, com a qual sempre estive identificada e de cujos valiosos princípios sempre pude valer-me para organizar minhas próprias aulas.

Na primeira etapa do trabalho, elaboramos, a fim de verificar tanto o perfil social dos alunos (idade, sexo, residência, trabalho) quanto sua formação escolar e cultural, um pequeno questionário, com as seguintes perguntas básicas, além da identificação (sexo, profissão etc.): 1) Durante quanto tempo você se ausentou da escola?; 2) Por que abandonou os estudos?; 3) Em que situações você costuma ler?; 4) Você gosta de ler?; 5) Durante sua vida escolar, antes de ingressar no EJA, você leu alguma obra de ficção? 6) Caso você tenha lido, você gostou da obra e se lembra de seu nome ou do nome de seu autor? 7) Em seu tempo de lazer, você costuma ir a cinema, teatro, exposição, concerto ou qualquer outro evento cultural?; 8) Você se lembra dos conteúdos ministrados na disciplina de língua portuguesa, na escola, antes de ingressar no EJA?; 9) Em que situações você costuma escrever?; 10) Você dedica algum tempo, em casa, para estudar os conteúdos das disciplinas ministradas no EJA?

Tais perguntas foram objeto de muita reflexão, antes de serem apresentadas, para não causarem qualquer tipo de constrangimento que pudesse ofender ou silenciar o aluno. Se essa medida de cautela deve ser adotada em qualquer trabalho que envolva educandos, no que concerne ao aluno da EJA, o cuidado deve ser redobrado.

De fato, o aluno da EJA já se encontra, para todos os efeitos, na vida adulta, e se sente, via de regra, inferiorizado por ter de estudar fora da escola regular. Muitos já têm a responsabilidade do sustento da família e, oriundos habitualmente das camadas mais humildes da população, possuem uma carga horária de trabalho exaustiva e moram longe da escola.

De modo que o tempo desse aluno em sala de aula tem de ser muito bem aproveitado, não se podendo, pois, admitir a menor possibilidade de improvisação. Há que se ter em mente que o aluno da EJA só dispõe de um pequeno horário de seu dia para dedicar ao trabalho intelectual. E, por chegar à escola à noite, já cansado de um dia de trabalho – para não falar dos recorrentes e mais que sabidos problemas que essa classe social desfavorecida enfrenta – o aluno precisa fazer um esforço sobre-humano para conseguir acompanhar com proveito as mais diferentes aulas num ínfimo espaço de tempo.

O professor da EJA, por seu turno, vive todas as enormes dificuldades, já sobrejamente conhecidas, enfrentadas pelos professores do ensino fundamental e médio, acrescidas de outras tantas, devidas ao fato de também chegar à escola à noite já cansado, depois de um dia inteiro de trabalho em diferentes escolas.

Todos esses problemas têm de ser considerados no planejamento de qualquer aula na EJA, porém, no que respeita às aulas de língua materna, mais ainda, pois as outras disciplinas dependem de seu bom andamento, já que, não importa a disciplina, em todas o aluno terá de ouvir, falar, ler e escrever em sua língua materna. E, por isso, é imprescindível que as aulas sejam preparadas tendo em vista objetivos claros e precisos, a fim de que o pouco tempo de que o professor dispõe seja proveitoso, no sentido de ajudar o aluno a desenvolver suas potencialidades.

E potencialidade, como já mostrava o saudoso Paulo Freire, é o que não falta ao aluno da EJA. Justamente por tratar-se de um aluno já amadurecido - se não pela idade, pelos grandes obstáculos impostos por sua condição social e econômica -, quer recuperar o tempo e se propõe a isso com uma determinação assombrosa.

Além do mais, é capaz de transformar sua dura realidade de vida numa experiência rica. Aproveitando os ensinamentos que recebe de uma forma criativa e deliberadamente participativa, basta ao docente fornecer-lhe os estímulos certos para que esse aluno se manifeste de maneira surpreendente.

As respostas dadas no questionário cuidadosamente organizado por nós orientarão, certamente, o rumo de nossa pesquisa de maneira geral. Mas, além dessas perguntas gerais que nos permitem conhecer o perfil sociocultural do aluno com que vamos trabalhar, há outras tantas perguntas que nós, linguistas e professores de língua materna, temos de fazer, para orientar nosso trabalho de maneira a obter êxito com esse alunado especial. Tais perguntas podem ser, assim, enumeradas: 1) Devemos apresentar pesos diferentes para o trabalho com textos orais e escritos ou devemos privilegiar uns em detrimento dos outros?; 2) A metalinguagem (ou ensino de gramática) deve ser, em algum momento apresentada ou deve-se centrar apenas na produção e interpretação de textos?; 3) A leitura e a interpretação de textos deve ter prevalência e dominância sobre a produção de textos?; 4) As regras prescritivas concernentes à variante de prestígio devem ser ensinadas explicitamente ou apenas inferidas pelos alunos a partir da exposição aos textos?; 5) Os saberes elocucional e expressivo devem ocupar um plano secundário, em benefício do saber idiomático?; 6) Todos os diferentes tipos de textos devem ser trabalhados ou

algum (ns) tipo(s) deve(m) receber atenção especial?; 7) Os textos literários deverão ser objeto de estudo nas aulas de língua ou deve separar-se o ensino de língua do ensino de literatura?; 8) O trabalho em sala de aula deve restringir-se a textos exclusivamente linguísticos ou, além desses, outras manifestações sígnicas (filmes, música, charges etc.) também devem ser apresentadas?; 9) Os textos produzidos pelos alunos devem ser corrigidos segundo que critérios?; 10) Como proceder-se à avaliação, tendo em vista o avanço dos alunos para as fases posteriores do ensino?; 11) É possível medir-se objetivamente a ampliação da competência linguística dos alunos?

Para algumas dessas perguntas já possuímos respostas, encontradas nas seguras orientações fornecidas pela linguística coseriana e pela vasta experiência adquirida na troca de ideias e na leitura das obras do Professor Carlos Eduardo Falcão Uchôa.

Por exemplo, já sabemos que o aluno da EJA, via de regra, ainda não sabe ler, embora já esteja alfabetizado. De fato, transpor o mundo dos sons para o mundo da visão é a primeira tarefa da alfabetização, ou seja, transformar a matéria sonora em matéria gráfica. No entanto, o cumprimento desta etapa apenas não é suficiente para fazer do aluno um intérprete de textos, pois a escrita constitui-se numa tecnologia sofisticada que requer de seu usuário muito esforço e energia para que seja efetivamente dominada. Assim, pretendemos fazer sempre a ligação entre textos orais e escritos, procurando levar as narrativas sob a forma oral – mostrando o ritmo, a intensidade, a melodia enfim, como instrumento de manifestação dos sentidos - antes de expor-lhes o texto escrito. Para tanto, vamos aproveitar uma prática adotada na escola antigamente e, hoje, muito pouco praticada, de fazer sempre a leitura oral de cada texto a ser lido em sala de aula, privilegiando, sempre, a leitura de textos literários, já que nestes, como ensina Coseriu, todas as possibilidades da linguagem se permitem manifestar.

Quanto ao ensino de metalinguagem, só ocorrerá, se e somente se, os textos discutidos oferecerem margem a esse tipo de reflexão. Nossa proposta leva em conta o fato de a linguagem verbal pertencer ao gênero das atividades e, portanto, só poder ser adquirida no próprio exercício. Em outras palavras, só se aprende uma língua, ou melhor, só se adquire a linguagem, ouvindo e falando, lendo e escrevendo e, não, fazendo reflexões sobre a própria língua ou sobre a linguagem. O professor dispõe de pouco tempo de aula para ensinar e o aluno para aprender, logo, é necessário tratar como prioridade a interpretação e a produção de textos.

Vale lembrar que a carga horária obrigatória da disciplina de língua portuguesa, para o segundo segmento do nível fundamental, é de 400 horas.

Quer isto dizer que, enquanto no ensino regular o aluno frequenta durante quatro anos as aulas de língua portuguesa, no EJA o tempo é reduzido à metade. O ensino médio, por seu turno, pode ser concluído em dois anos, ou seja, um ano a menos do que é obrigatório para o ensino regular.

Paulo Freire, como todos sabem, foi o grande inovador na área da educação de adultos. Suas ideias nortearam o processo de alfabetização de adultos em inúmeros países do Terceiro Mundo que davam início ao processo democrático, ainda oscilante e instável, muitas vezes depois de traumáticas guerras civis. E com sucesso, é mister salientar. Tal êxito deveu-se, principalmente, à sabedoria e à sensibilidade do Mestre, ao perceber que esse segmento da população merecia um tratamento especial, o que implicava, antes de tudo, a rejeição à metodologia tradicionalmente adotada, que consistia numa mera transposição e condensação dos conteúdos programáticos do ensino regular para o ensino de adultos. Seu método, ademais, preconizava a valorização do conhecimento trazido para a escola por esse aluno, como forma não apenas de valorizar sua autoestima e seu orgulho, mas também de difundir a rica experiência de vida que todo ser humano adquire ao longo de sua existência.

Estou, como os educadores de esquerda, em cujas ideias tento basear minha atividade profissional, entre aqueles que acreditam firmemente que todos, numa sociedade, têm o direito inalienável à educação pública, gratuita e de qualidade. E não importa em que período de vida essa escola passe a integrar a história de cada um. Por isso, pretendo, com o auxílio precioso das colegas de magistério a que fiz referência, esforçar-me para promover uma educação linguística de qualidade. Sei que isso é possível, pois minha longa experiência no magistério já comprovou que, mesmo o sistema capitalista promovendo, através das estratégias mais perversas e sórdidas, o despreço pela educação pública de qualidade, até hoje há pessoas lutando pelos princípios nos quais creem e resistindo com toda sorte de instrumentos ao desmonte da escola pública.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Terezinha. “A língua literária e o ensino de português”. *Confluência*: Revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, nº 33/34, 2º semestre de 2007 e 1º semestre de 2008, Rio de Janeiro.

BITTENCOURT, Terezinha. “Oralidade, escrita e mídia: o meio e a mensagem”. In *Entre as fronteiras da linguagem*: textos em homenagem ao Professor Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Rio de Janeiro: Lidador, 2006.

COSERIU, Eugenio. *Lições de linguística geral*. 2ªed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

COSERIU, Eugenio. “Do sentido do ensino da língua literária”. *Confluência*: Revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, nº 5, 1º semestre de 1993, Rio de Janeiro.

COSERIU, Eugenio. *Competencia lingüística*: elementos de la teoría del hablar. Madrid: Gredos, 1992.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *Ensino de gramática*: caminhos e descaminhos. 2ª ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Lexicon, 2016.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *Sobre o ensino da análise sintática*: história e redirecionamento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

ENTREVISTA

Entrevista do Acadêmico Manoel Pinto Ribeiro com o Acadêmico Antônio Martins de Araújo, presidente de honra da Academia Brasileira de Filologia sobre sua obra *“A língua portuguesa no tempo e no espaço”*, integrante da Coleção de História do Brasil, das prestigiosas edições do Senado Federal, vol. 242, Brasília, 2017.

M.P.R. – Como nasceu a ideia de escrever sua recente obra supracitada?

A.M.A. – Durante cerca de dez anos, mensalmente, mantive minhas Colunas de Língua Portuguesa estampadas nas duas páginas centrais do periódico Correio dos Municípios, de intensa circulação nos municípios maranhenses.

M.P.R. – Os ensaios da obra supracitada foram editadas apenas naquele mensário?

A.M.A. -- Não. Na Revista Portuguesa de Humanidades, da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, de Braga, saíram em 1999, estes meus ensaios de crítica literária; Uma Sociopoética de Liberdade e paixão, sobre a obra Labirintos e Mapas, da saudosa filósofa e poetisa portuguesa Maria Helena Varela. Em 2000, Duarte Nunes do Lião e a saudade do Latim; em 2001, o Vocabulário Histórico-cronológico do português medieval, do saudoso lexicógrafo Antônio Geraldo da Cunha; em 2002, Celso Cunha, filólogo plural; em 2003, a Linguística portuguesa e o grupo maranhense; em 2004, Bilinguismo, diglossia e creoulização nos países lusófonos (esta, editada também na Revista UNIABEU, ano IV, n.º 4, julho/dezembro de 2003 - Belfort Roxo/RJ; e Arthur Azevedo: O cordão umbilical do maranhense, na revista Remate de

Males. Teatro, Literatura e Imprensa na virada do século.
UNICAMP Instituto de Estudos da Linguagem 28.1

M.P.R. – O que o levou a decidir mudar-se, com a numerosa família, de São Luís do Maranhão para a Cidade Maravilhosa em 1964?

A.M.A. – Como catedrático de Língua Portuguesa e Diretor do Colégio Estadual do Maranhão, ex-Liceu Maranhense, o terceiro mais antigo de nosso país, eram tão ínfimos os meus vencimentos, que eu tinha de acumular com aulas no Ateneu Teixeira Mendes e no Ginásio Rosa Castro, para poder manter dignamente minha família. Resultado: passei aqui a trabalhar oito horas semanais a menos e ganhar seis vezes o que eu auferia por lá.

M.P.R. – Em 1964, você e sua família vieram residir em Copacabana?

A.M.A. – É perfeitamente compreensível que fôssemos morar na rua Maranhão, em Boca do Mato, num casarão de quatro quartos num terreno de 3.200m², com pés de abacate, graviola, coco manso e uma sebe de bortalha em torno da casa. No fim do quintal, havia um pequeno canavial, de onde, de binóculo, avistávamos a baía de Guanabara. Perto de nossa casa tudo se chamava Maranhão: Farmácia, Colégio, Escola – tudo era Maranhão. Convidado pelo meu saudoso amigo Prof. Jairo Bezerra, pude estreitar na educação de massa, ministrando aulas de Português, primeiro na Universidade de Cultura Popular, de Gilson Amado, nos anos de 1965 e 1966, na TV Continental, canal 9, da organização Rubens Berardo, vice-governador de Negrão de Lima. Os volumes 1 e 2 com as minhas aulas, acompanhadas da teoria gramatical de acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara e Dinamérico Pereira Pombo, eram gratuitamente distribuídos aos milhares de alunos inscritos. Em 1967, Gilson Amado conseguiu um polpudo patrocínio da Shell, sendo então os volumes 1 e 2 distribuídos gratuitamente nos postos Shell de todo nosso país aos automobilistas que abasteciam os seus veículos por lá.

M.P.R. – A publicação de seus ensaios de Linguística Aplicada restringiu-se à Revista Portuguesa de Humanidades, da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, de Braga?

A.M.A. – Não. Em dezembro de 2003, a Revista da Associação Brasileira de Ensino Universitário, Revista UNIABEU, editou-me o ensaio Bilinguismo, diglossia e creoulização nos países lusófonos; a revista Remate de Males, do Instituto de Estudos da Linguagem, do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP, no exemplar intitulado Teatro, literatura e imprensa na virada do século editou-me o ensaio Artur Azevedo: o cordão umbilical do maranhense. A separata da revista do Instituto de Língua Portuguesa, intitulada Confluência, n.º 23, do 1.º semestre de 2002, Rio de Janeiro,, editou-me uma resenha crítica do periódico Caminhos do Português, em que focalizei ensaios linguísticos sobre o português europeu da autoria de Rui Tavares, Arsênio da Piedade, Cândido Lusitano, Luís Prista, Luísa Segura, João Saramago e Manuela Barros Ferreira.

M.P.R. – Você editou algum ensaio com o selo de nossa Academia Brasileira de Filologia?

A.M.A. – Sim. Em 2009, editei estes dois: Artur Azevedo – Centenário de morte de um escritor eterno, com 56 páginas; e Maranhão Sobrinho (um jogo de dados, com 62 páginas. Naquele, falo da São Luís de quando Artur Azevedo nasceu e viveu por cerca de dezoito anos, e traço um Panorama do Brasil literário novecentista, do comediógrafo, do satirista, do contista, do periodista, do cronista, e encerro com o depoimento de uma dezena de testemunhos altamente positivos de sua Fortuna Crítica. Do segundo, falo do seu itinerário de vida. Nasceu em Barra do Corda em 1879, num dia de Natal, e, segundo a tradição oral, o poeta ostentaria um nome digno de monarcas espanhóis: José Américo Olímpio Cavalcanti dos Albuquerque MARANHÃO SOBRINHO,

autor de várias obras-primas líricas, como Papéis velhos, roídos pela traça do tempo (Tip. Frias, S. Luís, MA, 1908); Estatuetas (Tip. Ramos de Almeida, 1909) e Vitórias-régias (Manaus, Carlos Portal, 1911). Todos três foram criticamente por mim reeditados nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. 113, em 1993.

M.P.R. – Como vai a tentativa de resgate da obra ciclópica de Artur Azevedo?

A.M.A. – Graças a alguns livros-de-ponto, pudemos editar suas comédias, hoje na terceira edição, todas prefaciadas com ensaios meus sobre sua comediografia. Suas obras da adolescência constituem o primeiro volume de suas Sátiras, da Coleção Resgate, Presença MinC Pró-leitura / Instituto Nacional do Livro, 162 págs., Rio de Janeiro, RJ, 1989. Na Coleção Melhores Contos, da Global Editora, SP, 2001, editei-os prefaciados com o meu ensaio A perenidade do efêmero, de dezoito páginas.

M.P.R. – Com isso, nada mais a resgatar da obra de Artur Azevedo?

A.M.A. – Muito pelo contrário. Já reuni cereca de quinhentos epigramas, assinados com seu heterônimo de Gavroche, inicialmente editados por ele no jornal carioca O Paiz, o de maior tiragem na América do Sul àquela época. Quando residia com a família na rua dos Junquilhos, em Santa Teresa, esse assistiu de binóculos o bombardeio do Almirante Custódio José de Melo, em represália à derrubada de dom Pedro II, de quem era áulico admirador. Em sinal de protesto, Artur, que, como todo jovem esclarecido daquela época, era abolicionista e republicano, editou naquele periódico esta quadrinha no centro da primeira página daquele diário: “Tem uma flor no princípio / o nome do marechal, / mas o nome do almirante / principia muito mal.” Como pouca repercussão alcançasse junto ao povão, no dia seguinte, radicalizou com esta outra: “Custódio, Custódio, / Que nome tens tu, / Termina por ódio, / Começa por ...

“Não seria de bom tom publicar na primeira página de um jornal que seria lido pelas famílias fluminenses a palavra chula *cu*, tão utilizada em Portugal como sinônimo de bunda.

M.P.R. -- No século XIX, em razão de seus escritores de escol, São Luís do Maranhão era chamada de Atenas Brasileira. Você poderia citar alguns desses escritores?

A.M.A.—Senão vejamos; Aluísio Azevedo introduziu o Naturalismo em nosso país com romances marcantes, como *Casa de Pensão*. O cortiço e *O mulato*; seu irmão Artur Azevedo, como todos sabem, foi o mais fecundo comediógrafo daquele século; Antônio Gonçalves Dias, o cantor dos timbiras, nosso corifeu do Romantismo; Francisco Sotero dos Reis, seu principal gramático; Filipe Franco de Sá foi autor do primeiro tratado brasileiro da pronúncia padrão. Após concluir o primário em São Luís do Maranhão, concluiu os estudos no nível médio no Colégio Marinho, do Rio de Janeiro; bacharelou-se em Ciências Jurídicas em Recife; especializou-se nesses conhecimentos em São Paulo, concluindo, por dois anos, esses altos estudos na Sorbone, onde fervilhava a nascente Sociologia, ciência em que brilhou o maranhense Teixeira Mendes.

M.P.R.—A que se pode atribuir essa vocação maranhense pelo amor ao vernáculo?

A.M.A.—Em meu livro *A herança de João de Barros e outros estudos*, editado em 2003 pela Academia Maranhense de Letras, da qual ocupo a cadeira n.º 3, cujo patrono é nada menos que Artur Azevedo, dedico os dois primeiros capítulos a João de Barros, primeiro donatário da capitania do Maranhão, a saber: o primeiro, sobre o sonho brasileiro dele, sobre seu legado humanístico com suas três principais obras, a saber: 1. Cartilha para aprender a ler silabando; 2e. Preceitos e mandamentos da Igreja, com algũas doutrinas cathólicas em que os mininos [sic] devem ser doutrinados, com um Tratado da missa e orações bilíngues (latim-português); 3.

A primeira Grammatica da Língua Portuguesa; 4. Um Diálogo em louvor de nossa linguagem (1540); e 5. Diálogo da viciosa vergonha (1540). Todas essas cinco obras foram editadas pelo impressor João Rodrigues.

M.P.R. – E o namoro dos maranhenses com a língua francesa de La Ravardière, ‘sieur de la Touche, e de seus imediatos Rassily e Sancy, continua firme e continuado?

A.M.A. – Na obra coletiva *A rendição dos franceses no Maranhão*, na ótica de Alexandre de Moura, Gaspar de Sousa e Miguel Gonçalves Reguefeiro de Leça, editada pelo Instituto GEIA em 2010, preparei um glossário de cinquenta e um arcaísmos, acompanhado de uma seleta bibliografia. A primorosa edição foi organizada, com a competência de sempre, por meu operoso confrade da Academia Maranhense de Letras, Prof. Dr. Sebastião Moreira Duarte.

M.P.R.—No ano 2.000, a Academia Brasileira de Filologia, em companhia da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, promoveu na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o Congresso Internacional Brasil 500 anos de Língua Portuguesa. Você colaborou com algum ensaio nesse evento?

A.M.A – Colaborei com o ensaio “Duarte Nunes do Lião e a saudade do Latim”, editado pela Ágora da Ilha. Para escrevê-lo, além da obra de Duarte Nunes do Lião, baseei-me em obras fundamentais sobre o tema, como as da autoria do Dr. J. Kukenhein, Fernão de Oliveira, João de Barros e Pero de Magalhães de Gandavo, Antônio Gonçalves Dias, Eugenio Coseriu, Maria Leonor Carvalho Buescu, Antônio Geraldo da Cunha e Joaquim Mattoso Câmara Jr.

M.P.R. – Segundo sei, o maranhense que se preza a tem de ser também poeta. Como maranhense assumido, você editou alguma obra poética?

A.M.A. – No 4.º Centenário da fundação de São Luís do Maranhão pelos franceses de la Ravaardière, editei um folheto de estrofes em forma de literatura de cordel intitulado *A cidadezinha dos palácios de porcelana*, e outro com os sonetos de amor à minha então namorada Jovita, intitulado *Umas poucas verdades e as mentiras da felicidade*. Em 1991, pela Aliança Cultural Brasil-Japão, Massao Ohno editou em São Paulo o meu livro de poemas *Chão do Tempo*, com apresentação de Gilberto Mendonça Teles, o príncipe dos poetas goianos, e ilustrações do premiadíssimo artista gaúcho José Benício. Em 2005, o Instituto GEIA, em São Luís do Maranhão, promoveu a 2.ª edição poliglota e ilustrada por José Benício e minha filha primogênita Profa. Norma Sueli Araújo Bastos, licenciada em Desenho e Plástica, em 1978, pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. M.P.R. – Quais são suas principais obras de análise literária?

A.M.A. – Em 1982, o Editorial Alhambra promoveu minha 7ª edição crítica e ilustrada dos *Contos fora da moda*, de Artur Azevedo/ e, em 1988m, a Universidade Federal do Rio de Janeiro promoveu a edição ricamente ilustrada com fotos de época do meu livro *Arthur Azevedo: a palavra e o riso*, na Coleção Estudos, da editora paulista Perspectiva. No momento, inicio a digitação de cerca de quinhentos epigramas assinados por Gavroche, o mais usual heterônimo de Artur Azevedo, a fim de editar em 2018 o segundo volume de sátiras desse grande escritor maranhense.

M.P.R. – Você chegou a editar algum ensaio de crítica literária sobre algum artista carioca?

A.M.A. – Em 1999, pela carioca Thex Editora, co-editei com Castelar de Carvalho nossa obra de crítica literária intitulada *Noel Rosa – língua e estilo*, de há muito esgotada, a pedir uma reedição aumentada.

M.P.R. – Editando intensamente seus ensaios em nosso país e fora dele, já editou alguma de cunho autobiográfico?

A.M.A. – Sim. Trata-se de *O menino do Ribeirão*. Editado em 2013 pela maranhense 360.º Gráfica com 56 capítulos distribuídos por 170 páginas. O segundo volume de minhas memórias (confessáveis) intitular-se-á *O menino cresce e desaparece*, conforme sugestão de meu amigo Gilberto Mendonça Teles.

M.P.R. – Você já editou outra obra de crítica literária?

A.M.A. – Sim. Em 2014, pela editora curitibana Appris/Prisma, editei *O peito do pelicano*, com 15 capítulos distribuídos por 220 páginas. Inicio-o com o capítulo intitulado *O Banquete de Camões / Reflexões sobre sua lírica*; e concluo-o com o intitulado *Estratégias retóricas do arisco poeta goiano Gilberto Mendonça Teles*.

M.P.R. – Conforme disse acima, você editou muitos ensaios na Revista da Universidade Católica Portuguesa, da cidade de Braga. Por ventura, já o fez em outros países?

A.M.A. – Sim. Em 2002, no periódico bilíngue japonês-inglês intitulado *Reconstitution of classical studies*, editei, em português meu ensaio intitulado *A Grammatica da lingoagem portuguesa de Fernão de Oliveira e os Índices Maruyama da ortografia lusitana quinhentista*; e, na alemã *Beihefte zu lusorama*, da Domus editoria Europae, de Frankfurt am Main, em 2006, no folheto intitulado *Portugiessische Sprachgeschichte und*

prachgeschichtsschichtsschreibung, o meu ensaio intitulado *Duarte Nunes do Lião e a saudade do Latim*.

M.P.R. – Para finalizar, você lançará alguma obra no XVIII Bienal do Livro da cidade do Rio de Janeiro?

A.M.A. – Sim. Talvez, minha obra mais ambiciosa, seja *A língua portuguesa no tempo e no espaço*. Seus 26 capítulos, distribuídos por 480 páginas, traça um rico painel de nossa penúltima flor do Lácio, culta e bela.

RESENHA

ANTÔNIO MARTINS DE ARAÚJO

APRESENTAÇÃO

A obra *A Língua Portuguesa no tempo e no espaço*, do acadêmico Antônio Martins de Araújo, recém-saído com o selo das edições do Senado Federal, praticamente abarca 500 anos de língua portuguesa falada em vários continentes.

PARTE TEÓRICA

O mundo fascinante do significado

As tarefas da Filologia

Função e utilidade dos principais léxicos luso brasileiros e afins

Breve notícia da ortografia portuguesa

IDADE MÉDIA

O testamento de Afonso II – confronto da versão toledana com a portuguesa

O uso do particípio nos diálogos de São Gregório, da segunda metade do séc. XIV

Vocabulário histórico-cronológico do português medieval, de Antônio Geraldo da Cunha

SÉCULO XVI

A relação grafema-fonema no texto da epopeia *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões

Duarte Nunes do Lião e a saudade do Latim

A pronúncia do português quinhentista a luz dos antigos tratados do séc. XVII

SÉCULO XVII

Análise filológico-estilística da *Jornada do Maranhão* (1614) de Diogo Campos Moreno, capitão e sargento-mor do Estado do Brasil

Empréstimos tupinambás aos falares do noroeste maranhense setecentista na ótica dos capuchinhos franceses setecentistas Claude d'Abbeville e Ives d'Evreux; e oitocentista na ótica de frei Francisco de Nossa Senhora dos

Prazeres, na sua excelente obra *Poranduba Maranhense*

SÉCULO XVIII

A utopia ortográfica setecentista do **Verdadeiro método de estudar** de Luís

Antônio Verney

Os herdeiros de João de Barros na Academia de Filologia

SÉCULO XIX

Vida e obra do “maior artista do verso” no Brasil – Raimundo Correia

Sistema, norma e fala na burleta **Pum!**, de Arthur Azevedo

Ecos da vida impoluta e importância da obra histórica de João Francisco

Lisboa no 2.º centenário de seu nascimento

SÉCULO XX

O contributo do filólogo nipônico Prof. Toru Maruyama para o
conhecimento das gramáticas e ortografias quinhentistas da língua

portuguesa

Variedades dialetais do português europeu-continental e insular

Bilinguismo, diglossia e crioulação nos países lusófonos

A acentuação do acordo ortográfico luso-brasileiro de 1987 à luz dos antigos
tratados portugueses

Algumas querelas ortográficas do português novecentista

A Amazônia acreana e os sertões nordestinos na ótica de Euclides da

Cunha no 105.º aniversário de sua trágica morte

Lirismo, ironia e sátira no folhetim picaresco **Galvez Imperador do Acre**
de Márcio Souza

Técnicas impressionistas no romance psicológico **Seringal**, de Miguel
Jeronymo Ferrante

Ascensão e queda de um déspota no romance **Terra caída**, de José
Potyguara

HOMENAGENS PÓSTUMAS

REMEMORANDO O MEU ANTECESSOR – CÂNDIDO JUCÁ FILHO

MARIA ANTONIA DA COSTA LOBO – (ABRAFIL E UERJ)

BREVE RETROSPECTIVA

Esse carioca ilustre nasceu em 02 de setembro de 1900.

Filho de Julieta Pereira Cabral e de outro notável: o Professor Cândido Jucá.

Estudou no Colégio Pio Americano até 1915, quando ingressou na Faculdade de Direito, onde concluiu o Curso de Estudos Jurídicos, em 1919.

Antes mesmo da conclusão desse curso, começou a lecionar como Auxiliar de Ensino na Escola 15 de novembro, em Quintino.

Mais tarde, através de Concurso, em 1928, passou a lecionar Português na Escola Visconde de Cairu, logo em 1929.

A partir de 1933, tornou-se catedrático de Português/Literatura do Ensino Normal (Instituto de Educação do Distrito Federal).

Foi um dos fundadores da ABraFil, ocupando a cadeira de número 30, cujo patrono é o próprio pai (Professor Cândido Jucá).

Integrou ainda a *Société de Linguistique Romane*, além de pertencer aos quadros da Academia Carioca de Letras e do PEN Clube do Brasil.

Considerando-se que a publicação deixada por Cândido Jucá Filho abrange contos, conferências, livros, artigos,... merecem destaque as seguintes obras: *O crepúsculo de Satanás* (Contos, 1938), *O fator psicológico na evolução sintática* (tese de Concurso, 1953), *Gramática Histórica do Português Contemporâneo* (com uma quinta edição em 1961), *Curso de Português* (didáticos para o 1º, 2º e 3º anos colegiais), *Dicionário Escolar das Dificuldades da Língua Portuguesa*, *Noite Insone* (Contos, 1963) e *Pedrinhsa de Meu Mosaico* (Contos, 1970).

Extensa foi a contribuição do emérito Cândido Jucá aos Estudos Lingüísticos no Brasil, e mais: foi autor de vários artigos para o *Correio da Manhã* – uma constante de 1923 a 1933. Mas contribuiu ainda para outros periódicos: *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *Diário*

de *Notícias*, publicando aproximadamente 194 artigos.

No *Dicionário Escolar das Dificuldades da Língua Portuguesa* (R.J: FENAME, 3ª edição, 2ª tiragem,), Humberto Grande destacou:

Para designar um objeto, para caracterizar uma circunstância, para definir algo, é preciso ter presente, no espírito, grande número de palavras, não para empregá-las todas, mas para escolher as que mais se prestam ao caso e ficam mais elegantes e expressivas.

Ressalte-se, nessa obra lexicológica, o destaque de Cândido Jucá Filho para a substituição do conceito de certo e errado pelo conceito de corrente.

E também a preocupação filológica do Confrade de indicar as fontes de pesquisa para o compêndio lexicográfico e lexicológico, além das abreviaturas utilizadas e da presença de oito registros referentes ao que seria tratado em *Análise do Discurso*, enquanto pressuposição. Tudo isto antes do início da ordenação alfabética dos termos coletados e selecionados.

CONCLUSÃO

Muitos alunos (estudantes ainda do século passado) tiveram o privilégio de consultar livros didáticos, de autoria de vários professores que para eles lecionavam, nos respectivos Colégios, onde os mencionados alunos estavam matriculados.

Costumo relembrar-me, vez por outra, de um livro, cujo título é *Língua Pátria* e tem por capa uma foto da Academia Brasileira de Letras. Nesta obra, foi registrado um capítulo dedicado à evolução fonética da Língua Portuguesa – desde esse estudo (na quarta série ginasial) revelou-se minha identificação com a Filologia Românica.

Como a interação entre a Flor do Lácio e o idioma Pátrio auxiliava na ampliação de conhecimentos!

Áureos tempos aqueles em que a formação estudantil era centrada no Ensino do supracitado idioma Pátrio.

Concordando com o Professor Walter Vergna (In *Comunicação Nobre* p. 11 a 12):

Imaginemos o palácio da linguagem semelhante ao de Faetonte: um portal bivalve se escancara com a simples aproximação de quem pretende freqüentar a corte glossal onde eminem alvinitentes e refletindo positivamente os cristais eternos dos mais sagrados valores, as idéias se entoucam e se banham nos mais caros extratos, vestindo sobre si a túnica purpurada da linguagem, única que embeleza sem obstruir a visão da intimidade da comunicação.

Tudo ali é deslumbramento.

MEMÓRIA

CELSE CUNHA - BIOGRAFIA

Quarto ocupante da cadeira 35, foi eleito em 13 de agosto de 1987, na sucessão de José Honório Rodrigues, e recebido pelo acadêmico Abgar Renault em 4 de dezembro de 1987.

Celso Cunha, professor, filólogo e ensaísta, nasceu em Teófilo Otoni, MG, em 10 de maio de 1917, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 14 de abril de 1989.

Era filho de Tristão da Cunha, professor e político mineiro, e de Júlia Versiani da Cunha e irmão do ex-deputado Aécio Cunha. Em 1921 sua família transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde iniciou sua formação no Colégio Anglo-Brasileiro. Bacharelou-se em Direito (1938) e licenciou-se em Letras (1940) pela antiga Universidade do Distrito Federal. Aí teve entre seus professores filólogos de renome na Europa, como Jean Bourciez, Jacques Perret e Georges Millardet, e os brasileiros Antenor Nascentes e Sousa da Silveira, a quem Celso Cunha devotou, ao longo de sua vida, o mais profundo respeito e a quem deveu a sua opção pela crítica textual e o gosto pelos jograis e trovadores da Idade Média.

Em 1947, formou-se Doutor em Letras e Livre-docente em Literatura Portuguesa pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, com a tese *O cancionero de Paay Gómez Charinho*, trovador do século XIII.

Ser filólogo era, na época, conhecer a história da língua e, com base no latim e no desenvolvimento das línguas que dele se originaram, aprofundar-se na Romanística e descobrir, pela aplicação do método histórico-comparativo, a origem e solução de seus problemas. Por essa razão os seus primeiros trabalhos tiveram por objeto o português arcaico.

Celso Cunha deu contribuição essencial para o estudo dos cancioneiros, fundamentais para o conhecimento da origem e evolução da língua. Seus três livros sobre os cancioneiros foram tese de concurso: o de Paay Gómez Charinho (1947), Joan Zorro (1949) e Martin Codax (1956). Medievalista consagrado, sua obra filológica versa particularmente sobre os problemas de crítica textual e de versificação. Os seus trabalhos nessa área como *Estudos de poética trovadoresca* e *Língua e verso* têm sido considerados modelares pela crítica especializada. Nos últimos anos, dedicava-se à linguagem quinhentista e ao estudo da modalidade brasileira do português. Deixou incompleta a *História da língua portuguesa no Brasil*.

Outra vertente dos seus estudos está nas inúmeras gramáticas que escreveu, a começar pelo *Manual de português*, publicado em 1965 e com muitas reedições. Fazia o roteiro para os vários níveis de ensino aos quais se dedicava no Colégio Pedro II e na Faculdade de Filosofia. Editou uma *Gramática do português contemporâneo* (1966), uma *Gramática moderna* e uma *Gramática da língua portuguesa* (1972). Seu último trabalho de vulto foi a *Nova Gramática do português contemporâneo*, escrita em colaboração com Luís Filipe Lindley Cintra, da Universidade de Lisboa. O livro trabalha na chamada linguística contrastiva, que busca um código contrastivo da lusofonia. Nele se examinam, pela primeira vez, em confronto, as normas brasileira, portuguesa e africana do idioma.

A terceira vertente da obra de Celso Cunha é a de ensaios com reflexões sobre a língua, entre os quais os livros *Língua portuguesa e realidade brasileira*, *A questão da norma culta brasileira*, *Uma política do idioma*, *Conservação e inovação do português no Brasil*, *Língua, nação, alienação* e *Em torno do conceito de brasileirismo*.

Iniciou a carreira do magistério em 1935, como professor contratado de Português do Colégio Pedro II. Foi professor titular de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de onde foi Decano do Centro de Letras e Artes; professor titular e, por dez anos, diretor da Faculdade de Humanidades Pedro II. De 1952 a 1955, de 1970 a 1972 e em 1983, foi o primeiro leitor brasileiro na Sorbonne. Em 1966 foi professor na Universidade de Colônia. Em 1984, lecionou História da Língua Portuguesa no curso de pós-graduação da Universidade Clássica de Lisboa. Recebeu os títulos de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade de Granada, Espanha (1959), e de Professor Emérito da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987).

Foi professor como seu pai Tristão da Cunha e seu avô Benjamin Ferreira da Cunha, e como são professores sua filha Cilene da Cunha Pereira e o seu genro Paulo Roberto Dias Pereira, e era assim que gostava de ser conhecido e lembrado.

Além do magistério e obra escrita, ocupou importantes funções públicas. Durante quatro anos dirigiu a Biblioteca Nacional; foi Secretário Geral de Educação e Cultura do Governo Provisório do Estado da Guanabara, em 1960; membro do Conselho Federal de Educação, onde exerceu dois mandatos, de 1962 a 1970; coordenador-geral do Projeto de Estudo Coordenado da Norma Linguística Culta, Projeto NURC, em 1972; coordenador do Projeto de Estudo da Fala dos Pescadores na Região dos Lagos, Projeto da FAPERJ, em 1980; coordenador do *Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro*, Projeto da FAPERJ, em 1986;

membro do Conselho Federal de Cultura. Era figura eminente da Comissão de Textos da Unesco e representante do Brasil no Instituto Internacional de Língua Portuguesa.

Foi membro da Comissão Machado de Assis, encarregada de elaborar a edição crítica das obras do escritor, e da Comissão para fixação da Nomenclatura Gramatical Brasileira, em 1957; presidente do Grupo de Trabalho, criado pelo ministro da Educação e Cultura Nei Braga, destinado a apresentar sugestões objetivando o aperfeiçoamento do ensino do Português, em 1976; revisor do texto da atual Constituição do Brasil, a convite da Assembleia Constituinte, em 1987.

Pertencia à Academia das Ciências de Lisboa, à Academia Mineira de Letras, à Academia Brasileira de Filologia, ao Círculo Linguístico do Rio de Janeiro, à Société de Linguistique de Paris, à Société de Linguistique Romane, à Association Internationale de Sémiotique, à Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina, à Oficina Internacional de Información y Observación del Español e ao PEN Clube do Brasil.

Recebeu o Prêmio José Veríssimo (Ensaio e Erudição) da Academia Brasileira de Letras (1956); o Prêmio Paula Brito, da Prefeitura do antigo Distrito Federal (1958); o Prêmio Moinho Santista de Filologia (1983).

Em sua homenagem foi publicado o volume *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam de Celso Cunha*, com a coordenação de Cilene da Cunha Pereira e Paulo Roberto Pereira, em 1995

Nota – Biografia colhida em site da Academia Brasileira de Letras.

NOTICIÁRIO

A ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA realizará na UERJ, no auditório 111, 11.º andar, nos dias 6 e 7.7.2017 os ESTUDOS DE LÍNGUA E LITERATURA VI - 2017, com a seguinte programação

05.7.2017 – 14h

MACHADO DE ASSIS E SEU USUÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

–

PROF. DR. EVANILDO BECHARA

05.7.2017 15h,30

ESTUDOS SOBRE A LITERATURA LATINA MEDIEVAL: os provérbios

PROF. DR. ÁLVARO ALFREDO BRAGANÇA JR.

05.7.2017 -16h45

O ALIENISTA., DE MACHADO DE ASSIS: um estudo de crítica textual em tempos de autoritarismo.

PROF.^a DR.^a CEILA MARIA FERREIRA BATISTA

06.7.2017 – 14h

UM ÁPORO NO MEIO DO CAMINHO

PROF. DR. ANTONIO CARLOS SECCHIN

06.7.2017 – 15h30

O INFINITIVO FLEXIONADO EM PORTUGUÊS: relembrando um “jogo histórico”

PROF. DR. CLAUDIO CEZAR HENRIQUES

06.7.2017 – 16h45

A CRÍTICA LITERÁRIA NA PÓS-MODERNIDADE

PROF. DR. GILBERTO MENDONÇA TELES

O certificado dará direito a 12 horas-aula.

CENTENÁRIO DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

A ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS completará, em 22 de julho de 2017, 100 anos a serviço da Cultura, da Memória e da História.

Entre seus objetivos, estão: estimular e promover a cultura, as ciências sociais e as artes, a valorização do Idioma e das Letras Nacionais; contribuir para a preservação da memória dos vultos que se distinguiram na história literária, especialmente a do estado do Rio; apoiar iniciativas e

eventos literários, socioculturais e entidades voltadas para o desenvolvimento das publicações literárias e artísticas, a memória e a história do estado do Rio de Janeiro; fomentar a cooperação e o intercâmbio entre academias e entidades congêneres.

Admitiu, por méritos, a primeira mulher acadêmica –Albertina Fortuna Barros, eleita depois a primeira mulher presidente de Academia no Brasil.

Dela faz parte o acadêmico MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA, também membro da ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA.

Parabéns a todos os confrades da ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS.